Revista Michaelense

Anno 2º - Abril 1919 - Nº 2

José Claudio de Sousa & C.ª

Estabelecimento de Quinquilharias, Papelaria, Livraria, Louças e Vidros

Representantes da IMPRENSA NACIONAL—Lisboa, da **Manufacture Française d'Armes**, Saint Etiene—França, da **Tinturaria Cambournac**—Lisboa e da importante casa ingleza **Knowles & Foster**—Londres.

Endereço telegraphico—OIDUALC—Pontadelgada

Codigos usados RIBEIRO e A. B. C. 5.ª edição **CAIXA DO CORREIO n.º 18**

7 Rua Antonio José d'Ameida—9 (Vulgo Rua Nova da Matriz) Ponta Delgada—S. Miguel—Açores

EVARISTO FERREIRA TRAVASSOS

Papelaria, Livraria e Artigos de Novidade

Papeis e envelopes nacionaes e extrangeiros

Novidades literarias

Artigos para escriptorio

Postaes e albuns com vistas da ilha, assim como rendas e varios trabalhos manuaes de industria local

Lado Norte da Matriz N.º 23

Ponta Delgada—S. Miguel—Açores

Livraria Editora Andrade

Angra do Heroismo

Edita obras de fundo recebendo propostas de autores insulares e continentaes

PUBLICAÇÕES RECENTES

Os Açores de Portugal—A Guerra—Portugal no Seculo XVI—A Crise do Ideal na Arte—O Poeta Povo—Esboços.

Agente em Ponta Delgada

FORTUNATO SOARES DE MELO

PAPELARIA AMBAR

DE *ERNESTO SOARES DE FREITAS*

COMISSARIADO DA POLVORA

Nesta casa encontra-se sempre á venda um variado sortido em papeis e envelopes nacionaes e extrangeiros, livros em branco, pastas e mais objectos para escriptorios, tintas para aguarelas em bonitos estojos, tela e tintas d'oleo, pinceis e mais artigos para pintura, carteiras, pasta e pós dentrificos, sabonetes, oculos, galões doirados para oficiaes, romances, livros de ensino primario, secundario e normal, diccionarios, etc, etc.

Oficina d'encadernação perfeito acabamento, bom gosto e pontualidade.

Artigos para caça

Bilhetes postaes illustrados

Revista Michaelense

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR — AYRES JACOME CORRÊA

Redacção e administração
RUA DO COLLEGIO N.º 13
PONTA DELGADA, S. MIGUEL, AÇORES

PREÇO AVULSO 1 ESC.

Composição e impressão
Officina de Artes Gráficas
RUA JOÃO CHAGAS P. DELGADA

Os direitos de propriedade são todos da Revista salvo para os artigos que trouxerem menção especial
COPIA E TRADUCÇÃO INTERDICTAS

ANNO 2.º — S. MIGUEL, ABRIL DE 1919 — N.º 2

JOÃO GONÇALVES ZARCO

Estudo lido em sessão da Sociedade Portugueza de Estudos Historicos, pelo auctor, e publicado na Revista de Historia, n.º 21 de Janeiro a Março de 1917.

(Discussão das descobertas portuguezas dos seculos XV e XVI, especialmente das de Porto Santo e Madeira).

Tem sido objecto de desencontradas opiniões, a origem do 1.º capitão donatario do Funchal.

Affirmam alguns genealogistas, e entre elles, José Freire Monterroyo de Mascarenhas, que a familia de Zarco, era de grande antiguidade e nobreza em Portugal. Outros genealogistas, não se referem aos seus ascendentes, descrevendo apenas a descendencia que d'elle houve e os feitos brilhantes com que se illustrou.

João Gonçalves Zarco

[illegible]

No intuito de lançarmos alguma luz sobre o assumpto, fômos vêr os documentos indicados por Monterroyo; n'elles não encontrámos nenhuma ligação entre os Zarcos lá mencionados.

Depois de buscas demoradas, chegámos ao convencimento de que João Gonçalves, o Zarco, era um dos muitos que D. João I soube approveitar, creando uma pleiade de gente illustre.

Effectivamente «Zarco» é um adjectivo portuguez, cuja significação é: homem que tem os olhos azues claros, ou garços.

O facto de haverem varios documentos em que apparecem individuos de appellido Zarco, para nós, apenas significa que todos esses individuos tinham olhos azues claros.

Na carta do brazão que D. Affonso V concedeu ao grande navegador, não se refere aos seus ascendentes, mencionando só os feitos illustres, que fizeram d'elle um dos grandes vultos da nossa historia.

A seu irmão Alvaro Gonçalves, foi concedido brazão identico ao de João Gonçalves, com a differença da côr do campo do escudo, sem ainda se dizer nada da sua ascendencia.

O estudo da genealogia na actualidade, tomou um caracter muito diverso do que tinha ha uns séculos atraz.

Hoje, não nos devemos preoccupar com o entroncar toda a gente nas genealogias godas e apenas a verdade, deve ser o lemma das nossas investigações.

Que erremos, admitte-se, porque *errare humanum est;* mas que se minta, só para satisfazermos prosapias estultas, é crime que deve ser punido com a execração dos estudiosos e com a exauctoração de toda a fé de linhagistas.

E dada a grandeza de João Gonçalves, o Zarco, para que precisava elle de contar avoengos?

Bem podia elle dizer como Junot disse, «je suis un ancêtre».

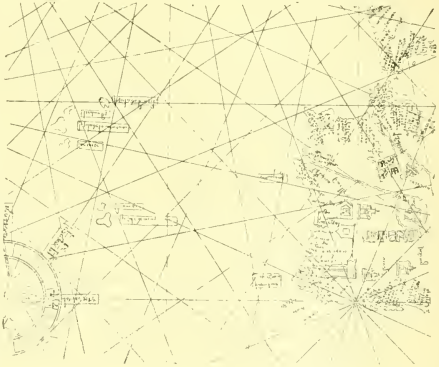
Era, como se vê da referida carta de brazão, adeante reproduzida, homem destemido e valoroso e, por assim ser, offereceu-se ao Infante D. Henrique para o serviço das navegações, que o Infante de Sagres dirigia, cumprindo a sua divisa.

Sendo acceite este offerecimento, o Infante preparou uma pequena embarcação, cujo commando confiou *a Zarco, pora ir reconhecer certas ilhas de que tinha alguma noticia.*

Propositadamente dizemos *reconhecer* e não *descobrir,* porque estamos convencidos de que o Infante conhecia o manuscripto existente na bibliotheca de Madrid, de data incognita, mas cujo auctor começa por dizer que é "frade mendicante» e que nasceu em 1301.

Tanto o Infante não podia deixar de o conhecer, que em 1404, os padres Le Verrier e Pierre Bontier, chronistas de Jean de Bethencourt, a elle se referem, dizendo que Bethencourt tinha sido guiado pelos conhecimentos que tiveram de tal manuscripto, em 1402.

Os argumentos adduzidos pelo nosso fallecido consocio dos Archeologos, Snr. E. A. de Bettencourt, no seu livro "Descobrimentos, guerras e conquistas dos portuguezes em terras do ultramar nos seculos XV e XVI» para provar que a carta catalã de 1375, por ter as ilhas dos Açôres mal indicadas, deve ser considerada apocrypha, não nos parecem concludentes.



Parte da Carta Catalã em que se acham as Ilhas

Este nosso fallecido consocio, para chegar á conclusão que pretende, admitte a hypothese de que essas ilhas e varias outras terras ahi indicadas, foram introduzidas na carta primitiva depois das descobertas feitas por portuguezes.

Ora, não devemos esquecer que o conhecimento da cosmographia foi, até muito tarde, muito rudimentar, tão rudimentar e erroneo, que ainda depois da viagem de Vasco da Gama, em 1498, se não conhecia a maneira de determinar precisamente a longitude!

De admirar não é, pois, que em 1375, as ilhas alli indicadas appareçam n'uma disposição differente da real e que a ilha de «los cuervomarini» appareça de um tamanho desproporcional.

Á ilha da Madeira, n'essa carta, dá-se-lhe o nome de ilha «de lo ligname».

Azurara, attribue a temporal, o facto de Zarco ter deparado com Porto Santo.

D. Francisco Manuel de Mello, nas suas «Epanaphoras», romantisa a descoberta, dizendo que o foi, anterior a Zarco, pelos amorosos Machim e Anna d'Arfet; identicas opiniões tiveram Gaspar Fructuoso, P.e Cordeiro e Rodrigues d'Azevedo.

O distincto investigador inglez, Snr. Major, na sua «The life of Prince Henry of Portugal», segue a D. Francisco Manuel de Mello e ambos attribuem a um maritimo fugido do navio de Machim, o conhecimento que o Infante tinha da ilha da Madeira.

O Snr. Visconde de Santarem, em polemica que teve com d'Avezac, sobre o manuscripto do frade mendicante, chega a concordar em que a descoberta da Madeira fosse feita antes de 1419, mas diz que «talvez fosse por um portuguez».

Até agora ninguem, com justeza e irrefutavelmente, disse como foi descoberta a ilha de Porto Santo e a da Madeira, nem os Açôres e todas as outras terras.

Recentemente, o Snr. Theophilo Braga, em um discurso que pronunciou na Academia de Sciencias de Portugal, refutando as lendas «do temporal» e de «Machim e Anna d'Arfet», allude ás investigações que se estão fazendo sobre as expedições ás Canarias, em 1331 e 1345, por D. Affonso IV, aos mappas geographicos de 1351, 1375 e 1384 e ainda á publicação em 1877, do manuscripto a que já nos referimos e que serviu a Bethencourt em 1402.

Ora, sem querermos, em nada, empanar o brilho dos nossos navegadores, antes pelo contrario, para maior lustre d'elles, segundo o nosso criterio, os nossos vultos, maiores são, por com alguma consciencia terem procedido ás suas arrojadas navegações e não simplesmente, como se lhes tem attribuido, á aventura doida, sem consciencia e sem sciencia, só entregues ao sabor das ondas e das tempestades e sujeitos ao acaso, muito duvidoso, de encontrarem alguma coisa nas suas derrotas.

Para nós, nem foi em 1331, nem em 1345, nem ainda em qualquer epocha determinada, ou possivelmente determinavel, que as descobertas de Porto Santo, da Madeira, dos Açôres e das costas d'Africa, foram feitas.

Senão, vejamos: os phenicios, centenas de annos antes de Christo, talvez 954, dasfeitas as celebres «Columnas de Hercules», passaram do Mediterraneo para o Atlantico; na sua ancia de commerciar, chegaram ás costas da Betica, onde estabeleceram colonias e, navegando mais, costa á vista, percorreram a Lusitania, desde o Guadiana até ao Minho.

Mas, para isto, passaram Gibraltar, onde se veem as duas costas e tanto que, no golfo de Tunis, fundaram a formosa Carthago, capital da republica carthaginense.

Ora, sabendo nós que dos phenicios, eram então os sydonios e tyrios, os mais peritos navegadôres do mundo e, sabendo que elles costearam para o Norte, porque não admittir que elles costeassem a Africa, isto é, costeassem para o Sul?

Que elles não estabelecessem colonias, que elles não mantivessem relações commerciaes com as tribus africanas, explica-se muito facilmente, porque lhes eram de muito maior interesse as costas da Europa.

Isto, quanto ás costas d'Africa, Madeira, Canarias, etc.

Agora, quanto aos Açôres, mais para o occidente, não queremos avançar que tivessem sido vistas por estes navegadores, intrepidos de certo, em épochas tão remotas, mas que pela falta absoluta de conhecimentos, não navegavam senão á vista de terra.

Mas, os romanos, navegaram já com vélas e com ellas foram até á Inglaterra, d'onde havia viagens relativamente frequentes para o Mediterraneo e, é preciso que se não admittam as bordadas a que é obrigado um navio de véla em viagem longa, para que se não acredite que alguns tivessem visto os Açôres.

Mais tarde, sabemos que os cruzados que auxiliaram D. Affonso Henriques na tomada de Lisbôa, vieram das costas da Scandinavia e da Inglaterra, para irem

por Gibraltar, á Palestina: d'essas centenas de navios, nenhum teria ido parar aos Açôres?

Sabemos todos, que só nos seculos XV e XVI é que se reconheceu a necessidade de colonisar e aproveitar as terras de que havia noticia. Até então, só se pensava em estabelecer permutas e auferir lucros das extorsões a que os mais fortes submettiam os mais fracos.

Não se detinham em terras despovoadas, ou ainda, n'aquellas onde os naturaes não fossem susceptiveis de dar aos navegadores, alguma coisa que estes pudessem levar e ser-lhes util.

O facto de haver conhecimento, desde tempos immemoriaes, de tudo o que se diz descoberto nos seculos XV e XVI e não ter d'isso ficado até então, noticia segura, é muito explicavel, pela falta de elementos que havia para determinar com rigor a posição das varias terras, pelas difficuldades que tinham em obter a construcção de navios e ainda por os mareantes que então navegavam, guardarem como segredos de familia, o que, quando velhos, em volta das suas mezas, contavam, decerto com grandes circumstancias phantasiosas, aos seus filhos e netos, que os ouviam com o recolhimento filho da simplicidade natural d'aquelles tempos.

Os nossos navegadores, portanto, foram, não descobridores, mas povoadores e, o que é mais, aquelles que deram á corôa de Portugal, novas joias com que a enriqueceram.

Tudo estava, até então, á mercê de quem primeiro tomasse posse, colonisando o que fosse despovoado e integrando no seu paiz, as terras recentemente reconhecidas. E' esta missão, por acaso, menos bella do que a de descobrir sem saber o quê?

Todos os grandes navegadores portuguezes, procederam como homens de sciencia e como grandes patriotas e não como aventureiros inconscientes e ignorantes. Ahi fica a nossa opinião, que mantemos até que se chegue a provar, de maneira segura, a época fixa das descobertas, que nenhum valor teem, comparadas com o povoamento, ordenado, dirigido pelo grande Infante, gloria nacional, tão grande, que a sua obra passou a ser de todo o mundo e o seu nome, ainda hoje é, e será sempre, pronunciado com a mesma admiração e respeito a que tem jus. Depois d'este arrazoado sobre as descobertas que, repetimol-o, não foram descobrimentos, mas sim reconhecimentos e povoamentos, scientificamente feitos e sabiamente dirigidos, parece-nos estar sobejamente fundamentada a razão porque não chamamos a João Gonçalves, o Zarco, "o descobridor" de Porto Santo e Madeira, mas sim *o reconhecedor e primeiro povoador* das ilhas, perolas do oceano Atlantico e joias de inestimavel valor, que o patriotismo e a sciencia de Zarco engastaram na corôa do seu Rei.

Podemos, portanto, affirmar as grandes qualidades do navegador João Gonçalves, o Zarco, a quem o Infante D. Henrique deu o titulo de cavalleiro de Sua Casa, fazendo-lhe mercê de parte da ilha da Madeira, no dia 1 de Outubro de 1455, mercê esta que foi confirmada por D. Affonso V, em 25 de novembro do mesmo anno, como consta da respectiva chancellaria, a fls. 210.

No reino, casou Zarco, a quem El-Rei accrescentou o appellido de—Camara de Lobos,—com D. Constança Rodrigues de Almeida e Sá, filha de Rodrigo Annes de Sá, rico-homem e alcaide-mór de Gaya, a quem El-Rei D. Fernando mandou, em 1320, como embaixador a Roma, onde casou com Cecilia Colona, filha de D. Diogo Colona, que duas vezes foi senador de Roma.

"A Joham Gomçalluez de camara de lobos Carta das armas que lhe foram dadas em synall de nobreza".

"Dom affonso pella graça de deus Rey de portugualll e do algarue e señor de "çepta e halcaçer em africa. A quamtos esta carta uirem fazemos saber que com- "syramdo nos como a justiça he luz e centro de todallas uirtudes de cujo seco "procede aquella parte q. chamam estributiua a qual amtre todollos homés mays "pertence aos Rex por cuja rrezam os amtigos sabedores djsseram q. nom era jus-

"tiça huua soo sjmgular ujrtude poys em ella sse acreçemtauam todallas donde "see segue q. a liberaleza e bemfeyturja assy he neçessarja ao prjncjpe q. ssem "ella claro nem justo pode ser chamado, casse de todos espera rreçeber serujçó «com rrezam deue ser lyberal e graçjoso de sseus benefjcjos damdo à sseus subdj- «tos mjlhor o sseu prjmcjpado quamto de mjlhores sojeytos he acreçemtado.

"E avemdo nos çerta sabedorja dos muytos leaaes serujços q. Joham gomçal- "luez de camara de labosucaalleyro crjado do Iffamte dom amrrjque meu muyto "prezado e amado tjo ha fetos em tempo dos Rex nosso avoo e padre progenjto- »res nossos q. deus aja assy em a dita çidade de çepta como em tamger homde «sse elle ouue muy gramdem" em os fetos das armas comtra os jmfjees. E ysso "mesmo fazemdonos outros muytos serujços per outras muytas maneyras. As qua- «aes cousas comsyradas per nos queremdo lhe fazer merçee em rremuneraçom de «sseus bõos seruyços lhe damos Imsjneas de nobreza e apelljdo .S. huu escudo «preto e ao pee huua montanha verde sobre a quall esta fudada e edjfjcada huua "torre de prata amtre dous lobos douro. As quaaes armas e apelljdo lhe nos da- "mos e emsjnuamos e alleuãtamos a nos sobredjto Joham gilz. de camara de lobos "e a uossos legjtjmos herdeyros os quaaes de uos deçemderem.

"E per esta presente uos hunjmos e ajumtamos e agregamos ao comto e aa "companhja de todollos outros nobres homees.

"E per este hordenam." mandamos e estabelleçemos a todos nossos herdeyros "q. de nos legjtjmam." deçemderem q. daquj em djamte possaaes husar de todal- "las homrras perrogatjuas de q. todollos nobres husam e possam husar assy de "costume como de derejto.

"E por major firmee corroboraçom e por ujgor desta presemte letera uos outor- "gamos as djtas armas e possaaes usar dellas assy em quallquer feto e jogo darmas "como em aaz de batalha ssem uos em esto ser posto nenhu embargo.

"Dada em e nossa ujlla de samtarem quatro djas do mes de Julho pedrafonsso "ueedor de nossa fazemda das cousas q. pertemçem a todollos fetos do mar oucjano "o fez per nosso mãdado anno do nacim". de nosso señor. Jhesu Xpo. de mjll e "ííij "e sasemta."

(Misticos, L.º III, a fl.s 56, v.º)

J. d'A. A. de Bettencourt

Bernarda Ferreira de Lacerda e Fernão Corrêa de Sousa

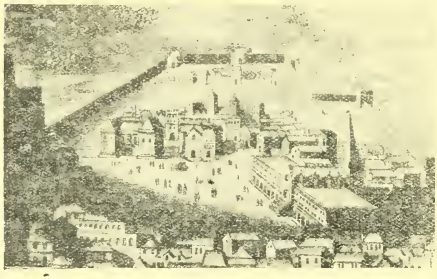
Dois protectores dos Carmelitas Descalços no seculo XVII

Os Carmelitas Descalços em Santos o Velho — A importancia das ordens religiosas — Patrocinio ás ordens pelas pessôas d'influencia social — Uma grande poetisa do seculo XVII e sua alliança com um Jacome Corrêa Raposo de S. Miguel — O valor de Bernarda Ferreira como pedagoga e como escriptora. Importancia da sua obra — Jazigos de familia no Convento dos Mariannos.

N'um bairro aonde os vinhedos, os pomares, os quintareos, enumeras casas pequenas de pescadores e de negros, elevando-se das margens do rio pela encosta acima, sobranceiro a elle, bairro que o Cardeal D. Henrique constituiu em freguesia em 1566, passava muito a miudo D. Sebastião temporadas nos Paços Reaes que alli haviam.

Parece que o palacio tinha sido edificado no proprio convento de Santos fundado por D. Sancho I para os cavalleiros de S. Thiago e depois dado ás commendadeiras da ordem quando transferiu os cavalleiros para Alcacer do Sal; e D. João II mandára fazer a obra adaptando o edificio á vivenda, construindo em Santos o Novo um outro convento e transferindo para elle as commendadeiras. (1)

A Alcaçova (Castello de S. Jorge) já estava abandonada, os Estaos (Rocio) era um palacio destinado a alojar os embaixadores estrangeiros e os fidalgos de serviço no Paço que residiam fóra de Lisbôa; e o Palacio da Ribeira (Terreiro do Paço) estava n'essa occasião em reparações (1576).



Palacio dos Estaos (actual Rocio)

O plano de reconstrucção de Santos o Velho estava agora suspenso com a ideia do soberano de reedificar a egreja, passando uma provisão (1574) n'esse sentido e entregando a sua execução ao Corregedor Christovão Borges; a casa da Supplicação tinha o negocio emperrado com a divergencia de opiniões surgida entre as auctoridades ecclesiasticas e os Desembargadores quando um facto imprevisto veiu precipitar os acontecimentos. D. Sebastião ausentara-se no dia 11 de Dezembro (1576) embarcando em baixo no extremo do pomar do Paço á margem do Tejo n'um bergantim para Aldea Gallega com destino a Guadalupe, aonde, sob pretexto de assistir a uma romaria ia o rei encontrar-se com seu tio D. Philippe de Hespanha quando na sua ausencia 146 barris contendo 56.000 arrateis de polvora chegados havia pouco da Flandres se incendiaram ao contacto do lume que imprudentemente duas creanças brincando á porta d'um armazem tinham alli introduzido.

As casas ao redor desmoronaram-se e muitas dos bairros visinhos ficaram aluidas; pelo chão das ruas viram-se ferrolhos torcidos, soalhos espatifados, tectos

(1) O terreno do edificio pertenceu depois aos Alencastres e no seculo XVIII foi parte reconstruido o palacio pelo Marquez de Abrantes existindo ainda hoje e occupado pela Legação de França.

esburacados, pedras e caliças aos montes, tal tinha sido o impeto da explosão, e o estampido foi ouvido em Santarem a 16 leguas e o ribombo em Badajoz na fronteira hespanhola do Alemtejo, diz o chronista de D. Sebastião e escriptor coevo Fr. Bernardo da Cruz.

N'uma d'essas casas arruinadas pela explosão tinha Luiz Cesar, Provedor dos Armazens, uma propriedade cujo solo foi vendido pelo filho Vasco Fernandes Cesar com outros terrenos aos Carmelitas. Tinha ahi morado Miguel de Moura com sua esposa Beatriz da Costa, a qual, por ter ficado illesa sob os escombros da ruina (1) entregou-se á devoção de St.ª Luzia, por ser no dia em que festejava a egreja a santa que se deu a catastrophe, e por não ter descendentes consagrou a sua fortuna á fundação d'um sumptuoso mosteiro n'uma quinta que possuia em Sacavem, para serviço das freiras capuchas, mantendo-o á sua custa, e entrando ella propria a viver n'elle apoz a morte do marido.

Já alli perto em S. João de Deus á Pampulha n'um edificio *(actual quartel militar)* tinham os Carmelitas fundado o seu albergue provisorio com a invocação de S. Philippe Nery, deixando-o em 21 de Outubro de 1604 para ir occupar uma casa a S. Mamede junto á velha ermida de S. Chrispim fundada para commemorar a entrada de D. Affonso Henriques em Lisbôa no dia do santo; a qual compraram, e a qual tinha pertencido ao Vice-rei da India de 1533 a 1540 fallecido a 3 d'Abril d'esse anno em Goa D. Garcia de Noronha, edificio que já o Cardeal D. Henrique tivera em vista para installar um seminario em 1566. N'essa casa estabeleceram os Carmelitas, diz Frei Belchior de Santanna na chronica, n'uma sala muito larga e comprida o noviciado, repartida ella com taboado em duas ordens de estreitas cellas cabendo o oratorio conforme foi possivel, e quando os padres voltaram para Santos o Velho para o convento novamente construido nos terrenos de Vasco Fernandes Cesar passou essa casa mais tarde para as mãos de uma familia de commerciantes abalisados por nome de Ximenez ligada á casa de Bragança por a ter comprado Antonio Fernandes Ximenez contractador de drogas da India para Catharina de Bragança possuidora do privilegio de mandar vir annualmente trezentos quintaes de drogas forros de direitos; e esta familia deu o nome n'aquelle sitio ao Terreiro que occupavam que foi durante muito tempo designado por Terreiro dos Ximenez (hoje largo do Caldas).

A vinda dos Carmelitas de Hespanha para Portugal fôra decidida no Capitulo de Alcalá de Henares em Março de 1581 estando á testa da missão Fr. Ambrosio Mariano de S. Bento, um italiano estimado por Phillipe II, e n'esse mesmo anno, em Outubro, chegam os padres a Lisbôa, os quaes eram, alem do chefe Fr. Gaspar de S. Pedro, Fr. João Evangelista e mais cinco, installando-se provisoriamente na Pampulha com licença do arcebispo D. Jorge d'Almeida e da Camara Municipal, casa que depois compraram adaptando-a ao noviciado.

Sendo a compra annulada por rasões de familia pela viuva do proprietario, D. Milicia, que por não ter assignado a escriptura reivindicou em demanda os seus direitos, em Outubro de 1697 estabeleceram-se os padres junto á egreja de S. Chrispim tomando a invocação da Madre de Deus e conservando o titulo de S. Phillipe á Provincia. Em Setembro de 1696 no dia 27 lançava-se no referido local da casa onde habitára Miguel de Moura, cuja commendadeira D. Anna de Alencastre cedeu os seus direitos em favor dos Carmelitas, a primeira pedra para a construcção do mosteiro, e 5 annos depois a 11 de Maio de 1611 mudaram-se estes para o novo templo que teve a evocação de Nossa Senhora dos Remedios e sendo conhecidos pelos Mariannos em homenagem ao chefe Missionario Fr. Ambrosio Mariano de S. Bento.

Todas as ordens que se destinavam na maioria a propagar os principios christãos da religião com a arma na mão ou com o livro debaixo do braço tinham varias categorias de protectores que as patrocinavam: os que ajuntavam a sua acção

(1) Miguel de Moura tinha acompanhado o rei á Guadalupe.

á acção dos professos, fazendo parte das irmandades, contribuindo com o seu esforço pessoal para a bôa execução dos serviços religiosos; os que tomavam interesse pela marcha dos conventos e missões requerendo e pedindo junto das auctoridades civis nos momentos opportunos e protegendo-os com a sua influencia pessoal e politica; e os benemeritos que contribuiam para o desenvolvimento da ordem na Provincia, offerecendo donativos. Como estas ordens faziam grande propaganda da instrucção ministrando a grandes massas das populações, sob diversos modos, o ensino e proporcionando-lhes varios ramos de educação, a maioria das pessoas de quem os padres se approximavam eram intellectuaes e gente caridosa, quando não era exclusivamente da nobresa, e d'estes haviam muitos que se interessavam pelas ordens religiosas já porque a educação os approximava dos frades, já porque havia algumas pessoas de familia que professavam na ordem. Pedro Simão Ferreira Amado e Genebra Lopes de Fonte d'Arcada, na comarca de Moimenta e concelho de Cernancelhe na Beira Alta era um casal que tinha a sua inclinação para os Carmelitas Descalços; e seu filho Ignacio Ferreira Leitão que assumiu varios altos cargos da magistratura não só protegeu os frades como conviveu com elles de perto sendo um irmão da Ordem Terceira na confraria.

Emquanto se engrandeciam as installações e estendiam os serviços dos padres de Sartos o Velho e emquanto pelas colonias prosperavam as missões, pela Asia Menor, pela India, pela Arabia e pelas cidades da Mesopotamia, um pequeno nucleo de religiosos se tinha formado em Lisbôa sob o patrocinio dos Franciscanos e procurava dentro do paiz fazer profissão de fé estendendo os preceitos e beneficios da ordem e da religião em proveito dos fieis.

S. Chrispim — vendo-se a fachada principal da Ermida na rua que sobe e as trazeiras da Ermida a meio da Escada

Certamente que não era a ordem constituida á sombra da frondosa arvore cujo tronco estava erecto em Roma e poderosamente se elevava no coração d'esse paiz, que se formára com o Christianismo, succedendo-se as civilisações com as gerações e o progresso, marcando sempre as epochas e deixando traços da sua passagem: não era uma dessas creações filhas da necessidade da exhuberancia que por si só vive no ambiente preparado e cuja acção é mais o reflexo do meio que lhe deu origem do que propriamente uma novidade social e mesmo uma necessidade de civilisação. Como exhuberante funcção do organismo social uma ramificação da ordem monastica estendia-se com facilidade; a reunião nascida com elementos livres e independentes como as papoulas nascem soltas e desamparadas n'uma resteva de trigo era a formação de um nucleo que só na expontaneidade tinha o merito e mesmo a força, em si só poderiam viver fossem quaes fossem as suas qualidades, e o apoio só na sua natureza robusta o encontrariam, porque com o seu desenvolvimento é que os beneficios creados se tornariam em fontes de retribuição por um phenomeno de sociologia que repercute os beneficios n'uma progressão crescente que varia com o grau de intellectualidade do meio.

O heroe da empreza era um d'esses rapazes intelligentes de 23 annos que viu na pratica religiosa mais alcance social do que no estudo da Universidade. Ha assim d'esses individuos predestinados pela sorte que precisam de uma liberdade d'estudo para satisfação de uma liberdade de pensamento; submette-los a principios

como se elles fossem immutaveis é atrophiar-lhes a expansão idealogica, e como elles encontram na opportunidade os elementos necessarios á sua actividade, vivem á sua procura e não submettidos. Era natural do Algarve e chamava-se Diogo de Bairros o joven religioso, filho de familias patricias; em Lisbôa juntou-se-lhe um seu amigo, o padre Monoel Fernandes e um michaelense o padre Luiz Ferreira. A idea era missionar no Algarve estabelecendo um eremiterio junto a uma pequena ermida situada não se sabe bem aonde por nome da Sr.ª de Mil Fontes, porém o padre Luiz Ferreira fallou na sua terra e expoz o futuro do eremiterio situado n'um aprasivel valle que era um encanto da natureza. Havia alli sombrios recantos de mattas perdidas e semeadas por entre as quebradas dos montes, as ondulações dos comoros, e as chapadas das ravinas. Primitivamente tinha o valle sido um mattagal frondoso mas agora poucas eram as arvores de pé porque os cortadores as tinham deitado abaixo e os carros levado para a reconstrucção de Villa Franca, o capitão donatario assim o tinha auctorisado logo a seguir ao terremoto de 1522; agora o pinheiro de Leiria em breve elevaria a sua ramagem novamente por sobre aquelle ermo devastado porque farto penisco tinha sido semeado, mas n'aquelle momento o valle offerecia talvez mais terra á semeadura do que propriamente terra arborisada. Por isso as habitações se iriam construir e colonos se estabeleceriam porque não eram só as vastas terras as vantagens do sitio, aguas como as das Caldas da Rainha borbotavam de diversos locaes e em variadas temperaturas, e corriam abundantes tendo já dado provas dos beneficios do regadio; havia enxofre, e os elementos para o fabrico da pédra hume (o alumen) existiam em abundancia.

Que melhor logal poderiam ter os companheiros do eremiterio do que o Valle das Furnas, uma freguezia por constituir aonde apenas uma duzia de pastores e de cultivadores habitavam umas cafuas de palha communicando com difficuldade com as freguesias de Ponta Garça, Povoação, Maia e Villa Franca por uns atalhos tão estreitos e perigosos a que chamavam riscos, e carecendo de todos os recursos da religião? Só havia alli duas casitas construidas por D. Manoel da Camara havia mezes junto a uma ermidinha que tinha por invocação Nossa Senhora da Consolação. N'uma casita morava o sacristão da ermida com a mulher e mais ninguem, e este resumia os seus serviços christãos a accender diariamente a pequenina lampada a N.ª Senhora que bruxoleava atravez as prolongadas horas no isolamento absoluto do edificio.

Não havia certamente logar mais apropriado para a instituição de um eremiterio e era para alli que os irmãos "Novos Franciscanos" se deviam dirigir. Fr. Diogo da Madre de Deus que era o nome que adoptara Diogo de Bairros na clausura optára com os amigos pelo Valle das Furnas para a installação do eremiterio e embarcaram em Lisbôa no anno de 1614 no dia 1.º de Maio.

A 8 de Maio desembarcava a missão em Villa Franca do Campo, e desde logo recebia dos habitantes o mais alegre acolhimento que se podia esperar não só do publico em geral como das pessoas que podiam ter influencia directa nos resultados da fundação do Eremiterio. O Ouvidor ecclesiastico que foi a primeira pessôa a quem elles se dirigiram recebeu-os muito bem concedendo-lhes a licença de installação no Valle e recommendando-os ao Donatario a quem foi pedida a installação acabada de construir. O Vigario de Ponta Garça Antonio Moreno acolheu-se na sua casa e facilitou-lhes tudo quanto elles precisavam para a viagem e para os primeiros dias de habitação no descampado.

Não foram felizes porém os primeiros tempos dos nossos religiosos no Valle das Furnas; a terra tremeu, ouviam-se ruidos subterraneos estranhos e aterradores, e pequenas manifestações vulcanicas tinham logar, a tal ponto e com tal intensidade que os pobres eremitas resolveram partir para Portugal logo que souberam, pôr se terem lançado pregões, que seguia uma caravela para Lisbôa e que as passagens n'ella eram gratuitas para as pessoas que as pedissem pois que o navio era fretado por um homem de fortuna Fernão Corrêa de Sousa o qual ia fazer viagem para a capital do Reino. Parecia que as facilidades prestadas aos religiosos

continuavam a offerecer-se á sua missão e o P.e da Madre Deus não hesitou em dirigir-se ao fidalgo a pedir-lhe o transporte na sua caravela.

Era este Fernão Corrêa de Sousa homem de reflexão e bom senso, familiar do Santo Officio em Lisbôa e que vinha á ilha reformar os negocios das suas abastadas propriedades retalhadas por varias freguezias estendendo-se das serras ás praias e ramificando-se para o sul, para o norte e para o oeste.

Acabava agora o fidalgo de ganhar um processo cuja sentença fôra mandada publicar pelo Juiz de fóra licenciado Pedro da Fonseca Teixeira e provedor dos Residuos aos 12 de Junho de 1614. Trouxera-o aos Açôres a morte de seu Pae Ayres Jacome Corrêa a 6 de Maio de 1613 e retivera-o a questão testamentaria das missas a dizer por alma do defuncto. Ayres Jacome Gorrêa deixou seu universal herdeiro, comprehendendo a terça, ao filho unico Fernão Corrêa de Sousa e duas capellas de missas a rezar por anno em sua alma. Na manhã mesmo da sua morte tornou a dictar as suas ultimas vontades perante as testemunhas, o cirurgião mestre Jonas, o P.e Francisco de Araujo, o licenciado João Gonçalves Homem e o seu creado Manoel Nobre, mas quando se referiu ás capellas de missas a rezar por sua alma fez menção de duas capellas por semana e não de duas missas por semana o que periazia as duas capellas annuaes. Isso deu em resultado que um anno depois da sua morte o procurador de Fernão Corrêa de Sousa, o qual se achava em Angra por estes mesmos motivos de inventario, se apresentou a prestar contas ao Juiz de Fóra provedor dos Residuos e lhe entregou a quitação do Padre Jorge de Mattos mestre de Capella da Igreja Matriz de 6:400 reis de ter tomado a seu cargo a esmola das capellas de missas; o juiz disse a Belchior da Matta que era o alcaide da cidade este procurador do filho de Ayres Jacome Corrêa, que pelo testamento, tinha a cumprir com 104 capellas de missas resadas por anno e não duas; ao que interveiu o Procurador dos Residuos Francisco Corrêa Rodovalho mandado ao escrivão Jeronymo Gonsalves Meyrelles que passasse o visto e lhe entregasse as contas e lavrasse o auto, passando sobre os documentos a citada sentença a favor do herdeiro.

Actual S. Mamede
Local aonde se achavam as propriedades do Vice Rei da India D. Garcia de Noronha

A fortuna de Fernão Corrêa de Sousa constituida por terras de semeadura e matto e mais propriedades rusticas e por alguns predios urbanos, cuja terça estava avaliada em dois contos oitocentos e doze mil tresentos e novenia e um reis eram terras na maioria pertencentes aos avós Barão Jacome Raposo e Catharina Simôa Valadão provenientes dos vinculos de duas filhas de Ruy Vaz Gago de Tracto e Catharina Gomes Raposo e do esforço de dois individuos que se succederam na administração das terras e que foram dois espiritos emprehendedores e duas actividades productoras Jacome Dias Corrêa que veio do Porto casar com Beatriz Rodrigues Raposo e que não só continuou os arroteamentos das mattas na freguesia dos Fenaes como lançou nas Capellas e St.º Antonio a industria dos gados n'um grande pé assim como a exploração de terras de cultura em sesmarias,—e Barão Jacome que continuou em tudo a missão agraria de seu Pae.

Ayres Jacome Corrêa que fôra tambem como o Barão seu Pae esposar uma Senhora á Terceira da familia dos Coutos por nome Maria, fôra o herdeiro dessa grande casa cujo solar fundara Ruy Vaz Gago do Tracto nos Fenaes de N.ª S.ª da Luz. Só a terça da herança constou: 1.º; da propriedade na cidade que se estendia da rua de S. João ás praias de St.º André na direcção norte sul e que continava com a propriedade já pertencente ao Barão Jacome ao nascente e a propriedade de D. Francisca de Sá ao poente cujo valor era de 70 mil reis; 2.º da quinta, monte, casas e terras com estradas e bemfeitorias e que vinham desde as barrocas do mar ao sul até á encomeada ao norte e eram limitadas a nascente e poente com terras do Licenciado Antonio de Frias e com as freiras de S. João; 3.º 45 alqueires arrendados comprehendendo parte das terras da terça de Jacome Dias Corrêa e de terras da terça de Beatriz Rodrigues Raposo e das terras de Barão Jacome Raposo e de Catharina Simôa e da terça de Anna Jacome e de Isabel Corrêa esposa de João da Silva do Canto em que havia quintas, pomares, casas, partindo da ermida dos Fenaes e estendendo-se até terras do morro da Ribeira Grande avaliadas n'um conto de reis; 4.º das terras do Pico dos Ginetes e bemfeitorias provenientes da terça do Barão Jacome e outras com o valor de 200 mil reis; 5.º das terras na Ribeira Secca ao morro que fazia de arrendamento Pedro Rodrigues rendendo 8 moios e meio de trigo com o valor de 600 mil reis; 6.º das terras arrendadas a Antonio Luiz de Rabo de Peixe de 500 mil reis de valor, das ararrendadas a Simão Antonio de Rabo de Peixe de um moio e 20 alqueires de 80 mil reis de valor, das terras arrendadas a Manoel Dias rendendo 2 moios e 23 alqueires avaliadas em 140 mil reis, das terras que fazia de renda Bastião Moniz e de que pagava um moio e 50 alqueires de trigo com e valor de cem mil reis, e das terras que fazia de arrendamento Belchior Dias de Rabo de Peixe com a renda de 2 moios e 3 alqueires de trigo com o valor de 140 mil reis.

Este Ayres Jacome Corrêa que jazia agora sepultado na sua capella de N.ª S.ª da Victoria em S. Francisco, por sua vontade, ao passo que a esposa estava sepultada na Sé de Angra, fôra, n'essa epocha atribulada da successão do throno á morte do Cardeal D. Henrique, um organisador militar em Inglaterra onde esperavam os Cratistas Terceirenses encontrar gente a alliciar para uma guerra de defesa da ilha; um guardador fiel das conveniencias sociaes e politicas, harmonisando-as com os superiores interesses das populações mexidas entre a orientação philippina dos povos Michaelenses e a fé tradicionalista da gente da Terceira; e mais tarde, quando o Marquez de Santa Cruz, finda a grande batalha da bahia de Villa Franca, se achava em Ponta Delgada, de volta das aguas d'Angra, elle proprio dirige ao governador as suas homenagens e fazendo fé de lealdade ao soberano, péde licença para poder navegar para o Reino e ao mesmo tempo garantia e segurança da sua pessôa e bens sendo-lhe passado então um salvo conduto em Dezembro de 1582 referendado em Janeiro de 83 em Lisbôa. Gaspar Fructuoso conheceu o grande fazendeiro dos Fenaes e refere-se a elle na sua historia da ilha de S. Miguel com grandes elogios á sua urbanidade e ao prazer que tinha de reunir em sua casa os seus amigos hospedando-os faustosamente. Tal era o homem que conduzira na vida o filho e lhe formára o caracter e taes eram as condições em que Fernão Corrêa de Sousa se creára e entrára na posse d'uma grande fortuna, desde que o mestre d'escola Antonio Amadis o levára á pia baptismal á Sé com os Paes no dia 3 de Março de 1580.

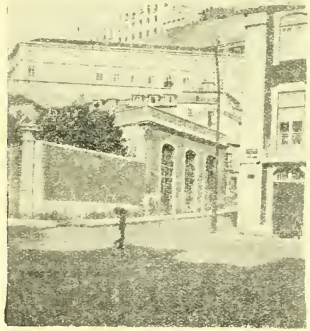
Vivendo Corrêa de Sousa na côrte tivera occasião de se approximar da familia Ferreira Leitão e de se inclinar pela clara intelligencia e os dotes moraes de Bernarda Ferreira de Lacerda que já n'essa epocha mostrava scintillições nas lettras e que mais tarde brilharia como um fulgente astro de poesia. O casamento era obra de poucos mezes para os dois jovens que viviam deleitados nos seus projectos de vida futura, quando a repentina morte de Ayres Jacome impusera uma separação temporaria. Por isso quando os frades receberam a noticia do pregão sobre a parti-

da da caravela de Fernão Corrêa de Sousa para o Reino, em que alvoroço não tinha elle o espirito ?

Os frades mal escreveram ao fidalgo e aterrados com o estado da terra no Valle desceram para Ponta Garça para casa de seu amigo P.e Moreno ficando já proximos de uma estrada commoda ao traíego junto do mar e de Villa Franca.

Fernão Corrêa de Sousa recebeu a carta dos eremitas na cidade e respondeu-lhes immediatamente que "de facto levava para Lisbôa na sua caravela gente pobre porque isso era a vontade de Deus, mas o caso não era o mesmo que se dava com elles padres prophetas, apostolos das Furnas, e elle receava do Ceu lembrando-se que a nau Trasis só levava um Jonas contra a vontade divina e nem por isso deixou de soffrer a punição do Senhor; ora se elle embarcasse os eremitas, o que certamente não era do agrado do Senhor, com carteza que no mar não faltariam baleias para os tragar soffrendo assim as justiças dos Ceus . Fernão Corrêa de Sousa avaliando dos enormes serviços que prestavam os padres á educação e instrucção da gente do Valle das Furnas evitava assim por esta forma romper para sempre com um tão precioso elemento de civilisação. A fim de reter os eremitas elle dá ordem para que os Padres em Villa Franca sejam providos com todos os generos e artigos que necessitassem e que sempre de Lisbôa continuaria a auxilia-los n'esse sentido.,

A caravela de facto sahiu sem os frades, mas a calma era tanta que dois dias depois ainda estava na ponta da Galera e arribava a Villa Franca esperando vento. Os padres que se achavam ainda temerosos em Ponta Garça e que por nada queriam voltar para aquella caverna infernal que lhes parecia o Valle com os seus phenomenos vulcanicos e tremores de terra, precipitaram-se sobre a villa em cata do fidalgo viajante. Fernão Corrêa recebeu-os então irritado e mostrando-lhes que a sua missão estava longe de alcançar os beneficios que havia com o projecto da fundação do eremiterio e com os serviços religiosos estabelecidos, aconselhou-os com imperio a voltarem para o valle e restabelecerem alli a missão para a qual contribuiria annualmente com 80 mil reis (1) de donativo que lhes assegurava a vida sem difficuldades.



Antigo Terreiro dos Ximenes cujos terrenos vinham do outro lado, da Ermida de S. Chrispim, das propriedades de D. Garcia de Noronha

Fernão Corrêa de Sousa insistindo para que elles voltassem proseguia nos seus argumentos dizendo que as novas condições em que ia rodar o eremiterio seriam acompanhadas de melhores e mais tranquillos dias: as commoções geologicas não eram phenomenos que persistissem durante longos tempos mas sim phenomenos passageiros e de pouca dura.

De facto assim succedeu e se bem que a missão foi surprehendida pela erupção da Lagôa Secca de 1630, até então os padres viveram assaz felizes insuflando na vida do agglomerado as luzes do entendimento moral e da religião. E se o valle se despoava de novo com a erupção vulcanica de 1630 por algum tempo, quando se restabeleceu a normalidade na terra, quando por cima das lavas que cobriam a terra reappareceram as urzes e os mattos recem-nascidos, depois do solo vicejar, os

(1)— Este donativo foi mantido durante 35 annos.

colonos que para alli foram estabelecer-se e a propria missão jesuitica da Alegria que succedeu ao eremiterio transferido para o Valle de Cabaços na Caloira inspiram-se no exemplo dos bons eremitas que combateram com energia contra os elementos e contra os Franciscanos os quaes tambem havia pouco se tinham estabelecido no convento erecto por elles na cidade de Ponta Delgada e que sempre consideraram a missão das Furnas como estranha á ordem, guerreando-a sempre que puderam, até que os obrigaram a submetter-se definitivamente aos regulamentos da ordem Franciscana entrando para ella nas condições exigidas. Se a influencia de Fernão Corrêa de Sousa tivesse sido decisiva no destino da missão eremitica o donativo de oitenta mil reis tornou-se por esta razão apenas um auxilio valoroso pois que a ordem Franciscana dispunha de largos fundos rendendo o convento da Graça 28 moios de trigo e 304.087 112 reis em dinheiro não só proveniente das pessoas que os protegiam em Ponta Delgada como d'aquellas que porventura de longe os auxiliaram na Provincia.

Desde 1606 os Gracianos representados pelo veneravel Fr. Braz Soares acompanhado pelos religiosos do instituto agostiniano P.e Jeronymo de Mesquita e outros que vinham de Lisbôa para o convento da Terceira se tinham alojado em St.a Anna por licença de Antonio de Frias fundador da Ermida e das casas annexas destinadas mais tarde a recolhimento de senhoras, passando para a Graça em 1628, aonde o convento quasi completo, construido por subscripção publica a grande parte, pagando os padres os encargos da propriedade que tinham comprado por esmolas que recebiam ou com os dinheiros dos enterros e das missas. A Santa Casa da Misericordia, Mauricio d'Arruda e Mello, o recolhimento de Santa Barbara, José Caetano Dias do Canto e Medeiros e José Leite Botelho de Teve da Ilha Terceira eram os emphyteutas que recebiam os 38 1/2 alqueires de trigo, uma gallinha e cinco mil reis dos juros e pensões pagos pelos frades que tinham além d'isso 918 missas rezadas, 2 cantadas, 413 responsos e 2 sermões d'obrigações.

Talvez fosse essa junção dos eremitas com os Gracianos que tivesse dado logar mais tarde a que os herdeiros de Fernão Corrêa de Sousa levantassem o donativo. O que é indiscutivel é que o nosso fidalgo partiu para Lisbôa na caravela, do porto de Villa Franca quando a aragem arripiou novamente as salsas aguas do oceano, com a satisfação de quem tinha praticado não só uma caridosa acção como uma acção de largo futuro social.

O seu predestinado sogro Ignacio Ferreira Leitão que protegia os Carmelitas de Santos o Velho exercia em Lisbôa as funcções de juiz da meza da Consciencia havia 11 annos tendo sido do Desembargo do Porto onde effectuára o seu casamento. A sua vida desde Coimbra, aonde, apóz o doutoramento, concorreu á vagatura de uma beca no real Collegio das Artes entrando para Collegial a 6 d'Agosto de 1579 e pouco depois era elleito reitor, firmára-se com a missão de que fôra encarregado, de representar o Conselho Universitario junto de Philippe II com uma petição da conveniencia d'essa casa d'instrucção de Coimbra. O monarcha reconhecendo as qualidades de Ferreira Leitão dedicava-lhe, para o futuro, amisade. Os homens ligam-se segundo a natureza dos sentimentos que os inspiram. Havia em Philippe II (1) e em Ferreira Leitão a mesma affectividade pelas ordens religiosas; era quasi uma derivante dos estudos superiores que os approximavam das ordens.

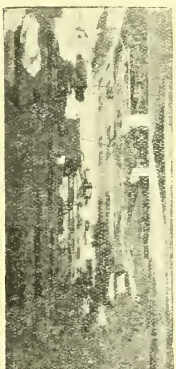
A existencia de Ferreira Leitão tinha sido aventurosa e os homens d'aventuras, quando, regenerados, se arreigam ao positivismo da vida laboriosa trazem para ella a alegria do passado—é como uma demonstração de regosijo pelo bem adquirido com o risco que soffreram. Quasi sempre são sympathicos e a sua grande experiencia que os cobre de simplicidade attrahe o pensador, o homem de responsabilidade que n'elles encontra uma justa apreciação do seu valor.

(1) A's vezes as referencias II e III indicam o titulo do Soberano hespanhol, mas o leitor segundo a data da referencia depressa reconhecerá o Rei d'Hespanha ou o Rei de Portugal.

Ferreira Leitão começára por fugir, creança, da casa de seus paes em Fonte d'Arcada a seis leguas de Lamego para Lisbôa á procura d'um navio para embarcar encontrando no porto da capital a galéra do General da Armada. Foi ahi mais tarde que o encontrou um tio jogando ao soco com um grumete e o mandou para casa dos Paes. Esse principio de carreira frustrada não impediu comtudo que elle se fosse matricular para Coimbra com seu irmão Antonio; mas em Coimbra elle vê-se ao cabo d'uns annos com 4 filhos naturaes e desacreditado em demasia para proseguir o curso; porém a experiencia começa ahi a pesar-lhe para o lado da sociedade e o zeloso estudante dirige-se para Salamanca aonde se matricula decidido a formar-se e recebe em breve o fraternal auxilio do irmão.

Não só Philippe II d'Hespanha teve para Ferreira Leitão estima e amisade como Philippe III seu successor, que, quando elle se dirige a Madrid a expor ao monarcha as razões imperiosas que o levavam a resignar o seu cargo do Desembargo do Porto, o monarcha offerece-lhe o da Meza da Consciencia de Lisbôa aonde era provido e tomava posse a 19 de Fevereiro de 1603.

Bernarda Ferreira de Lacerda era joven ainda uma mulher de lettras na verdadeira accepção da palavra. Inspirada em Theresa de Jesus que em Hespanha os religiosos queriam canonisar e que deixára atraz de si uma grande obra associativa nos Carmelitas fundando conventos para homens e para mulheres e preciosos manuscriptos a que se dava publicidade e que revelavam um espirito de bondade superior em toda a extensão da moral, a joven litterata pensára primeiro entrar para a vida monastica procedendo da mesma forma do que Theresa de Jesus, mas hesitou em abandonar os Paes repentinamente; um primo d'ella ainda deu varios passos fallando com as freiras de St.º Alberto para a sua iniciação religiosa mas tudo ficou suspenso; Bernarda ainda chegou a obter os regulamentos do convento e a fallar com religiosas muito em segredo do Pae sobretudo que não gostava da idea, mas por fim desistiu, pensando na vida social, casada, educando os seus filhos n'uma orientação superior, fazendo d'elles homens dignos da sua patria que n'aquella hora angustiava sob o peso de uma pessima administração. Seu Pae não iria dirigir uma representação pessoal ao monarcha n'esse sentido mostrando quanto estavam longe os compromissos tomados por Philippe I nas Côrtes de Thomar em 1581 e citando os beneficios e obrigações que elle promettera?

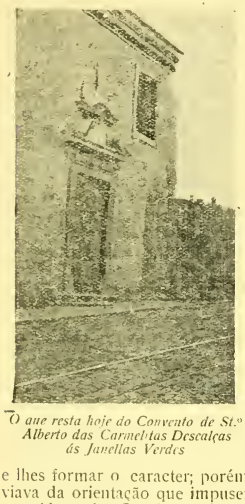


Uma rua do velho bairro d'Alfama que começa nas trazeiras de S. Momede

Theresa de Jesus era bem uma reformadora da ordem dos Carmelitas; e Bernardo Ferreira ao principio da sua razão, quando a edade lha dera, tinha em St.ª Theresa um modelo de virtude; agora que a experiencia lapidára essa intelligencia joven, as aspirações punham-lhe o estimulo mais alevantado e a Patria surgia acima da religião. A piedade termina com a irmandade christã para ella, e ella ia contar com a Hespanha de Philippe III e de Philippe IV a libertação do dominio arabe na «Hespanha Libertada». Apparecem-lhe então varios pretendentes entre os quaes o joven açoreano de boa fortuna, de bom coração e de ampla intelligencia. Ella que pelo espirito de familia e por sentimentos civicos hesitara em entrar para a ordem das Carmelitas Descalças aceitava a mão que lhe offerecia o fidalgo açoreano Fernão Corrêa de Sousa quando tantos pretendentes disputavam as suas inclinações—mysterios de amor, razões de coração, aspirações intellectuaes, conveniencias sociaes? Talvez todos esses factores juntos constituissem a determinação e Bernarda Ferreira de Lacerda casou. Pouco tempo depois do seu casamento vinha Philippe II a Portugal aonde recebia fes-

tejos apparentemente sinceros e dedicados que lhe manifestavam os Portuguezes como o tão bem descreve João Baptista Lavanha, o chronista d'esta viagem, e o pae recebe ahi a demonstração d'agrado do Rei que não só lhe reconhece a distincção de ser o encarregado do discurso de boas vindas, como vê em toda a sua conducta os sentimentos de um leal amigo do progresso e da grandeza da sua terra.

Começára a prole do jovem casal com um filho que recebêra o nome do avô paterno de Ayres e que apesar de ser uma creança robusta physica e intellectualmente ia morrer aos 13 annos: os Carmelitas que o conheceram, refere-o na sua chronica Fr. José de Jesus Maria, contavam d'elle interessantes e ingenuas historias d'uma creança dos melhores sentimentos; depois foi a vez a João que morreu gloriosamente nas fronteiras hespanholas da Beira no ataque do Castello de Elches homem já feito; é Maria Clara de Meneses uma sensata e intelligente senhora que sobreviveria á familia com Alexandre e Thereza Eufrazia. Durante 8 annos de casamento tiveram aquelles felizes esposos, que só soffreram as desgraças da morte de 2 filhos e essas bem lamentaveis, abalando profundamente a alegria do lar, 4 filhos e 2 filhas, e ao cabo d'esses oito annos falleceia ainda na força da vida Fernão Corrêa de Sousa.



O que resta hoje do Convento de St.º Alberto das Carmelitas Descalças ás Janellas Verdes

Os dotes espirituaes e moraes de Bernarda Ferreira estão bem amadurecidos á edade em que os filhos começam a nascer e a sua acuidade educativa extraordinaria reflectem-se no desenvolvimento das creanças. Bernarda Ferreira não é só uma litterata, é uma pedagoga, sabendo nutrir os sentimentos aos seus filhos; fazendo-lhes despertar o interesse das coisas e a curiosidade; mantendo-os n'essa doce e benefica disciplina que é a espectativa do contacto e vontade de satisfazer as vontades infantis no convivio maternal; ensinando sem esforço como distracção; dando ás creanças a noção do bem, do util, do trabalho, do dever, da obrigação, da estima da communidade e da Patria á maneira que ellas agem e se emancipam da vigilancia da governanta. Tão notorias eram as suas qualidades e se tinha mostrado a sua clara intelligencia na educação dos filhos que Philippe II lhe offerece um cargo na côrte de Madrid junto dos infantes para lhes dirigir a instrucção e lhes formar o caracter; porém Bernarda Ferreira não acceita a graça que a desviava da orientação que impusera ao seu futuro e ao de seus filhos.

Alexandre Corrêa de Sousa que vinha a ficar na posse dos vinculos de familia ainda olhou com alguma attenção a principio para os seus dominios de S. Miguel que estavam por procuração submettidos á administração de Francisco d'Andrade Cabral—um lealdador mór dos pasteis que accumulára mais cargos fiscaes e administrativos e que aparentado por sua mulher, uma Quental Novaes, com as principaes familias da ilha gozava de um grande prestigio—mas casado com uma senhora Brandão e vivendo com grandeza em Refoyos de Riba d'Ave no seu paço de Peneyllos ou no Porto desinteressou-se dos bens michaelenses a ponto de vender alguns como aconteceu com o prazo da relva do monte da Victoria, uma propriedade reguengo adquirida por Barão Jacome a Martim Affonso de Souza a quem ella fôra offerecida por El-Rei em recompensa de serviços e que o vigario do logar P.e Manuel Fernandes Victoria, o qual possuia umas casas parte encravadas nas terras, comprou—31 moios de terra no valor de cem mil reis o moio

por 5.200$00 reis rendendo noventa moios de trigo. Ora Alexandre Corrêa de Souza que morreu a 3 de Maio de 1695 sem concluir o contracto de venda entre outras cousas deixáva a esposa com uma propriedade chamada Davioso situada na freguesia de Davioso do concelho da Maia Termo do Porto, fateosim e foreira ao senhorio dos Direitos Reaes do concelho da Maia comprehendendo 800 alqueires de pão e 200 de trigo fóra muitas miunças de gallinhas, manteigas, carneiros, palha, coelhos, cabritos e linho valendo 6 mil cruzados; a quinta de Touriche do termo da cidade foreira ao cabido da St.ª Sé de Coimbra valendo 3 mil cruzados e o prazo do Valle de Refoyos foreiro aos religiosos de S. Bento no valor de 500 mil reis; fóra d'isto estavam os bens de raiz da herança de seu marido, os bens a herdar em legitima de D. Catharina do Valle Peixota sua Mãe já fallecida a cujo inventario se estava procedendo, avaliados em 2 mil cruzados. Estas importantes propriedades justificavam talvez a preferencia que o fidalgo dava aos dominios do Continente.

Alexandre Corrêa de Sousa talvez nunca tivesse vindo ver as suas propriedades de S. Miguel, extremoso filho unico de Bernarda Ferreira de Lacerda que lhe restou dos seus infortunios maternaes e que lhe sobreviveu com Maria e Thereza Eufrazia cresceu n'aquelle ambiente espiritual que foi a casa da «pueta» como era designada a filha de Ignacio Ferreira Leitão é formou alli um solido caracter retemperado para as vicissitudes do convivio social.

Depois da morte de seu marido e do fallecimento do seu Pae 5 annos depois Bernarda Ferreira dedicou-se aos filhos e ás lettras inteiramente.

João Corrêa de Sousa morria heroicamente na campanha da Beira logo ao inicio da guerra da Restauração. Já estava capitão de infanteria quando na praça d'Alfayates o General Fernão Telles de Menezes e o mestre de campo do Terço D. Sancho Manoel com 2 mil homens infantes e 1200 de cavallo resolveu emprehender uma sortida e um ataque em forma ao Castello d'Elches que lhe ficava a 3 leguas de distancia. O plano era d'exterminio pois que já andavam os portuguezes havia semanas a soffrer escaramuças dos castelhanos que immediatamente voltavam á sua praça evitando sempre um ataque formal e decisivo.

Conta-se que João Corrêa foi para o ataque com um triste e fatidico presentimento e que dissera aos companheiros d'armas: «Vamos que já d'esta vez não torno para casa», e o sentimento tornou-se uma realidade porque de facto ao galgar as muralhas á frente dos soldados de seu commando cahiu varado por uma bala de arcabuz. Ainda a sua constituição robusta lhe manteve a vida por algum tempo, confessando-se, mas a ferida era mortal e elle morreu ficando na paz do seu somno eterno sepultado sob as lousas da Sé da Guarda.

Trez annos mais e Bernarda tambem encontrava o termo da sua vida deixando na historia um rasto d'uma possante vontade illuminada por praticas educativas que se manifestaram no caracter dos filhos e por fulgurações litterarias que enriqueceram as lettras do seu paiz e da Patria d'aquella que na sua infancia lhe tinha sido um exemplo de virtude e de conducta social.

Thereza de Jesus, essa nobre avilesa cuja actividade na reforma da ordem dos Carmelitas que sem egual deixando antes de terminar seus dias com 47 annos de edade a 9 de Outubro de 1582 em Alba aonde se dirigira para ouvir as confissões da Duqueza do mesmo nome, 32 conventos de freiras e de frades, erectos para a propagação da fé e da moral de Christo; essa santa que o Papa Urbano VIII designou para padroeira d'Hespanha a quem Pio IX deu o titulo de Doutora da Egreja escrevia uma forte obra de moral e de historia que ainda inspirou a mocidade das gerações posteriores. Bernarda Ferreira foi uma das raparigas que um seculo depois recebia a benefica influencia das obras da freira d'Avila. No caminho da perfeição e no castello da Alma ella sentia a grande crença da hespanhola, a grande estima que a ligava ás praticas fieis dos santos illustres e o quanto ella era sincera nos seus conselhos para o isolamento claustral para por elles se dar execução á profissão religiosa digna das almas que procuravam a purificação.

Essas obras eram ao mesmo tempo uma norma para as consciencias religio-

sas e uma explicação moral da evolução da alma ao contacto com a egreja; Bernarda Ferreira não seguia os conselhos bem que admirasse as doutrinas porque ellas se afastavam das suas ideias de mulher; porém acatou-os escutando-os sinceramente e tomando n'elles a essencia da virtude social. A admiração pela sua tenacidade veiu com a leitura do livro das Fundações em que a historia dos mosteiros era relatada largamente contando-se tambem com que difficuldade elles foram construidos não só de dinheiro como de obras. Elles enchiam de grandiosidade as cidades de Hespanha e mesmo Lisbôa tinha impresso o exemplo com a construcção de St.º Alberto; e Sevilha, Medina del Campo, Malaga, Valladolid, Durveto, Veos, Toledo, Postrana, Salamanca, Alcalá, Alba, Alta Mira, Granada, Penella Segovia, Almodovar, Caravaca, Villa Nova de Hera, Palencia, Soria e Burgos eram outros tantos templos aonde se acolhiam as creaturas que faziam profissão de fé com a propagação do bem e da religião.

Meditando as cartas da Santa onde repassava como uma limpida corrente a imagem da obra pia de Theresa de Jesus, inspirando-se n'aquelles relatos tão impregnados e preoccupados de levar a bom resultado as emprezas religiosas, a filha do desembargador do Porto educada nos principios civicos de um moralista juridico, inclinada por natureza ás questões sociaes e por disposição particular aos deveres religiosos, louvou a energia da freira hespanhola e a sua carreira e vacillou enumeras vezes entre o exemplo humanitario de Theresa de Jesus e a realisação pratica da vida feminina do seu tempo.

Quartel d'Infantaria 2 aonde estiveram provisoriamente os Carmelitas em 1603

Os acontecimentos politicos que na sua epocha encheram a vida Portugueza eram de molde a exigir energias phisicas, d'um caracter bem differente d'aquelles expendidos pelos contemporaneos da hespanhola. Provincia de Hespanha, os Portuguezes debatiam-se nas conveniencias civicas, luctando entre as praticas dos deveres nacionaes e os sentimentos de independencia que lhes dictava as razões das tradições autonomas da sua raça.

Todos os annos que se passavam eram compassos d'espera em que o exame de consciencia accusava os erros da administração hespanhola misturados com a aventura de uma nova vida ligada ás tradições e ao criterio da côrte dos descendentes de Carlos V movida por sentimentos particulares tão extranhos aos Portuguezes, como nefastos se apresentavam os resultados. Triste era o espectaculo que offerecia a patria de tantos heroes que não só na sua terra tinham despendido sasonados frutos de boa e solida administração, mas tambem por terras novas por terras ainda por civilisar e por velhos paizes de costumes seculares habitados por raças impregnadas de tradições, e que agóra passavam a uma tutela humilhante, administrados por estrangeiros despotas, desconfiados e crueis.

Havia uma grande obra a emprehender—unificar os animos—e essa impunha-se a todos os cidadãos. Aquelles que em volta de D. João, Duque de Bragança, se agrupavam n'uma vontade de emancipação a quem caberiam as palmas do exito não eram os unicos heroes da mais gloriosa epopea politica da humanidade que jamais echoou pelos ouvidos das gentes deixando um exemplo imorredoiro de civismo; havia os obreiros do bem que se evidenciavam por variados processos.

Bernarda Ferreira assumiu em si um dever dualista de perpetuar em Portu

gal a obra da freira castelhana e contar uma acção commum em que os dois povos e as duas nacionalidades portugueza e hespanhola partilharam da victoria e dos tropheus dos feitos memoraveis escrevendo a «Soledade do Bussaco» e a «Hespanha Libertada». As obras altamente impressionantes d'um epico deslumbrante que enalteciam o modelo dos Lusiadas e honravam o exemplo de Camões aonde os versos agora descriptivos, mais adeante elevados á mais complicada expressão do relato, aqui emphaticos, alli criticos, desenrolando ao leitor os primores das acções praticadas e mostrando tambem as forças que deprendem as paixões nutridas com os elevados ideiaes communistas; estas obras iam dar aos posteros a justa comprehensão do desenrolar dos acontecimentos apparecendo como uma verdadeira manifestação do sentir civico de uma alta intellectualidade que tudo viu, tudo sentiu e tudo contava n'uma admiravel devoção para os grandes acontecimentos.

A Soledade do Bussaco conta a iniciativa dos Carmelitas vindo estabelecer-se antes de qualquer missão formada, n'um ermo, para dar execução a um projecto de fé christã e propaganda religiosa; n'esse ermo em que a natureza era bella e exhuberante:

O Mosteiro dos Mariannos como elle se acha actualmente

> Em um templo d'onde assistem
> Serviendo el rey de los reys
> Los penitentes descalços
> Que del Carmelo, procedem.....

e n'outro canto

> De alegre verde que al tiempo
> No sube ser tributario
> Esento de sus rigores
> Ofrece por todo el año
> Al sul alfombres diversos
> A la tierra humoso manto.

As Soledades do Bussaco foram editadas na typographia de Mathias Rodrigues em 1634 quando a missão dos Carmelitas florescia com o estabelecimento da provincia de S. Philippe Nery; a publicação vinha atrasada e ella explica-o no prologo do livro depois de offerecel-o ás Carmelitas de St.ª Alberto n'estes termos:

«Para descrivir la vida de los solitarios de Bussaco necessito de su espirito, carezco de su experiencia, y asi no pueden llegar mis palabras a donde sus obras, que es limitado el buelo de mi pluma no passa a mas de dos al mundo los buenos nuevos de aquella fundacion; mas si (como dize Philo) «Decet inter nuncium atque interpretem lata nunciatem esse celerrimâ et alis ferri velocissime». Me parece va fuera de tiempo, pues tam tarde los denuncia».

Esta publicação era uma forma de mostrar não só a sua estima e affeição pelos Carmelitas como de deixar patente a sua admiração pela obra dos padres pela iniciativa do Bussaco.

E que amisade não consagrou ella a esses sympathicos propagadores da moral de Christo? Quando Philippe IV decretou a sahida dos Carmelitas da India D. Bernarda intercedeu em seu favor e obteve a graça regia. Os Carmelitas estendendo a sua acção pela costa do Mediterraneo, na Asia Menor, na Arabia por toda a India eram no territorio Portuguêz, sobretudo em Goa, perseguidos, por constituirem os mosteiros uma população estrangeira na grande maioria. As re-

presentações para a côrte de Madrid repetiam-se não só das auctoridades como da população civil e o rei, depois de decidir da sua sahida, consultou o Tribunal da Meza da Consciencia que se pronunciava claramente pela expulsão dos territorios portuguezes da India dos Italianos lá residentes pois que elles contrariavam manifestamente os interesses do Reino e do Estado, quando Bernarda Ferreira interveiu em favor dos missionarios do oriente fazendo valer subidas razões de direito que pesaram na balança das razões juridicas e que provocaram a suspensão da determinação, dirigindo juntamente uma carta no mesmo sentido ao Definidor Geral Portuguez em Madrid, não se effectuando a sahida dos frades da India Portugueza.

Claustro do convento dos Mariannos (estado actual)

E a sua amisade pela ordem fel-a repetir a petição junto de D. João IV quando durante o seu reinado se tornou a fallar na sahida dos Carmelitas da India.

Muitos outros escriptos emanaram da penna de Bernarda Ferreira a maior parte escriptos em Castelliano porque era um idioma mais claro como ella dizia, dos quaes são conhecidos os titulos apenas porque os manuscriptos queimaram-se no incendio da bibliotheca do Cardeal da Cunha, um dos Regentes do Reino na ausencia de D. João VI, mas o interesse que elles por si só offerecem fazem-nos lamentar que não tivessem chegado ás nossas gerações.

Em theatro cita-se: *Virginia, El Caçador del cielo, Santo Eustaquio, la Buena y Mala fortuna, lo Buena e mala amistad;* d'um agrupamento conhecido pelo titulo da Reforma Theresiana, escreveu alem da Soledade do Bussaco a Tragica conversão dos Christãos de S. João Baptista, destinada á instrucção dos missionarios e conversão dos idolatras e mahometanos na India, compre hendendo 80 capitulos que cahiu ao mar; e escreveu mais Dialogos Espirituaes, a citada Hespanha Libertada e uma poesia a «Acclamação de D. João IV» que começava assim:

«Tinha roubado hinverno a formosura.»

Os poetas e os chronistas da epocha foram seus amigos trocando correspondencia fecunda com elles e todos lhe prestavam homenagem nos termos mais elogiosos. Seria fastidioso citar muitas d'essas referencias que os criticos biographicos e bibliographicos reproduzem nos seus traços da vida de Bernarda Ferreira no entanto algumas referencias ha que não devem passar sem menção pois que ellas sem commentarios já historiam a personalidade d'esta celebre «poeta» como ella era conhecida nos Açôres.

Os chronistas da Ordem dos Carmelitas narram a traços largos, homenageosos e de sentido reconhecimento a vida da familia e enaltecem o espirito de Bernarda Ferreira que «dera occasião á sua fama para voar para os paizes extrangeiros com applauso e inveja de Portugal pela producção que sem perder a louçania da primavera ajuntava no Outomno dos seus annos o agradavel e odorifero das flores com o fecundo e sasonado dos frutos».

O Procurador Geral da Ordem na Provincia Prior do Carmo de Gôa Visitador apostolico dos Conventos e Fr. João de Christo chronista eram intimos de

Bernarda Ferreira tecendo-lhe sempre alevantados elogios; egualmente acontecia com o P.e Felix de Jesus prelado do convento, grande theologo e douto. João Peres de Montalvão correspondia-se com Bernarda Ferreira e Lopo da Vega Carpio dedicou-lhe a ecloga Filis (1635) e dirigiu-lhe na Silva 3 do Laurel de Apollo este elogio:

Si pudiera tener la fama augmenta
Y gloria Lusitana
D. Bernarda de Ferreira fuera
A suyo portuguez entendimiento
Y pluma Castelhana
La Hespaña libertada deve:
Porque sola pudiera
Partir entre los reynos esta g'oria
Tam poderosa intelligencia mueve
Estes dos orbes com su dulce historia
Com tanta erudicio, com tanto lustre
Que ella queda immortal y Hespaña illustre.

De facto o poema a "Hespanha Libertada" é uma poderosa composição dividida em duas partes comprehendendo cada uma dez cantos formados por mais de 100 estancias em versos de dez syllabas. Bernarda Ferreira cantou n'elle epicamente a libertação dos Mouros das terras da Peninsula visigotica no seculo VIII desde a epocha de Pelayo (1) até o reinado de Affonso o Sabio de Aragão no seculo XV.

Y siendo um dia todos (2) del (3) llamados
Para los exhortar a la pelea
Mirando el capitan a los soldados
Que en campo com los moros ver desea
Dize: al arma varones esforçados
Que es bien que nuestra patria libre sea
Antes que uqueste imperio sieia indino
Confirme mas su loco desatino

A primeira parte da obra que foi dedicada a Philippe III imprimiu-se na typographia de Pedro Grasbaeck em 1618 e historia desde as victorias das Asturias infligidas nas hordas de Tarik-Ibn-Ziad até á vinda dos condes de Borgonha á Hespanha; começa assim:

La libertad de nuestra Hespaña canto
Y hazañas de aquel Godo valoroso
Que con animo ousado y zelo santo
La fue quitando el jugo trabajoso
Y los hechos tambien dignos de espanto
Y de sublime verso bellicoso,
Que hizo la hespañola gente fuerte.

A segunda parte só viu a luz da publicidade em 1673 mandada imprimir, já fallecida a auctora, nas officinas de Juan de la Costa, relatava os acontecimentos guerreiros que determinaram a fundação da monarchia portugueza e historiava os factos notaveis succedidos depois até aos meados do seculo XV, começando assim

Canto la Lusitana fortalesa
La constante lealdad, los claros hechos,

(1)—Este facto memoravel na historia da Peninsula foi festivamente commemorado em Covadonga a 9 de Setembro d'este anno onde os reis de Hespanha presidiram a varias cerimonias religiosas e civicas entre as quaes figura a da abertura do Parque Nacional.
(2)—Os visigodos.
(3)—Pelayo.

El honrado valor, gentil destreza,
Que viu a sus pies prostrados y deshechos
Con grave assumbro y horror profundo
Los imperios más bellicos del mundo.

A terceira parte que não chegou a ser escripta ia comprehender a conquista de Affonso o Sabio de Aragão sobre os Mouros e estender-se á posse de Granada no reinado de Fernando e Isabel.

Os acontecimentos de 640 vieram surprehender Bernarda Ferreira na sua grande obra poetica e é muito provavel que elles tivessem tido qualquer influencia no espirito da litterata para o proseguimento da 3.ª parte do poema.

O fogo sagrado tinha deixado de atear a chamma alentadora e o estro agora inspirava-se em novos assumptos de maior feição. A tão odeada Hespanha para uns, a Hespanha despotica e cruel, a Hespanha oppressora e retrograda, a Hespanha origem de tantos soffrimentos e de tanta miseria, passava agora depois da revolução de 1 de Dezembro, graças á coragem, alma e audacia de um punhado de valentes patriotas a ser um paiz estranho á nossa civilisação, desligada dos nossos interesses communs nacionaes, apenas um inimigo, que ameaçava com as armas na mão as fronteiras do reino; por todo o paiz tambem fervia a actividade guerreira, recrutando-se os soldados, fortificando-se praças, armando-se gente, militarisando-se viaturas e montadas, adaptando-se celleiros e graneis, estabelecendo-se quarteis, abrindo-se trincheiras, e applicando-se impostos e arrecadando-se dinheiros para as despezas da guerra. Os mais valorosos commandantes tomavam a defesa das fronteiras e postavam n'ellas as suas forças. O sentimento portuguez para com os hespanhoes era agora bem differente e a inspiração de Bernarda Ferreira perdia-se no tumultuar das novas paixões que animavam os caracteres com a transformação politica e com a guerra.

Antiga cerca e cisterna dos Carmelitas

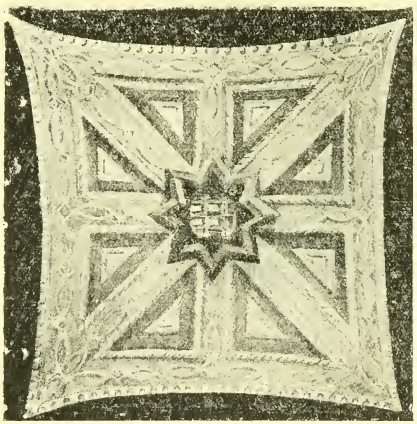
E' certamente esta a razão porque Bernarda Ferreira não terminou a sua obra infantada na aspiração sublime de crear na alma portugueza um sentimento commum d'união lembrando a causa partilhada pela religião e pela raça quando os dois paizes ainda confundidos na mesma nacionalidade estavam reduzidos a um grupo de vencidos e a uma nesga de terra até estenderem as suas fronteiras para os outros territorios conquistados aos Mouros dominadores do occidente da Europa, até se constituirem novamente n'um reino e formarem no seu desenvolvimento novas nações autonomas com os seus costumes, com as suas leis, com os seus interesses proprios, estendendo regular e continuamente as suas terras sobre o territorio mourisco pela conquista guerreira.

Vamos Portuguezes e Hespanhoes! dizia ella com o seu brilhante poema, abatei essa exaltação d'animos que as circumstancias administrativas e patrioticas agora vos affligе; Vós que durante seculos vos unistes para combater um inimigo

da vossa religião, dos vossos direitos, das vossas regalias, dos vossos bens, uni-vos agora outra vez para o trabalho pró civilisação e pró progresso esquecendo aggravos e offensas e tendo por lemma nas vossas relações a amisade. Assim a Patria seria uma e indivisivel, maior e mais forte do que fragmentada e portanto poderosa para resistir á cubiça dos outros povos muitas vezes cegos pela inveja ou pela ambição e que arrastados pelos impetos das paixões se lançam nas guerras de conquista e de posse esquecendo as razões d'ordem economica que devidamente estudadas trariam com o bem estar commum a multiplicação das riquezas.

Com 55 annos falleceu em 1645 a auctora de tão fecundos versos e de tão bella concepção patriotica. N'esses cinco annos de vida nova em Portugal ella perdeu seu filho João, em Elches, quando a gente de Fernão Telles de Meneses dava ataque á praça hespanhola e o seu desgosto tambem influiu certamente na composição da Hespanha Libertada. A independencia da Patria custava-lhe a vida de um filho que era o maior sacrificio que ella podia fazer, e não sobreviveu muitos annos ao desgosto.

O seu cadaver foi levado para junto dos restos mortaes de seus Paes e de seu marido a quem ella dedicára todos os projectos da sua vida no seu inicio e a quem ella consagrára o melhor dos seus sentimentos fazendo-o partilhar de uma felicidade conjugal sempre crescente. Era alli no convento dos remedios cuja construcção tão patrocinada tinha sido por seus Paes com toda a missão da ordem em Portugal que seus filhos, sobreviventes, Clara, Alexandre e Eufrasia iam pedir a Deus por suas magnanimas almas em frente d'um mausoleu de marmore elevado na parede do Evangelho da capella de S. José aonde se lia o epitaphio seguinte:

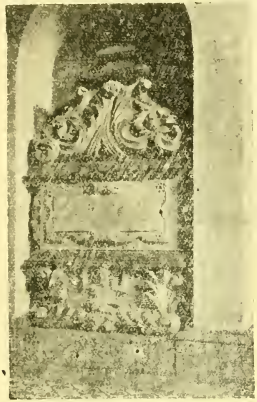


Tecto da Capella aonde estão os sarcophagos

Fernão Corrêa de Sousa e Bernarda Ferreira de Lacerda offerecem aqui mortos quotidiano sacrificio e esperam o dia da immortalidade. Nasceram com honra, viveram com applauso, morreram com exemplo. Felizes singularmente ambos: este na vida de tão insigne mulher; ella nos dotes de uma alma tão sublime, que sem egual na edade presente venceu a fama, desposados. Sua erudição, juizo, engenho e grandeza do seu espirito cantou com heroico estylo na Hespanha Libertada. Sua piedade e virtude para com Deus, despreso e esquecimento do mundo repetem com saudosa e celestial harmonia os echos da Soledade do Bussaco. Seus escriptos são seu retrato, seus amigos nosso desengano. Foi laureada no Parnaso do Ceu no 1.º d'outubro de 1645.

Hoje ainda no templo que está adaptado ao culto protestante portuguez se vê n'uma capella lateral aonde se procede aos baptisados, a aboboda montada de arcos ligados por preciosas rosaceas coloridas talhadas em relevo e os planos hete-

rogeneos de marmore preto e branco, partindo esses motivos, d'um estylo architectonico de aboboda manuelina, d'uma farta estrella de oito raios aberta ao centro a servir de ventilador e formando com as aberturas dos raios os vertices dos angulos principaes dos lados que formam os referidos triangulos. Nas duas paredes lateraes da capella, (e o logar do altar está egualmente completamente vasio), veem-se em fundo de parede caiada sem ornamento dois sarcophagos perfeitamente eguaes de marmore tambem preto e branco onde jazem os restos mortaes de Bernarda Ferreira e Fernão Corrêa de Sousa n'um, e n'outro os dos Paes de Bernarda Ferreira com todos os filhos d'esta, incluindo o corpo de D. João que ignoro em que data foi trasladado da Sé da Guarda, e o marido de Clara de Meneses. Um anjo envolto n'um paquife d'acantho sustenta os coíres que encerram os despojos mortaes das familias cujas tampas são egualmente formadas por prolongadas folhas estylisadas que partem d'uma ligação commum ao meio e dividem-se para os lados offerecendo os seus caprichosos recortes um florido ornato solto envolvendo a caixa.



Tumulo dos filhos e Paes de Bernarda Ferreira. Do outro lado da Capella acha-se outro identico aonde jazem os restos mortaes da "Poeta" e de Fernão Corrêa de Sousa

E' essa capella com os seus ornamentos do tecto os unicos vestigios artisticos que restam do templo Carmelita; ainda no vasto edificio se veem tambem as pedras tumulares dos condes d'Obidos, outros da familia do General Braz Telles de Meneses senhores do Estado de Lamarosa (Concelho de Coimbra) e ainda outros pequenos com as inscripções das sepulturas dos dois Carmelitas Fr. Miguel de S. Jeronymo fallecido em 1653 e Fr. Antonio de Christo morto em 11 de Novembro de 1668, mas todas estas reliquias do vasto convento erecto pela missão Carmelitana nos principios de seculo XVII são apenas inscripções curiosas sem outro valor jazendo no sobrado ou conservadas por respeito archeologico nos roda-pés da egreja.

Como os protestantes conservam nas suas praticas a simplicidade dando á religião monoidolatra uma forma abstracta e moralista prescindindo de imagens, abstrahindo os ornamentos, nada se vê pelas paredes que não sejam algumas citações da biblia e outras decorações alem do melodio para acompanhar os canticos, as bancadas para os fieis ajoelharem e um pequeno pulpito para a predica moral do pastor que preside aos serviços ou á eschola.

Essa simplicidade harmonisa-se bem com a memoria d'aquelles dois protectores da religião e do trabalho que sem tomarem a direcção de qualquer movimento politico ou social, no mais pleno exercicio da moral e do patriotismo praticaram a união social pelo civismo e pelas doutrinas christãs dando por exemplo os seus actos e os seus escriptos.

Ayres Jacome Corrêa

A GUERRA
"A guerra é aquelle monstro," etc etc
(Pe Vieira)
Fita, nastro, cadarço, barbilho barbante cordel guita
EM 3 PARTES
1ª o prese 'e prologo
2ª PARTE
5 minutos de chaos!
Grande degodana!
Acções heroicas!
Benemeritos!
Etc, etc etc.
3ª PARTE
Os tanks municipaes varrendo os detritos
(E o epilogo)
Esta fita unica no artigo pancadaria, foi vista em varios centros europeus, como Largo da Matriz, Canto do Cáes, etc, sempre com terror e aplauso do Rib.º
SUBSISTENCIAS...
Carne de cara ruim, e cara, á má cara!
"Um policia americano conduzia um "marinheiro francez embriegado parabor "do, quando ao passarem por um homem "e uma mulher, o francez contendeu com "esta, sendo logo chamado á ordem com "energia pelo policia americano
("Republica" de sab; 28 Sept 919)
TONERRE DE BREST!
Out 1919
Avg Cabral

Historia do Descobrimento das Ilhas dos Açôres e sua denominação de Ilhas Flamengas

AO LEITOR

O livro que se segue é a obra d'um belga professor de philosophia e lettras e foi publicado no 27.º fasciculo dos trabalhos que a Faculdade de Philosophia e Lettras da Universidade de Gand editava em 1901 periodicamente.

O seu alto valor é bem demonstrativo ao leitor para que eu lhe faça commentarios. Minuciosamente estudado nos Annaes da Ilha Terceira de Ferreira Drummond quanto á historia na successão dos factos o auctor investigou nos archivos do seu paiz e viu collecções de portulanos por uma forma sómente comparavel aos estudos do Visconde de Santarem e ás suas publicações e lançou um golpe de vista claro sobre a origem da colonisação flamenga nos Açôres e sua historia obscuramente traçados na sua lingua e no seu paiz.

Esta traducção por todos os motivos impunha-se e eu dirigi-me ao illustre Professor pedindo-lhe licença para a reproducção da sua obra na nossa lingua nos termos seguintes.

Ex.mo Senhor Jules Mées etc.

Ex.mo Senhor

Tenho o prazer de me endereçar a V. Ex.a a fim de lhe pedir a auctarisação de reproduzir o seu livro em portuguez sobre os Açores ou em livro ou em Revista. V. Ex.a avalia bem o interesse enorme que elle contem e que creará para apreciar da utilidade da publicação.

O seu endereço foi-me dado pelo Senhor Coronel Chaves de Ponta Delgada e elle lhe poderá fazer a minha apresentação assim como o Ministro de Portugal em Bruxellas o Senhor Alves da Veiga ou o Doutor Duhot que me honram da sua amizade.

Creia Senhor á minha consideração e alta estima.

(ass.) Marquez de Jacome Corrêa

Lisbôa 21 de Janeiro de 1912.

O Senhor Jules Mées muito amavelmente respondeu-me nos seguintes termos que determinavam a resolução da immediata publicação da traducção do volume.

Senhor Marquez.

Sinto-me muito honrado com a sua amavel proposta e subscrevo a ella de todo o coração. E' inutil dizer-lhe que me sentirei feliz de vêr o publico portuguez s'interessar á sua traducção do meu livro. Escreverei ao meu editor para fazer-lhe expedir um exemplar se ainda ha de dispaniveis.

Queira acceilar Senhor Marquez a affirmação da minha consideração a mais distincta.

(ass.) Dr. Jules Mées.

Bornhem 12 de Dezembro de 1918.

Convidando o leitor a reconhecer commigo o obsequio que devemos ao Senhor Mées passo a transcrever a Historia da descoberta das Ilhas Açores e a origem da sua denominação de Ilhas Flamengas cujo livro consta das seguintes partes:

1.º Introducção—Noções geographicas Sobre os Açôres.
2.º 1.ª parte—Historia da descoberta das Ilhas Açores. (5 capitulos).
2.ª parte—Denominação d'Ilhas Flamengas; (3 capitulos)
3.º Annexos.
4.º Bibliographia.
5.º Portulanos.

INTRODUCÇÃO

Noções Geographicas ácerca dos Açores

Os Açôres formam no meio do Atlantico um archipelago, situado entre 36° 50', 39° 45', de latitude norte e 25° e 30° 21', de longitude occidental em relação ao meridiano de Greenwich." Surgindo de abysmos que teem quatro kilometros de profundidade e mais ainda, a primeira das suas Ilhas que se encontra, a mais oriental, é S. Miguel, a 1380 kilometros a oeste do Cabo portuguez da Roca e a 1550 do Cabo Cantino, a ponta marroquina mais saliente. Espaços ainda mais consideraveis separam os Açôres do Novo Mundo: da sua ultima ilha a Noroeste, o Corvo, ao promontorio americano mais proximo, o cabo Race na Terra-Nova, a distancia é de 1800 kilometros e de 4.000 kilometros até á ilha de S. Thomas, ao angulo nordeste das Antilhas, de 3.000 até ao grupo das Bermudas que se podem considerar, como pertencendo á America, embora situadas em mar alto. Dividido em trez grupos de grandeza differente, os Açores occupam uma extensão de mar que tem quasi tres graus de latitude e mais de seis de longitude, todavia n'este espaço de cerca de 200.000 kilometros quadrados a parte das terras emergidas é minima; as passagens entre as ilhas são d'uma tal largura que é raro d'uma costa avistar-se a costa fronteira. A população do Archipelago é mais densa do que a da mãe-patria, Portugal, visto que ultrapassa 100 habitantes por kilometro quadrado, e, não obstante ha regiões nas Cumieiras e nos abysmos vulcanicos onde a cultura é impossivel e onde não vive ninguem (1).

Dos trez grupos formados pelos Açores, o primeiro, situado na extremidade oriental do archipelago comprehende sómente as ilhas de Santa Maria e S. Miguel, precedidas por um conjuncto de rochas ponteagudas que se denominam as Formigas. O grupo central comprehende Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Fayal; o terceiro, emfim, situado na extremidade norte occidental comprehende as ilhas das Flores e do Corvo.

Posto que espalhadas n'uma vasta extensão, as ilhas teem muitissimos traços communs. São formadas de rochas vulcanicas da edade terciaria; parece que no interior e á superficie destas lavas e d'estas cinzas apparecem formações marinhas. Estas existem em St.ª Maria, a mais meridional dos Açôres, com 37.° de latitude norte. (2) As erupções vulcanicas não cessaram; em 1811 uma acção submarina fez surgir uma ilhota, a Sabrina, que desappareceu poucos dias depois da sua apparição (3)

Todas as ilhas açoreanas gosam do mesmo clima constante e salubre que pareceria perfeito se os ventos não soprassem, com grande violencia pelo declive das montanhas, erguendo-se em pleno oceano. Apezar das bruscas alternativas do vento, as variações succedem-se sem transição notoria. O outomno sobretudo encanta os estrangeiros pela sua egualdade; todavia as paisagens das mattas não offerece n'esse tempo a variedade de cores que se observa na Europa e mais ainda na America septentrional: as mudanças climatericas são muito lentas para que a folhagem se resinta rapidamente pela paragem da seiva nutritiva. As differenças annuaes, entre as estações nunca ultrapassa oito graus, mas entre os mezes o desvio é mais consideravel. As principaes alterações do clima provêem da direcção do vento, porque os Açôres acham pouco mais ou menos na zona média entre os aliseos e contra-aliseos; quando a corrente atmospherica vem do sul, é quente e humida, quando sopra do norte é fria e secca; d'ahi um contraste notavel entre as vertentes das ilhas, as que são banhadas pelos ares e chuvas da origem meridional, as que são voltadas na direcção dos ventos do norte. Nos Açôres é menos a latitude que a exposição que determina as condições do clima.

(1)—E. Reclus, Nova Geographia Universal, vol. XII pag. 22.
(2)—Suess, La face de la Terre, Paris 1897 t. I pag. 172.
(3)—Para a actividade vulcanica nos Açôres no "Archivo dos Açores".

"D'uma maneira geral, o clima açoreano offerece um meio-termo entre os de Lisbôa e Malaga e o da Madeira; esta ultima ilha e o Fayal dos Açôres apresentam uma differença thermal de temperatura d'um grau apenas, mas a differença entre o hinverno e o estio é relativamente consideravel nos Açôres. Situados cinco graus mais perto do polo, teem um inverno mais frio que a Madeira, mas teem tambem um verão mais quente, posto que a temperatura nunca seja mais elevada que na terra firme de Portugal com a mesma latitude: o clima dos Açôres é mais violento que o da Madeira e muitissimo menos agradavel para os estrangeiros. As chuvas, trazidas pelos grandes ventos oceanicos, são muito abundantes, pelo menos duas vezes mais que na Madeira. Chove em todas as estações, principalmente no inverno, com os ventos do oeste e muitas encostas das montanhas açoreanas, principalmente nos taludes de pedra pomes, cobrem-se, apezar do seu declive, de musgo e de limos cujas camadas lembram as turfeiras da Irlanda.

A abundancia de vapores é tão grande na parte superior dos montes, que muito frequentemente, mesmo durante a estação mais sêcca do anno, as nuvens amontoam-se nos cumes e os cobrem por completo: antes do pôr do sol o veo desce nos montes. Com medo da humidade, os habitantes, á excepção dalguns pobres, occupam somente os andares superiores: o rez do chão serve de estrebaria, de adega, de deposito. Os ventos do oeste são terriveis. O sudoeste recebeu o nome ironico de carpinteiro tanto elle é habil em desmantelar os navios; acontece frequentemente que os pescadores e os tripulantes dos navios costeiros, indo d'uma ilha á outra, vão parar a Lisbôa, impellidos pela tempestade (1),

Graças aos elementos constituitivos, o solo dos Açôres é naturalmente fertil; mas o homem não tem tirado d'elle todo o partido possivel. A agricultura está ainda na sua infancia e as ilhas a custo alimentam a vigesima parte da população que poderia viver alli.

Segundo um recente recenseamento, o numero dos habitantes é de 260.082 (2).

Nos ultimos tempos a falta da industria tem provocado um movimento de emigração bastante consideravel: Os Açôres formam uma provincia de Portugal; dividem-se sob o ponto de vista administrativo em trez districtos, submettidos cada um á auctoridade d'um governador, responsavel perante o Governo central de Lisbôa. O Districto de Ponta Delgada comprehende Santa Maria e S. Miguel; o d'Angra as ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa; o da Horta as ilhas do Fayal, Pico, Flores e Corvo (3).

PRIMEIRA PARTE

Historia do Descobrimento das Ilhas dos Açores

CAPITULO I

Conhecimento dos Açores na antiguidade e na edade media até ao século XIV

Parece-nos inutil expôr detalhadamente a ideia que a antiguidade fazia do A-

(1) — E. Reclus, ob. cit. pag. 26, 28.

(2) — Alice Moderno, Açores, Pessoas e coisas. Ponta Delgada 1901. Segundo este livro o numero d'habitantes das differentes ilhas reparte-se da seguinte maneira: St.ª Maria 6582; S. Miguel 121.929; Terceira 40.278; São Jorge 18.359; Graciosa 8.453; Fayal 24.321; Pico 25.328; Flores 8.608; Corvo 824.

(3) — Bibliographia para a descripção geral dos Açores: Meirelles do Canto e Castro, Memoria sobre as Ilhas dos Açores, Paris 1834. Accurcio Garcia Ramos, Noticia do Archipelago dos Açores Lisbôa 1869. Pereira Recordação: dos Açores (Bol. da Sociedade de Geographia de Lisbôa 1892 p.ª 331 — 372). Boid. A description of the Azores, London 1835. Godman. Natural History of the Azores 1870; Fouqué, Voayge aux Açores (Revue des deux Mondes 1873; Hartung, Die Azoren in ihrer dusseren Erscheinung. Leipzig, 1860. Canstatt Auf den Azoren (Deutsche Rundschau fur Geogr. u. Statistik, 1865, p. 108). Sim roth, differents articles dans Globus vol. LII, 1887. Weeks, Among the Azores. Boston 1882. Webster Description of the island of S. Miguel with remarks on the other Azores Boston 1821. Carew Hunt. Description of the Islands Azores (Journal of the royal geogr. society. London, vol. XV, pag. 258). Baker, A summer on the Azores, with a glimpse of Madeira. Boston, 1882. Wyville Thompson, The voyage of the Challenger, 1877 Walker, The Azores or Western Islands. Lndon. 1886. W. Kettle, A description of the Azores or Western Islands, London 1894. Reclus, op. cit. p. 22 — 60. Pierre d'Espagnat, Aux iles Açores. (Le Tour du Monde, 1898, p. 025 — 036).

tlantico. Considerado desde os tempos mais remotos, como inaccessivel para a navegação, este oceano não tardou a tornar-se um campo de exploração aberto aos navegadores. Entre elles é preciso citar como sem egual o Carthaginez Hannon (entre 450 e a segunda metade do século IV) e Pythéas (ultimo terço do século IV). O primeiro alongou a costa occidental da Africa pelo menos até á Serra Leôa, emquanto o segundo levou os seus descobrimentos para além do norte das columnas de Hercules até ás ilhas Hebridas. Os phenicios e os Carthaginezes conheciam pelo seu lado as ilhas Canarias mais tarde confundidas com as ilhas Fortunosas da lenda emquanto os romanos parecem ter possuido noções acerca das ilhas da Madeira.

Quanto aos Açôres, eram elles realmente conhecidos dos antigos? Não existe indicio algum de viagem que os phenicios, carthaginezes, gregos ou romanos tivessem emprehendido para elles. Por esta razão o descobrimento destas ilhas deve ficar em hypothese e hypothese pouco provavel, attendendo á grande distancia que as separam da costa europeia, e ás difficuldades da navegação n'esta epocha. Todavia, ha poucos annos ainda, M. Curt Fischer affirmou que os Açôres foram descobertos pelos antigos. Baseia-se no encontro de moédas phenicias na ilha do Corvo, encontro muito contestavel como nós veremos d'aqui a pouco, e n'uma passagem de Statius Sebosus (referida por Plinio, l. VI. c. 32) em que diz «A ilha Junonia está situada a 750 m. p. de Cadiz; a mesma distancia separa esta ilha de Pluvialia e Capraria situadas para o oeste; estas estão separadas das ilhas fortunosas por uma distancia de 250 m. p. (2.000 stadiões) «Fischer identifica a Junonia com a Madeira e admitte que a Pluvialia e a Capraria designam as ilhas de Santa Maria e de S. Miguel do grupo dos Açores». (1) «Se, com effeito, accrescenta, nós navegamos 6.000 stadiões em direcção ao oeste, somos impellidos, embora contra nossa vontade, para as ilhas dos Açores ou, pelo menos, para melhor explicar a questão para sobre duas d'ellas que se acham mais perto da costa europêa e que são agora denominadas Santa Maria e S. Miguel». Ora os Açôres não estão situados a oeste, mas bem a noroeste da Madeira. Outros geographos, admittindo completamente que ha erro da parte de Sebosus, enfileiram Pluvialia e Capraria entre as ilhas Canarias como de resto o fez Ptolomeu.

Mais d'uma vez os Açôres teem sido confundidos com as Cassiteridas (2) onde os phenicios iam buscar o estanho.

Na costa da peninsula iberica junto á sua edição de Ptolomeu, Nicolau Denis dá a nomenclatura de Açôres ás Cassitéridas, que elle colloca como o geographo da Alexandria, não longe do cabo Finisterra. (3)

O mesmo facto se observa n'um manuscripto de Ptolomeu, conservado na bibliotheca real de Bruxellas (4) e na edição de Ptolomeu annotada por Waldseemüller. (5)

---

(1)—Curt Fischer, de Hannonis Carthaginesis Periplo. Leipzig, 1893, p. 73.

(2)—As Cassitéridas teem uma historia obscura. Herodoto (liv. III) conhece-as de nome mas parece duvidar da sua existencia. Ellas foram descriptas pela primeira vez por Strabão (Liv. III ch. 5 § 8) que as colloca no numero de dez ao norte do porto de Artabres; assignalando uma d'ellas como deserta. Os geographos posteriores taes como Pomponius Mela, Plinio e Ptolomeu collocaram egualmente as Cassitéridas não longe da costa sptentrional d'Hespanha. Geralmente identifica-se este grupo com as ilhas Scilly situadas ao sudoeste da Inglaterra. Hugo Berger, á opinião do qual nós cremos prudente de nos juntar, não se quer pronunciar sobre esta questão d'identificação (Geschichte der wissenschaftlichen Erdkunde der Griechen. Leipzig, 1887—93, Abth. I, p 29).

(3)—Claudii Ptolemei cosmographiae libri octo, latine redditi a Nicolao Donis germano. Ulmae, 1482.

(4)—Cfr. Ruelens, Les monumentos de la géographie des bibliothèques de la Belgique. Carte de l'Europe 1480—85. Bruxelles, 1880.

(5)—Cl. Ptolemei geographiae opus novissima traductione e graecorum archetypis castigatissime pressum, etc. Argentinae, 1513 Sobre a carta da America que figura n'este trabalho, os Açores occupam a sua real situação no meio do Oceano Atlantico. Esta contradição explica-se pela tendencia dos cartographos d'esta epocha a copiar sem critica alguma os differentes modelos que elles tinham sob a mão. Nós voltaremos a este ponto.

Nos nossos dias, M. Gaffarel, professor da faculdade de lettras de Dijon patronisa a identificação dos Açôres com as Cassitéridas. "Os açoreanos, diz elle, têm ainda o mesmo costume que no tempo de Estrabão, costume que os fazia parecer com as furias vingativas. O enorme manto negro com que elles se envolvem tornou-se para elles tão importante que os aldeões demoram o seu casamento até comprarem esta peça essencial ao seu vestuario». (1)

E' inutil insistir ácerca da inexactidão d'estas affirmações. Os Açôres não possuiam estanho e nunca tinham sido habitados até ao momento em que os portuguezes os colonisaram no século XV, como o provam os testemunhos contemporaneos. Além disso foi sómente depois d'esta colonisão que se formaram lendas relativas á sua população anterior.

Thevet, cosmographo de Henrique III, rei de França, que visitou S. Miguel no meiado do século XVI, attribue aos judeus a honra de serem os primeiros que tivessem residencia n'esta ilha. (2) A sua phantastica narração tem sido regeitada por todos os historiadores. (3)

Faz-se remontar tambem aos phenicios e aos Catharginezes o descobrimento dos Açôres e adduz-se como prova d'isso, como já vimos, as moedas punicas, pretendidamente achadas na ilha do Corvo. Segundo Von Humboldt, que "baseia a sua narrativa em Podolyn: (4) "N'uma tempestade a resaca das vagas puzera a descoberto um enorme vaso partido, contendo uma quantidade de moedas. Levaram-nas para um convento onde desgraçadamente o maior numero foi distribuido pelos curiosos. Algumas (em numero de 9) foram enviadas para Madrid ao padre Flores que as offereceu a M. Podolyn». As circumstancias com que se rodeia esta descoberta, parecem extraordinarias e mais d'uma pessôa será tentada a julgar que estas moedas poderiam ter provindo d'outros logares.

"Ninguem, diz E. do Canto, pode duvidar da bôa fé do padre Flores, mas como elle nunca esteve no Corvo nem assistiu aos factos que relata, é possivel que se tenha abusado da sua credulidade.

Nem nos Açôres, nem em Portugal temos a menor tradição ou o menor documento relativo a um acontecimento que apenas se deu há 130 annos. Não pomos em duvida a sinceridade das pessoas que se occuparam d'estas moedas, mas á das que as acharam. (5)

Uma outra lenda que tem feito estragar muita tinta, é a da estatua equestre do Corvo. Segundo Damião de Goes, que primeiro fallou d'isso, encontraram, no nordeste da ilha, a estatua d'um homem, vestido com uma capa e montandonum cavallo em osso; tinha a cabeça descoberta, a mão esquerda descançava sobre a crina, o braço direito estava estendido e a mão fechada á excepção do dedo indicador que apontava para o occidente. Quando o rei D. Manuel enviou aguns homens á ilha do Corvo com a missão de transportar a imagem para Lisbôa affirmou-se que ella tinha sido destruida por uma tempestade; na realidade ella tinha sido quebrada. Alguns bocados, como a cabeça do homem, o braço direito e um pedaço da espora foram levados para Lisbôa e expostos, durante alguns dias n'um quarto do palacio real, mas ignora-se o que fizeram d'elles depois. Em 1529 Pero d'Afonseca, capitão do Corvo, ouviu aos habitantes que, em baixo nos rochedos, na direcção em que se tinha achado a estatua, tinham notado algumas lettras que

(1)—Gaffarel. Historia da descoberta da América desde as origens até á morte de Christovão Colombo. Paris, 1892. T. I, p. 53.

(2)—Thevet. Cosmographia universal. Paris 1575, vol. II p. 1022.

(3)—E. do Canto. Opiniões do Barão de Humboldt a respeito dos Açores (Archivo dos Açores, vol. III, p. 113—117).

(4)—Gotheborgske Wetenskaps og Witterhets Samlingar, 1778, St. I, pag. 106, citado por Alex. Von Humboldt Exame Critico da Historia da Geographia do Novo Continente e dos progressos da Astromomia nautica nos seculos XV e XVI, t. II p. 237. Von Humboldt não crê a uma descoberta dos Açores pelos phenicios ou os carthaginezes mas suppõem que as suas moedas foram levadas para o Corvo pelos arabes ou os normandos. Nós não podemos achar a fonte donde Von Humboldt bebeu.

(5)—Archivo dos Açores, vol. III pag. 112.

elle mandou moldar em cera sem chegar a decifral-as. Segundo a opinião pessoal de Goes, esta estatua fora construida no Corvo pelos normandos que, arrojados a esta ilha por uma tempestade, a abandonaram, visto ser deshabitada, mas deixaram alli esta estatua como recordação da sua passagem. (1)

Um viajante contemporaneo, Boid, considera a estatua equestre como um phenomeno natural. Elle conta que "entre um grande numero de absurdos, os habibitantes do Corvo asseguram que foi á sua ilha que se deveu o descobrimento do Novo Continente pois que um promontorio que avança pelo mar dentro grandemente na direcção do noroeste, representa a forma d'uma pessôa, tendo a mão estendida, apontando o Occidente. A Providencia, accrescentam elles, quiz que este promontorio tivesse esta forma extraordinaria para annunciar aos navegadores europeus a existencia d'um outro mundo. Colombo comprehendeu e interpretou este signal e lançou-se no caminho dos descobrimentos para o oeste". (2)

As anarrações de Goes e de Boid foram regeitadas e com razão nos proprios Açôres por E. do Canto e Antonio Homem da Costa Noronha. Este ultimo entregou-se mesmo a um estudo local em 1580.

"Os indigenas que não são mais do que mil, diz elle, ignoram absolutamente as recordações que esta estatua deixou na ilha; se o seu descobrimento tivesse sido um facto historico, a lembrança d'um monumento tão notavel não daixaria de se transmittir de paes a filhos. Todavia é incontestavel que se vê nos rochedos, mesmo em terreno plano, penhascos que a uma certa distancia e a olho nos assemelham figuras humanas. Os meus trabalhos não obtiveram outro resultado. Consultei pacientemente a tradição, ella nada me ensinou; percorri e examinei attentamente outros logares a noroeste e tudo me pareceu dizer que a estatua é tão sómente uma illusão d'optica." (3)

Eis o que se tem dito ácerca da pretendida estatua equestre do Corvo.

A edade media, pelo menos até aos séculos XIV, parece não ter conhecido os Açôres mais do que a antiguidade.

Todavia não faltam historiadores que arrisquem affirmações cujas provas são sempre as mesmas. «Na edade media, diz von Humboldt, são sem duvida as duas nações rivaes e aventureiras os normandos e os arabes que espalharam as primeiras noções certas ácerca do grupo dos Açôres.

Alguns historiadores fazem remontar o descobrimento dos normandos ao seculo (4) nono.

Mas quaes são as fontes dignas de fé, os documentos authenticos que permittem verificar estas asserções? Os auctores arabes diz, com razão, Gaffarel, (5) concordam apenas sobre um ponto:—a ignorancia quasi absoluta em que estamos dos paizes banhados pelo mar tenebroso. O oceano inspirava-lhes uma especie de terror religioso. (6)

Povoam-no com um numero incalculavel de ilhas, umas habitadas, outras desertas. Segundo Ebn-al-Ouardi, só o céu as poderia contar. Edrisi fixava o seu numero em vinte sete mil. Em Raca, diz elle vivem passaros semelhantes a aguias vermelhas e munidas de garras; alimentam-se de molluscos testaceos e de peixes e jamais se afastam d'estas paragens. Diz-se tambem que a ilha da Raca produz uma especie de fructos semelhantes a figos enormes. O auctor do livro das Mara-

(1)—Damião de Goes, Chronica do Serenissimo Principe D. João, Lisbôa, 1567, fol. 9 v.°

(2)—Von Humboldt, op. cit. t. II, p. 228.

(3)—Archivo dos Açores, vol III, p. 105—106.

(4)—Von Humbolt, ob. cit. t. II, p. 207. Apoia-se unicamente sobre De Murr, Historia Diplomatica do Cavalleiro Portuguez Martin Behaim de Nuremberg traduzida do allemão por Jansen pag. 55, que tem o cuidado de não citar a fonte.

(5)—Gaffarel, ob. cit. t. I. p. 232.

(6)—Veja-se Edrisi, trad. de Jaubert, t. II pag. 36 et Ibn-Khaldoun, Prolégomènes historiques, Trad. de Slane.

vilhas (1) conta que um rei de França, sabedor do facto, enviou a estas paragens um navio para obter os fructos e os passaros em questão, mas o navio perdeu-se e depois nunca mais se ouviu fallar d'elle. (2)

Todas estas descripções phantasticas provam que os arabes eram d'uma ignorancia absoluta no que diz respeito ao Atlantico e cremos ter o direito de regeitar von Humboldt que identifica Raca com os Açores.

Quanto aos Normados, o seu pretendido descobrimento d'estas ilhas é apenas uma hypothese cujas provas de balde temos procurado.

Entre as lendas que desde os primeiros tempos da historia, se formaram ácerca do Oceano Atlantico, ha uma d'ellas, que se tornou, por assim dizer, um logar commum litterario: é a Atlantida de Platão. N'uma conversação com os sacerdotes de Sais, no Egypto, Solon ouviu que outr'ora os seus antepassados tinham luctado gloriosamente contra um povo conquistador, os Atlantas que estendiam a sua dominação sobre o universo quasi todo, mas cuja patria desappareceu, n'um só dia, devido a grandes tremores de terra e inundações. (3) A questão da Atlantida tem levantado bastantes contradicções; emquanto uns regeitam a existencia d'esta ilha, outros admittem-na e segundo varios escriptores, podem-se encontrar despojos ou vestigios d'ella no immenso espaço que limita os Açores, as Canarias, o Mar dos Sargaços e as Antilhas. No entretanto, só parece certo que houve uma Atlantida geologica que dividia os mares americanos dos do Antigo Mundo, a Atlantida historica fundamenta-se apenas no unico testemunho de Platão e talvez que ella não existisse a não ser na brilhante imaginação do philosopho Atheniense. (4)

Pode-se ver uma noção das ilhas dos Açôres nas lendas vivazes da edade media de S. Brandão e da ilha das Sete Cidades? A narração das viagens phantastica de S. Brandão foi escripta em latim no século XI e immediatamente em todas as linguas. Esta lenda é importante, sobretudo pela influencia que ella exerceu na Cartographia da edade media e na dos tempos modernos. A ilha de S. Brandão que figura, pela primeira vez, na Carta de Hereford (ahi por 1260) (5) apparece em quasi todas as cartas que vieram a seguir. No seculo XVIII, foram organisadas viagens para procurar a ilha que se acreditou perdida.

Uma outra lenda christã, a da ilha das Sete Cidades ou Antilia, deu muito que fallar na edade media. Apparece-nos pela primeira vez gravada no globo de Martim Behaim (1492):" Quando se faz referencia ao anno 734 da nossa epocha, diz elle, emquanto toda a Hespanha foi invadida por mercadores d'Africa, ao mesmo tempo a ilha Antilia, denominada Sete-Cidades, já acima dito, foi povoada por um arcebispo do Porto em Portugal com mais seis bispos e varios christãos homens e mulheres os quaes, tendo fugido da Hespanha em barcos para ahi foram com os seus gados e fortuna. Foi por acaso que no anno 1414 um navio de Hespanha se avisinhou muitissimo da Ilha."

D'esta maneira esta lenda parece remontar-se ao seculo VIII; foi provavelmente alguns seculos mais tarde que ella se applicou á ilha Antilia; esta ilha desempenhou um papel importante no plano dos descobrimentos de Christovam Colombo e falla-se della na celebre carta de Toscanellí de 1474." Acreditou-se, diz Gafarel, que esta ilha era S. Miguel, uma dos Açores. Na extremidade oriental desta ilha estende-se um valle com cerca de trez leguas quadradas, é uma antiga cratéra, similhante a uma enorme Caldeira. E' rodeada de montanhas escarpadas, com duas lagôas no fundo. O solo é de lava e pedra pommes mas coberto com um humus fertil. Algumas miseraveis cabanas espalhadas pelo valle compõem com effeito o

(1)—Maçoudi.
(2)—Edrisi, trad. Jaubert I pag. 200.
(3)—Platão expoz esta lenda em dois dos seus dialogos—o Timeu e o Critias.
(4)—Veja-se Kretschmer, Die Entdeckung Amerka's. Berlin 1892. pag. 159. A questão da Atlantida produzia toda uma bibliographia donde a enumeração me parece aqui inutil.
(5)—Veja-se Benedict, The Hereford map and the legends of St. Brandan. (Bull. amer. geogr. Society of New York, 1892).

logarejo que tem o nome de Sete Cidades. Estaremos em presença das Sete cidades edificadas pelos proscriptos? Todavia, á primeira vista, muitos milhares d'entre elles teriam podido viver e prosperar n'um espaço tão pequeno. Sem duvida os tremores de terra são frequentes nos Açores. Podem ter destruido as cidades e transformado o solo; mas, pelo menos, achar-se-hiam destroços ainda das casas e nada de semelhante existe. Apenas o nome se conservou e affirmar-se-hia ainda que é de origem moderna e que a aldeia actual das Sete-Cidades foi assim chamada por algum erudito na investigação de retrospectivas recordações. Não é nos Açôres que se deve procurar a ilha das Sete Cidades. (1)

Entre as varias ilhas phantasticas, que figuram nos mapas-mundis e os portulanos de edade media, contentar-nos-hemos em citar Brasil Royllo, Tanmar, de Man Satanaxio, Mayda e Verde. Ellas não teem relação alguma com qualquer conhecimento dos Açores e seria ultrapassar o objecto d'este estudo discutir as lendas geographicas que são completamente estranhas ao nosso trabalho.

CAPITULO II

Os Açores nos Portulanos

Não possuimos carta alguma maritima do tempo dos Gregos e dos Romanos, todavia os differentes periplos ou descripções das costas, que a antiguidade nos legou, não conteem por ventura d'elles virtualmente a existencia dos portulanos? (2) Não são tambem dos portulanos as cartas de Marin de Tyr, de que fala Ptolomeu e que os arabes tinham em alta consideração ha dez seculos? Este ultimo povo tinha emfim a sua cartographia propria, mas o unico vestigio que chegou até nós é apenas a copia d'um prototypo italiano. (3)

A carta mais antiga datada, que nós conhecemos, é a de Pietro Vesconte (1311); a sua perfeição relativa prova a existencia, pela bacia do Mediterraneo, de portulanos mais antigos e anteriores á introducção da bussula.

Os contornos d'esta bacia não variaram nas cartas desde o seculo XIV até ao fim do seculo XVI e Nordenskiöld considera-as mesmo todas como derivadas d'um portulano original a que elle chama portulano normal. (4)

Mas, fóra da bacia do Mediterraneo, os portulanos que teem sido sempre o fructo de observações directas, modificam-se sem cessar; ao traçado das Cartas e das localidades situadas na sua vizinhança vem-se ajuntar immediatamente particularidades ácerca do interior do paiz; povos, cidades, rios e montanhas. A carta dos paizes do norte aperfeiçoou-se no seculo XIV por causa das relações commerciaes muito estreitas entre os italianos e os catalães; por outra parte veem-se então apparecer, nos portulanos os diversos grupos das ilhas do Atlantico e os novos mundos, abertos á actividade humana, graças aos esforços e á audacia d'uma pleiade de arrojados navegadores, entre os quaes se deve citar como sem eguaes Christovão Colombo e Vasco da Gama.

Comprehende-se desde então o alto valor dos portulanos para a historia dos descobrimentos geographicos e o quanto importa procurar em que data os Açores fizeram a sua apparição nas Cartas Maritimas.

Como nós mostramos n'um trabalho anterior (5) estas ilhas não figuram nas

(1) — Gaffarel, op. cit. I, pag. 242.

(2) — Com Nordenskiold nós attribuimos á palavra portulano o sentido da carta marinha. Varios sabios não lhe attribuem senão a significação de livre roteiro. Wieser propõe o nome de carta portulano (Petermanns Mitteilungen, 1899, p. 188, n.º 2).

(3) — Th. Fischer, Sammlung mittelalterlicher Welf-und, Seekarten 1880 p. 240—245.

(4) — Periplus. Wieser, loc. cit. não admitte que haja um substracto sufficiente, demonstrando a existencia do portulano normal. Segundo elle as origens das cartas portulanas, indo á antiguidade, tornam impossivel a hypothese do portulano normal. A experiencia de toda uma serie de seculos devia dar á carta d'uma bacia fechada como a do Mediterraneo um tal grau d'exactidão que esta carta podia ficar um tempo longo bastante sem soffrer alteração.

(5) — Os Açores pelos Portulanos (Bol. da Sociedade de Geographia de Lisbôa 17.ª serie 1898 — 99.

cartas do começo do seculo XIV. M. Marcel, é verdade, e depois d'elle Amat de San Filippo, marca os Açores n'uma carta de Dulcert de 1339. (1) O exame d'este documento mostra que as ilhas de S. Brandão, Primaria, Capraria e Canaria (2) não occupam o logar dos Açores, mas por um simples acaso, o das ilhas da Madeira que eram egualmente desconhecidas na Cartographia.

Não se pode dar mais credito ás indicações do portulano do Picigano de 1367; este auctor limitou-se segundo toda a veracidade, a copiar a carta de Dulcert pois que dá o mesmo nome aos mesmos sitios, á excepção da Primaria.

Foi pelos meados do século XIV, isto é, na epocha em que os Italianos e os Catalães emprehenderam numerosas expedições no Atlantico que a Madeira e os Açores fizeram a sua apparição nos portulanos. (3)

O archipelago açoreano, o unico que nos interessa, acha-se a quatro graus mais perto da Costa européa do que as ilhas actuaes, com o defeito geral de orientação norte-sul. As primeiras cartas em que elle existe traçado, são o atlas medíceo (1351) a carta catalã de 1375 e o atlas Pinelli Walckenaer (c. 1384) (4)

Figura ahi com as denominações respectivas seguintes:

A. Ilha da Cabreira, ilha do Brazil, ilha da Ventura ou das Pombas, ilha dos Corvos Marinhos;

B. Brazil, li columbi, Insula de la Ventura, San Zorzo, li Cunigi, insule de Corvi Marini.

C. Luovo, Caprara, ya. de brazillya de la Ventura, San Zorzi, li cunibi, ya. de Corvi Marini. (5)

Resulta do exame das trez cartas que as denominações supra-ditas são dadas geralmente a grupos de ilhas. Ao sul encontram-se duas ilhas, chamadas na alinea A,-insule de Cabreira, e correspondendo a St.ª Maria e a S. Miguel. São classificadas de Luovo e de Caprara no documento C, mas não são designadas no B, posto que a cartographia as registra segundo uma lenda inscripta na Carta. (6)

O grupo Central é formado por cinco ilhas, Terceira, Graciosa, San Jorge, Pico e Fayal. Nos trez portulanos: insula de brazi ou brazil corresponde pela sua posição, á Terceira, unica que tem denominação propria. O restante do grupo é figurado pelas trez ilhas chamadas insule de la Ventura sive de Columbis na Carta A, li Columbi, insula de Ventura san zorzo na B, ya. de la ventura e S. Zorzi na C.

Flores e Corvo collocadas na extremidade norte do archipelago são denominadas li Conigi na B, Conibi e Corvi marini na C, insule de Corvis marinis no portulano A.

Percorrendo o quadro, (7) ver-se-ha que, tomando por ponto de partida o atlas Pinelli Walckenaer, a nomenclatura primitiva dos Açores e definitivamente mantida. Quaesquer modificações, muito ligeiras, que se notam, são devidas, sem duvida alguma, a uma má leitura dos cartographos,

Aqui faz-se a seguinte pergunta? Que significam estes nomes ou qual é a sua

---

(1) – Vêr no artigo citado atraz pag. 144 nota 5 da bibliographia respeitante a este ponto. Nós assignalamos tambem uma carta de Dalorto de 1325. O Senhor Magnaghi, que publicou o ultimo portulano pensa que Dalorto e Dulcert são o mesmo cartographo d'origem italiana. Esta hypothese parece-nos arriscada, porque entre Dalorto e Dulcert a differença é grande bastante. Admittindo que os dois portulanos derivem um do outro ou utilisaram-se d'uma parte commum, nós cremos que elles são obras de dois differentes cartographos.

(2) – Vêr Boletim da Sociedade de Geographia de Lisbôa, 1899, p. 457 – 458.

(3) – As ilhas da Madeira figuram sobre estes portulanos com os nomes de insula de legname, porto santo et desertas. Estes nomes foram conservados pelos portuguezes.

(4) Estes trez portulanos acham-se na cabeça do quadro que nós damos ao annexo X; nós agrupamos a maior parte dos portulanos que mencionam os Açores sob os seus nomes primitivos.

(5) Os escriptores portuguezes desejosos d'assegurar aos seus compatriotas o beneficio da descoberta dos Açores, pretenderam que os nomes sob os quaes as ilhas figuram sobre os portulanos, eram o producto de imaginação dos cartographos ou additamentos feitos depois da descoberta portugueza. Vêr o estudo apparecido no Boletim pag. 461.

(6) – Vêr Boletim, pag. 463.

(7) – Vêr annexo X (será publicado no fim do livro).

razão de ser? Ignoramo-lo ainda, não obstante as identificações propostas por alguns auctores. Segundo Th. Fischer a denominação de insule de Cabrera é devida a que os primeiros descobridores encontraram Cabras no archipelago, o segundo d'Avezac, foi a abundancia de coelhos que valeu á ilha das Flores o seu nome primitivo de Conigi; mas está bem averiguado que estes animaes existiam nos Açores antes da colonisação portugueza? O Fayal, diz ainda d'Avezac que foi por causa das suas florestas de faias que o fizeram assim chamar, ahi pelos meiados do seculo XV, tinha sido visitado mais de um seculo antes e talvez a primeira vez de todas por qualquer navio, ahi levado accidentalmente pela influencia d'uma tempestade; é pelo menos o que o seu nome parece comprovar o qual lhe foi dado primitivamente e que apparece sempre como insula de ventura ou—de la Ventura —em todas as cartas antigas.

A ilha do Pico, offereceu sem duvida aos seus descobridores quantidade de pombos selvagens a julgar-se pela denominação de insula de Columbis. (1)

Estas explicações litteraes parecem muito seductoras, todavia não chegamos a justifical-as pelas indicações muito pouco precisas dos portulanos e ainda menos com a ajuda das chronicas ou de outros documentos que desconhecem, todos, os nomes dados aos Açores. (2)

Nós acabamos de ver que estas ilhas fizeram a sua primeira apparição no portulano mediceu de 1351.

Parece que ellas foram traçadas em cartas maritimas mais antigas, hoje desapparecidas; é o que resulta do texto do Libro del conocimiento de todos los reynos e tierras e senorios que son por el mundo e de los señales e armas que han cada tierra e señorio por sy y de los reys e señores que los proveen. E a obra d'um frade mendigante hespanhol, outrora utilisada pelos chronistas de Jean de Bethencourt extraviada e finalmente achada e publicada em Madrid em 1877 por Jimenez de la Espada. Ignora-se por completo a vida deste religioso que nasceu em Sevilha em 1304 e compoz a sua obra ahi pelos meiados do seculo XV. (3)

Embora o testemunho do monge não valha o d'um escriptor contemporaneo, pois que o seu trabalho, com effeito é apenas uma geographia em acção apoiando-se em qualquer mappa-mundi, como os Snrs. Morel-Fatio e Hamy demonstraram com toda a evidencia, (4) o testemunho do frade, repetimos, não é menos precioso pelos factos que elle relata.

Eis como são passados em revista as ilhas atlanticas... e fuy ver las islas perdidas que llama Tolemeo las islas de la caridat e sabed que desde el cabo de buidor fasta la primeira isla com C X millas. Sobi en um lêno con unos moros e llegamos a la primeira isla que dizem "gresa" e apres d'ella es la isla de Lanzarote e dizem la asi porque las gentes desta isla matarom a un jenovez que dizem lançarote e donde fuy a otra isla que dizen bezimarin e otra que dizem rachau e donde a outra que dizen alegrança e a otra que dizen vegimar e a otra que dizen forte ventura e a otra que dizem canaria e fuy a otra que dizen tenereñz e a otra que dizen la isla del infierno e fuy a otra que dizem gomera e a otra que dizen la

(1)—D'Avezac, Notice sur les déconverts etc. pag. 35.

(2)—Durante o periodo em que o original d'este livro estava no prelo o Snr. Ruge publicou um estudo sobre os Açores, Valentim Fernandes Beschreibung der Azoren (XXVII Jahresbericht des Vereins fur Erdkunde zu Dresden 1909). Segundo o Snr. Ruge pag. 153 marinheiros genovezes descobriram os Açores não partindo da Madeira mas navegando do estreito de Gibraltar para oeste. Elles abordaram primeiro a St.ª Maria e a São Miguel, e a vista de cimos de montanhas trouxe-os á descoberta das outras ilhas. Partindo d'esta idéa elle propõe as identificações seguintes: Santa Maria—Lovo; São Miguel—Caprara; Terceira—y de Brasil; Pico-li colombi; Fayal-de la ventura; São Jorge-Santo Zorzi; Flores-li conigi; Corvo-corvi marini. E' só para Fayal e Pico accrescenta M. Ruge, que a identificação é duvidosa.

(3)—Vêr Boletim pag. 404—05. O ultimo facto citado pelo irmão mendigo é de 1345; é portanto provavelmente d'esta epocha que data a composição do livro del Conocimiento.

(4)—Revue Critique d'Histoire e Litterature, 12 de julho de 1875. amy, Les origines de la cartographie de l'Europe septentrionale (Bulla. géogr. hist. etc descr. 1887, pag. 367, nota 2).

isla de lo fero e a otra que dizem aragavia e a otra que dizen salvaje e a otra que dizem la isla disierta e a otra que dizen lecname e a otra el puerto santo e a otra la isla del lobo e a otra la isla de las cabras e a otra la isla del brazil e a otra la columbaria e a otra la isla de la ventura e a otra la isla de Sant Jorge e a otra la isla de los conejos e a otra la isla de los cuervos marinos e en tal manera que son veynte e cinco yslas... (1)

D'onde se vê que o monge franciscano parte do Cabo Bojador e percorre successivamente as Canarias, a Madeira e os Açores. Os ultimos oito nomes referem-se a este archipelago; é a prova de que elle existia em cartas maritimas, muito provavelmente antes do anno de 1350 e isto com as denominações que só trinta annos mais tarde appareceram nos portulanos chegados até nós. (2)

E' impossivel determinar a fonte onde o religioso franciscano bebeu; mas é racional suppôr que foi nos portulanos catalães, porque, como lhe teriam chegado ás mãos cartas maritimas italianas?

Este ultimo ponto não é sem importancia para fixar a nacionalidade dos primeiros descobridores dos Açores. Com effeito, se se attribue, geralmente o descobrimento destas ilhas aos italianos, é porque se julga que o seu primeiro traçado foi encontrado no atlas mediceu de 1351, isto é, n'uma carta italiana. (3) Todavia eis que antes d'esta epocha, portulanos, sem duvida catalães davam dos Açores um traçado muito mais completo. Não se poderá, pois, concluir com muita razão que é aos maritimos catalães que são devidos estes dados? (4)

Esta conclusão parece tanto mais verdadeira quanto as relações commerciaes dos catalães e a sua habilidade para a navegação rivalizaram com as dos genovezes e venezianos. (5)

Quando e em que circumstancias os Açores foram descobertos pela primeira vez? A historia não diz, mas os portulanos provam que o primeiro reconhecimento é um facto praticado na primeira metade do seculo XIV.

CAPITULO III

Fontes historicas do descobrimento e da Colonisação dos Açores pelos Portuguezes (6)

Segundo o estudo dos portulanos que acabamos de fazer os Açores não podem ser assumpto d'um verdadeiro descobrimento pelos portuguezes; apenas poderão reivindicar a honra de ter reencontrado os Açores e colonisado estas ilhas. As fontes que permittem fazer a historia d'estes factos importantes, dividem-se em trez grupos: contemporaneas; quasi contemporaneas; e as posteriores.

(1)—Libro del Conocimiento, etc. pag. 50.

(2)—Principalmente a Carta Catalã de 1375 e o Atlas Pinelli-Walckenaer. Veja-se annexo X.

(3)—O Snr. Dalbertis leu no 3.º congresso italiano de geographia uma memoria na qual, baseando-se no Atlas mediceu de 1351 elle attribuiu aos genovezes a primeira descoberta dos Açores. Esta Memoria não traz detalhe algum novo. Veja-se Priorità dei Genovesi nella scoperta delle Azorre (Atti del terzo congresso geografico italiano Firenze, 1899, vol. II p. 423.

(4)—Nordenskiold (Periplus pag. 144) attribuindo a prioridade da cartographia aos Catalães, parece crer egualmente que estes ultimos abordaram primeiro os Açores. «Marinheiros genovezes, diz o Senhor Ruge, devem sem duvida ser considerados como os descobridores dos Açores. As ilhas figuram sobre as cartas portulinas do seculo XIV com as lendas latinas ou italianas e foram achadas por italianos... (pag. 151). Os nomes do irmão mendigo hespanhól são evidentemente as traducções de nomes italianos. Isto são affirmações de que o Senhor Ruge não forneceu prova.

(5)—Veja-se Hamy, Les Origines de la cartographie de l'Europe septentrionale (Bull géogr. hist. et descr. Paris, 1887).

(6) **Nota do Edilor**

Para perfeito esclarecimento do assumpto debatido no fim do capitulo 2.º e no principio d'este capitulo 3.º sobre as viagens para o mar Tenebroso e ilhas do Atlantico por gente de raça latina, nós chamamos a attenção do leitor para «A Carta d'El-Rei D. Affonso IV ao Papa Clemente VI de 12 de fevereiro de 1345» sobre a Viagem coeva ás Canarias publicada pelo saudoso erudito michaelense Senhor Doutor Eugenio do Canto em 12 de Julho de 1910—typographia Ruy Moraes—Ponta Delgada.

Fontes contemporaneas

Os unicos chronistas contemporaneos de que nos vamos occupar, são Gomes Eannes d'Azurara e Diogo Gomes.

O primeiro nasceu ahi pelo principio do seculo XV e seguiu a carreira militar antes de se entregar aos estudos historicos. Em 1451, era conservador da bibliotheca real de Lisbôa, como o prova um documento d'esse anno, e (1) trez annos depois foi nomeado Guarda-Mór (Conservador director) da Torre de Tombo e chronista geral do reino no logar de Fernão Lopes. Foi Commendador da Ordem de Christo e morreu entre o 1.° de Dezembro de 1473 e 2 de Abril de 1474. (2) A destruição d'um grande numero de registros do deposito dos archivos e a composição d'um falso alvará que concedia á Ordem de Christo certos privilegios lançaram uma nodoa na memoria de Azurara. (3) Entre os numerosos trabalhos que fizeram d'este escriptor um dos primeiros chronistas de Portugal, o unico que nos interessa é a Chronica do descobrimento e conquista da Guiné. (4) A sua reputação está feita. Todos os historiadores são unanimes em elogiar a vasta erudição do auctor e o caracter veridico das suas narrativas. (5)

Se Azurara não tivesse sido testemunha dos factos que historia, estava da mesma forma bem collocado para receber ou recolher d'elles informações exactas. Com effeito, quando Affonso V desejou ter uma historia verdadeira das façanhas de seu tio, (6) forneceria de certo ao seu chronista todas as concessões necessarias para que elle conseguisse o seu fim. Em primeiro lugar, Azurara esteve em contacto com o infante D. Henrique (7) e conheceu a maior parte dos personagens (8) que desempenharam um papel importante nos primeiros descobrimentos portuguezes.

Todavia esta chronica não é uma narração original dos acontecimentos. O auctor apoiou-se largamente, mas sem que se saiba até que ponto na "historia das conquistas dos portuguezes pela costa d'Africa, de Affonso Cerveira (9) cuja perda é irreparavel para a historia d'esta epocha importante. "A chronica do descobrimento e conquista da Guiné" chega até ao anno de 1448. O ultimo facto attribuido a Cerveira tem a data de 1446, por consequencia pouca coisa fica, ahi umas trinta paginas, que são original de Azurara.

A chronica dá-nos a impressão d'um poema épico em prosa, com uma forma muito correcta, escripto em honra de Henrique o Navegador. Azurara sacrifica, sem repugnancia alguma, tudo o que não tende á glorificação da vida e das acções do seu heroe e, se elle dá a este o nome emphatico de "principe pouco menos que divinal, (10)ao contrario não tem uma unica palavra para as emprezas par-

(1)—Souza Viterbo, Gomez Eannes d'Azurara, (novos elementos para a sua biographia) (Rev. portug. col. e marit. Lisbôa, 1898, vol. III, p. 822).

(2)—Souza Viterbo, ob. cit., p. 467.

(3)—Veja-se Beazlay e Prestage, The Chronicle of the discovery and conquest of Guinea written by Gomes Eannes d'Azurára vol. I pag. XXIII.

(4)—O auctor conta publicar ulteriormente um estudo sobre os manuscriptos d'esta chronica que são no numero de quatro. Elles acham-se conservados, um na bibliotheca nacional de Paris, o segundo na bibliotheca de Madrid e os dois outros na Hof-und Staats-bibliothek de Munich. O manuscripto de Paris foi publicado em 1841 pelos Viscondes da Carreira e Santarem. Beazley e Prestage fizeram uma traducção ingleza em dois volumes para a Hackluyt Society. Londres, 1896 e 1899.

(5)—O unico escriptor que nos é conhecido que teve sobre Azurára um julgamento desfavoravel foi J. Teixeira Soares de Souza: Azurára, escreve elle, é bem melhor «um muito habil cortezão que um historiador serio e imparcial» (carta a Ernesto do Canto de 25 de maio de 1878 Archivo dos Açores vol. IV pag. 18. N'uma outra carta de 14 de Julho de 1880 (ibidem pag. 22) elle promette um estudo critico sobre Azurára: é diz elle um trabalho audacioso e novo». Este estudo não appareceu.

(6)—Azurára, chronica, cap. I pag. 5. Esta historia foi offerecida ao rei em 28 de fevereiro de 1453.

(7)—idem, cap. 69 pag 332.

(8)—idem cap. 10 pag. 63, cap. 34 pag. 173, cap. 56 pag. 262.

(9)—Elle cita esta chronica unicamente quando omitte certos personagens para evitar a prolixidade e não aborrecer os seus leitores. Esta sollicitude excessiva para o estylo priva-nos de mais de um facto importante, mas vale-nos muitos desenvolvimentos inuteis.

(10)—Azurára, chronica, ch. II pag. 9.

ticulares nem para os notaveis serviços que os estrangeiros prestaram ao infante. Os documentos são mesmo despresados, pois que o seu estylo é muito vulgar. Isto elle proprio o confessa, quando fala da carta de 3 de Fevereiro de 1446 (1) pela qual o infante D. Pedro prohibe que se faça commercio nas ilhas Canarias sem a permissão do principe Henrique. Posto que o maior defeito de Azurara seja peccar por omissão, a sua chronica é d'um valor inapreciavel e ficará sempre como a primeira fonte da epocha de Henrique o navegador.

Infelizmente a chronica do descobrimento e conquista da Guiné é quasi muda para a historia dos Açores; a unica passagem que trata expressamente do assumpto d'estas ilhas, é relativa á sua colonisação. Quanto ao seu descobrimento não profere uma unica palavra; este silencio é significativo como mais adeante se verá.

Diogo Gomes (2) é mais prolixo que Azurára. A chronica que elle escreveu para Martin Behaim, está dividida em trez capitulos: 1.º de prima inventione Guineae; 2.º de insulis primo inventis in mare Occidentis; 3.º de inventione insularum de Açôres.

O ultimo capitulo contem a unica narração contemporanea do descobrimento dos Açôres. Diogo Gomes tem todo o valor que se pode attribuir a um escriptor contemporaneo dos factos, e foi testemunha ocular d'um grande numero de factos que elle historia.

Em muitas passagens, attesta ou demonstra as suas relações com o rei Affonso V e com o infante D. Henrique que lhe inspira uma grandissima admiração. Como navegador, Gomes estava sem duvida em contacto com os marinheiros do seu tempo e podia colher mais d'uma particularidade ácerca da grande epocha dos descobrimentos.

As noticias que elle fornece sobre o descobrimento dos Açôres, não são numerosas, mas são sufficientes para pôr em relevo os erros da «Historia Insulana» de Antonio Cordeiro de quem brevemente nos vamos occupar.

Fontes quasi contemporaneas

Os escriptores quasi contemporaneos são trez:

Duarte Pacheco Pereira, Martin Behaim e Valentim Fernandez Allemão.

1.º)—Duarte Pacheco Pereira, naseeu d'uma familia illustre de Lisbôa, nos primeiros annos da segunda metade do seculo XV. No reinado de João II (1481—95) emprehendeu varias viagens de descobrimentos na direcção das costas da Guiné; tornou-se, sobretudo, celebre pelas suas façanhas praticadas nas Indias (1503—1505). O rei D. Manuel accumulou-o de toda a especie de beneficios, mas no reinado de D. João III, Pacheco caiu na miseria e morreu pobre, abandonado, n'um hospital de Lisbôa no anno de 1530. Depois da sua volta das Indias compusera uma obra muito conhecida «O Esmeraldo de Situ Orbis» que foi publicado em Lisbôa em 1892 por occasião do quarto centenario de Christovão Colombo. E' um livro interessante cujo prologo e os capitulos 21, 22, 23, 24, 25 e 26 do primeiro livro conteem alguns dados historicos ácerca dos altos feitos de Henrique o Navegador. (3) No entanto não se encontra ahi narração alguma do descobrimento

(1)—Azurára, chronica cap. 84 pag. 393. Esta carta foi publicada em «Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo. Lisbôa 1892, pag. 9.

(2) Os esclarecimentos biographicos sobre Diogo Gomes são os mais raros; só em 1847 é que Schmeller fez conhecer o seu nome pela primeira vez. Elle era Cavalleiro da Casa Real e foi nomeado em 1440 Almoxarife de Cintra. Em 1456 elle foi juiz das causas e feitorias contadas de Cintra funcção que lhe foi confirmada em 25 de Março de 1482. A copia de Valentim Fernandes Allemão, de que nós falaremos é o unico manuscripto da chronica de Diogo Gomes que foi conservado. Ella foi publicada por Schmeller, Ueber, Valentim Fernandes Allemão und seine Sammlung von Nachrichten über die Entdeckungen und Besitungen der Portugiesen in Afrika und Asien bis zum Jahre 1508, enthalten in einer gleichzeitigen Handschrift der kön. Hof-und Staatsbibliotheck zu München. (pub. no Philos.-Philol Cl. der K. Bayer. Acad. der Wissenchaften. Bd. IV, Abth. III, München, 1847).

(3) Pacheco utilisou um manuscripto da Chronica do descobrimento e conquista da Guiné do qual elle extrahiu o discurso do infante D. Henrique a Gil Eannes antes da viagem d'este ultimo para o Cabo Bojador. Veja-se Pacheco. Esmeraldo de Situ Orbis. Lisbôa 1892. cap. 22 pag. 39 e Azrara, chronica cap. 9 pag. 57.

dos Açores cuja lembrança devia estar ainda bastante viva, n'esta epocha. E' a custo que Pacheco menciona a colonisação destas ilhas; mas nós mostraremos immediatamente que o seu silencio da mesma maneira que o de Azurára, facilmente se explica.

Martin Behaim (1) nasceu em Nuremberg em 1459 e foi provavelmente discipulo de Regiomontanos. Por morte de seu pae entregou-se ao commercio e na edade de 18 annos, encontramo-lo em Malines em casa d'um mercador de pannos Joris van Dorpp. Em 1478 partiu para Anvers e começou a negociar por sua conta. Desde então os seus detalhes biographicos tornam-se muito raros, mas seguindo a hypothese mais provavel, Behaim não teve mais residencia fixa, os seus negocios obrigaram-no a jornadear umas vezes em Anvers outras vezes em Lisbôa, ou como o admitte a maior parte dos historiadores, elle fez parte da pretendida junta ou commissão, encarregada por D. João II de melhorar a arte da navegação. (2) Não se está d'accordo ácerca dos serviços prestados por Behaim á marinha portugueza. Elle conta sobre o seu globo de 1492 que fez parte, em 1485, d'uma expedição de Diogo Cão ás costas occidentaes da Africa e que voltou a Lisbôa em 1486, depois d'uma ausencia de 19 mezes; (3) n'esta narração pullulam as inexactidões. (4) Foi provavelmente no anno de 1488 que Martin Behaim desposou a filha do flamengo Josse de Hurtere, primeiro Capitão donatario das ilhas do Fayal e Pico. Em 1491, voltou á sua cidade natal e completou ahi no anno seguinte o seu celebre globo que pertence ainda hoje á familia Behaim de Nuremberg. De volta a Portugal em 1493, foi encarregado pelo rei d'uma missão diplomatica nos Paizes Baixos ácerca da cuja natureza não possuimos informações algumas. Na viagem foi preso pelos piratas; chegou a escapar-se e reappareceu em 1494 na sua patria adoptiva d'onde partiu provavelmente para fixar a sua residencia na ilha do Fayal. Morreu em Lisbôa no hospital allemão, no anno de 1507.

Se damos algumas noticias biographicas ácerca de Martin Behain é porque o seu globo de 1492 contem duas annotações relativas aos Açôres. Uma diz respeito ao descobrimento d'estas ilhas, a segunda á colonisação do Fayal e do Pico pelos flamengos. A narração do descobrimento nada diz de novo; é inspirada pela chronica de Diogo Gomez; a confusão dos personagens e das datas prova claramente que o celebre cosmographo escreveu a sua annotação de memoria, sem consultar directamente a sua fonte. Behaim está melhor informado no que diz respeito á colonisação do Fayal e do Pico. Elle pôde colher, em primeira mão, isto é directamente, as suas noticias, porque era o genro do primeiro Capitão donatario d'estas ilhas e residiu muitissimo tempo na ilha do Fayal.

Infelizmente Behaim parece associar-se pouco com a verdade historica, e, apesar de todas as circumstancias favoraveis que tentámos invocar em seu favor, evitaremos acceitar como verdadeiro tudo o que elle diz das (Ilhas Flamengas).

(1) Veja-se Doppelmayr, Historische Nachricht von den nürnbergischen Mathematiker und Künstler Nürnberg, 1730; von Murr, Diplomatische Geschichte das Portugiesischen berühmten Ritters Martin Behaim Nurnberg, 1778; idem traducção tranceza por Jansen; Paris e Strasbourg 1802, Ghillany, Geschichte des Seefahrers Ritter Martin Behain, Nurnberg, 1853; Günther, Martin Behaim, Bamberg, 1890. Gunther teve a fortuna de achar alguns documentos que tinham escapado a Ghillany; Ravenstein, Martin de Bohemia, (Revista portugueza colonial e maritima vol. V)

(2)—Segundo Murr e Ghillany, Behaim não se teria estabelecido definitivamente em Portugal no anno de 1479, mas um documento publicado por Gunther (ob. cit. pag. 53 nota 24) prova que em 1484 elle archava-se em Anvers.

Ravenstein (Revista port. vol. V pag. 75) baseando-se sobre este documento, admitte que só em junho de 1484 é que Behaim veiu pela primeira vez a Lisbôa. Elle regeita tambem—e com razão segundo a nossa opinião—a existencia da Junta que elle trata de lenda.

(3)—Diogo Cão emprehendeu duas viagens: Na primeira que teve logar em 1482 elle descobriu o Congo e collocou uma columna commemorativa no Cabo de Santa Maria (13º 27' lat. sul): elle estava de volta em Lisbôa antes de 8 d'abril de 1484. A segunda expedição teve lugar em 1485—86. Algumas columnas foram collocadas no Cabo Negro (15.º 41 lat. sul) e no Cabo da Cruz (21.º 53 lat. sul) veja-se Ravenstein (loc. cit. vol. V pag. 139). Idem, The voyage of Diogo Cão and Bartholomeu Dias, 1482—88. (Geogr. Journal, 1900 pag. 625) e Luciano Cordeiro, Diogo Cão, Lisbôa 1892.

(4)—Estas inexactidões trazem M. Ravenstein (rev. portug. vol. V pag. 134) a duvida da participação de Behaim n'esta expedição e a qualifical-o de mentiroso. Não será isso um pouco excessivo?

Valentim Fernandez Alemão, (1) natural de Moravia, é o auctor d'uma collecção importante de noticias ácerca dos descobrimentos dos portuguezes as quaes já tivemos occasião de mencionar. (2) E' no capitulo em que elle descreve as ilhas do Oceano Atlantico e em uma das folhas isoladas (a 341) que achamos algumas particularidades ácerca dos Açôres. A narração do descobrimento d'estas ilhas não é original de Valentim. Copiou-a de Diogó Gomes e completou-a com uma data inexacta; para a colonisação de Santa Maria mistura a chronica de Gomes com a de Azurara.

Mais importantes são os esclârecimentos dados por Valentim ácerca das ilhas do Fayal e do Pico, todavia as duas relações de que se serve, não concordam inteiramente e parecem tiradas de fontes differentes. Será a folha arrancada, mais completa que o texto propriamente dito e com data posterior, que nos fornecerá algumas noticias interessantes.

Valentim Fernandez Allemão estava em contacto com a familia de Josse de Hurtere, primeiro capitão donatario das ilhas flamengas, elle confessa ter conhecido um flamengo dos Açores de nome Willem Bersmacher: o seu testemunho não se deve pois desprezar.

Fontes posteriores

Á excepção de Azurara e de Pacheco Pereira, todos os chronistas, anteriormente citados, são desconhecidos dos historiadores portuguezes que, um seculo mais tarde, escreveram sobre o descobrimento dos Açores; d'aqui provem que os seus escriptos não fornecem ensinamento algum relativo a este archipelago. Barros que foi cognominado o Tito Livio portuguez, faz nos primeiros dois livros da sua decada uma narração dos primeiros descobrimentos portuguezes. Elle diz a proposito dos Açores: "Do reinado de D. Affonso somente encontramos algumas memorias depositadas nos archivos do Tombo e nos registros de contas... Lê-se ahi que em 1449 o rei permittiu ao infante D. Henrique colonisar as sete ilhas dos Açores, descobertas n'esta epocha e para as quaes o referido infante tinha mandado transportar gado por Gonçalo Velho Cabral, Commendador de Almurol, perto de Tancos. Affonso cedeu em 1457 ao infante D. Fernando, seu primo, todas as ilhas até então descobertas, com jurisdição civil e criminal debaixo de certas reservas. Em 1460, o principe Henrique fez a D. Fernando, seu sobrinho e seu filho adoptivo, doação das duas ilhas Jesus e Graciosa; conservou somente a jurisdição espiritual que pertencia á ordem de Christo de que era o grão-Mestre; esta doação foi confirmada pelo rei em Lisboa, a 2 de setembro do mesmo anno. (3) Nem uma palavra, portanto, ácerca do descobrimento dos Açores. A mesma ausencia de noticias

(1)—Valentim Fernandes veiu para Portugal pelo fim do seculo XV e estabelecen-se em Lisbôa como impressor. Varios livros sahiram da sua imprensa:—o ultimo, uma grammatica latina, data de 1516. Amplos detalhes acham-se em Kunstmaan, Valentin Fernandes Peschreibung der Westkuste Afrika's bis zum Senegal. Munchen, 1850 (Aus den Abh. der Bayer. Akad. der Wiss. III Klasse, VIII Bd., I Abth. p. I—40).

(2)—O manuscripto pertenceu a Conrad Peutinger d'Augsbourg mas ignora-se como elle chegou á Allemanha, elle está conservado na Hof-und Staatsbibliotheck de Munich aonde nós o examinamos. Peutinger intitulou-o elle mesmo: «De insulis et peregrinatione Lusitanorum». O manuscripto está incompleto e comprehende 350 folhas de papel de que 16 estão desligadas do volume e de forma differente. Aqui está a ordem chronologica das differentes materias:

1.ª—Chronica da Descoberta da conquista da Guiné por Azurara.
2.ª—Chronica de Diogo Gomes até ao anno de 1463.
3.ª—Relação de Gonsalo Pires até ao anno de 1492.
4.ª—Relação de João Rodrigues até ao anno de 1493.
5.ª—Relação de Hans Mayr 1505—1506.
6.ª—Descripção da Africa por Valentin Fernandes.
7.ª—Descripção das Ilhas do Oceano Atlantico acompanhadas de cartas por Valentin.
8.ª—Indicações para marinheiros.

Veja-se Schmeller ob. cit.

(3)—João de Barros, Asia Decada I, liv. II, cap. I.

em Antonio Galvão (1) que bebeu largamente nas decadas de João de Barros, e em Damião de Goes que escreveu todo um capitulo ácerca dos Açores sem entrar em nenhuma particularidade do seu descobrimento. (2) Bartholomeu de las Casas não conseguiu encontrar "como ni por quien" (3) como nem por quem estas ilhas foram descobertas e um historiador hespanhol. A. de la Herrera (4) não foi mais feliz do que elle.

Immediatamente uma immensidade de lendas vieram substituir esta ignorancia; umas referem-se ás "ilhas flamengas" de que nos occuparemos na segunda parte d'este estudo; outras tiveram origem nos proprios Açores desde a sua colonisação e foram conservadas nas "Saudades da Terra" de Gaspar Fructuoso. Este açoreano nasceu em 1522 e morreu em 1591 na Ribeira Grande na ilha de S. Miguel, onde foi vigario. Quasi no fim da vida, compoz as Saudades cujo manuscripto original pertence ao Conde da Praia e Monforte, habitante dos Açores. (5) E' uma historia muito extensa das ilhas da Madeira e Açores, do seu descobrimento, dos seus primeiros capitães donatarios e dos seus grandes proprietarios, com uma descripção de cada ilha em particular, das suas producções etc., em uma palavra, de tudo o que apresenta interesse local.

Salvo a excepção apontada na nota supra, o manuscripto nunca foi impresso e posto á venda; nem por isso deixou de exercer uma grande influencia na historiographia açoreana: Antonio Cordeiro (6) confessa tel-o manusiado e copiado exactamente na sua Historia insulana. (7) Se bem que E. do Canto (8) considera este escriptor como um compilador infiel dos escriptos de Fructuoso cujas narrativas elle procurou muitas vezes enriquecer, com fabulas da sua invenção, foi-nos forçoso,—não tendo sido editada ainda a parte das saudades relativa aos Açores—recorrer á obra do padre Cordeiro. (9) Este escriptor foi sempre considerado como a melhor fonte da historia do descobrimento e colonisação dos Açores. A sua obra, pois, não é uma serié de lendas, embora reproduza inexactamente raros documentos authenticos e ignore varias cartas que permittiriam a rectificação de diversos erros.

Os trez primeiros livros tratam da Historia de Portugal, da Espanha, das ilhas

---

(1)—Antonio Galvão, Tratado dos diversos e desvayrados caminhos, etc. Lisbôa, 1563, 8.º 1730 f.º.

(2)—Damião de Goes, ob. cit. cap. IX. Veja-se sobre este historiador E. de Vasconcellos, Damião de Goes, Porto 1897, 8.º

(3)—Las Casas, Historia de las Indias ed de, Madrid vol. I. pag. 207.

(4)—A. de Herrera, Cinco Libros de la Historia de Portugal e conquista de los Açores en los ãnos de 1582 y 1583. Madrid, 1591. pag. 101.

(5)—Para a biographia de Fructuoso veja-se:—A. Cordeiro, Historia Insulana Lisbôa 1717, L. II cap. 5; Ernesto do Canto, Dr. Gaspar Fructuoso, noticias e documentos. (Archivo dos Açores vol. I pag. 403 e Bibliotheca Açoreana vol. I pag. 129).

—Sómente o segundo livro das Saudades da Terra que diz respeito ás Ilhas da Madeira foi publicado em 1878 no Funchal pelo Doutor Alvaro Rodrigues d'Azevedo.

(6)—A. Cordeiro nasceu em Angra na Ilha Terceira em 1640, entrou na ordem dos Jesuitas e morreu em Lisbôa em 1722.

(7)—Eis o titulo completo do livro:—Historia Insulana das Ilhas a Portugal sugeytas, composta pelo padre Antonio Cordeyro da Companhia de Jesus insulano da Ilha Terceyra e em edade de 75 annos. Para a confirmaçam dos bons costumes assim moraes como sobrenaturaes dos nobres antepassados Insulanos, nos presentes e futuros, descendentes suos, e só para a salvação de suas almas e mayor gloria de Deus. Lisbôa 1717. Uma segunda edição foi publicada em Lisbôa em 1866.

(8)—E. do Canto, Os Corte Reaes—Memoria historica acompanhada de muitos documentos ineditos.—Ponta Delgada, 1885, p.ª 34. Archivo dos Açores vol. 4 pag. 410.

(9)—Cordeiro conhece egualmente as obras de Barros, de Galvão e de Damião de Goes. Elle extrahiu alem d'isso alguns detalhes a um historiador chamado Guédes. Apesar de todas as pesquizas nós não conseguimos chegar a colher esclarecimentos sobre este ultimo escriptor que é egualmente desconhecido nos Açores, segundo uma communicação que Ernesto do Canto teve a amabilidade de nos dar.

Canarias, das ilhas da Madeira e do archipelago de Cabo Verde. Nos livros seguintes que vamos resumir, elle falla dos Açores. (1)

Henrique, o navegador, emprehendeu o descobrimento deste archipelago ou seja por influencia de revelação divina ou devido a uma carta trazida d'Italia em 1428 pelo infante D. Pedro (2) e aos ensinamentos fornecidos pelos venezianos.

No reinado de D. João I, D. Henrique deu ordem a Gonçalo Velho Cabral de embarcar em Sagres no Algarve para ir á porcura d'uma ilha situada a oeste. Ao cabo d'alguns dias o navegador viu surgir das ondas alguns rochedos aos quaes deu o nome de Formigas e voltou sem demora a narrar ao infante o resultado da sua expedição. Reenviado no anno seguinte ás mesmas paragens, Gonçalo descobriu a 15 d'Agosto de 1432, dia da Assumpção de N.ª Snr.ª, uma ilha a que poz o nome de St.ª Maria. Depois de a ter explorado, voltou a Portugal; o infante D. Henrique resolveu mandar transportar immediatamente para a terra novamente descoberta e preparar a sua colonisação.

Nomeou Gonçalo Velho Cabral, Capitão donatario e concedeu-lhe a faculdade de levar consigo, como primeiro nucleo de população, não somente os seus proprios parentes e amigos, mas tambem os fidalgos da Casa do Principe, que estivessem dispostos a seguil-o. Durante trez annos Velho recrutou os seus companheiros entre os personagens mais distinctos da Corte de Portugal e veiu estabelecer-se na ilha de St.ª Maria. (3)

Um grego, assim o conta uma tradição considerada por Fructuoso como uma fabula, foi surprehendido em Cardiff por uma tempestade no anno de 1370 e arrebatado por ella até á ilha de S. Miguel. Por outra parte, no seculo XV, esta ilha foi avistada do norte de St.ª Maria, em dia sem nuvens, por um negro escravo que tinha fugido para os montes em busca da sua liberdade, julgando que a nova do descobrimento lhe traria o perdão da sua falta, correu a transmittil-a ao seu Senhor. O facto, provado como certo, foi transmittido ao infante D. Henrique que confiou a Gonçalo Velho Cabral uma nova missão d'exploração.

Este navegou na direcção norte de St.ª Maria sem descortinar, comtudo, a grande ilha que elle procurava. Embarcando de novo no anno seguinte, foi mais feliz, aportando á ilha no dia 8 de Maio de 1444, dia d'apparição do archanjo S. Miguel, o que justifica o nome que elle lhe deu.

O infante, esclarecido por Gonçalo Velho Cabral ácerca do bom successo da sua expedição, concedeu-lhe ainda esta segunda ilha, com o encargo de a povoar; o Capitão dirigiu-se para ella com os colonos que pode reunir e ahi aportou no dia 29 de setembro de 1445, dia egualmente consagrado a S. Miguel. (4)

As duas ilhas de St.ª Maria e S. Miguel foram então denominadas—Açores,—ou porque aqui viram muitos açores ou por causa do grande numero de milhafres que, pelo seu vôo, lhe pareceram estes passaros.

O nome estendeu-se em seguida ás sete ilhas do archipelago, ulteriormente descobertas, sendo mais tarde substituido pelo de Terceiras. (5)

(1)—Livro IV cap. 6 pag. 110. Cordeiro cita uma carta de 19 de maio 1470 pela qual D. Henrique cede a Gonsalo Velho as Ilhas de St.ª Maria e de S. Miguel; ora o Infante tinha morrido em 1460. Livro IV cap. VII pag. III. carta datada de 1492 em lugar de 1472 (veja-se Archivo dos Açores vol. 1.º pag. 15).—Livro V cap. XV pag. 175, carta datada de 1517 em vez de 1515 (ve-ja-se o mesmo volume I pag. 64). Livro VI cap. II carta falsa de 1450 pela qual o Infante cêde ao Flamengo Jacome de Bruges a Ilha Terceira.—Livro VI cap. II pag. 246 carta datada de 1464 em vez de 1474 (veja-se E. do Canto os Corte Reaes pag. 38).—Livro VI cap X pag. 269, carta datada de 22 d'agosto em vez de 21 d'agosto de 1534. (Veja-se Archivo dos Açores, volume I pag. 31).

(2)—Esta informação foi tirada por Fructuoso de Antonio Galvão.

(3)—Historia Insulana Liv. IV cap. I pag. 98. O relato da descoberta de St.ª Maria segundo Fructuoso foi publicado no Archivo dos Açores vol. IV pag. 134 e corresponde ao de Cordeiro. Somente Fructuoso attribuia a Gonsalo Velho a descoberta de S. Miguel, Terceira, S. Jorge e Graciasa detalhes que não são reprodusidos na Historia Insulana.

(4)—Fructuoso diz que esta viagem teve lugar no mesmo anno, isto é em 1444. Veja-se Ernesto do Canto. Verdadeira origem do nome da Ilha de S. Miguel e a epocha do seu descobrimento. Archivo dos Açores vol. I pag. 83.

(5)—Historia Insulana livro V cap. I e II pag. 127 e 130.

Em 1450, o infante D. Henrique concedeu a capitania donataria da Terceira ao fidalgo flamengo Jacome de Bruges; esta ilha, tendo ficado deshabitada durante algum tempo, é provavel que fosse descoberta em 1445 e sem duvida alguma n'um dia especialmente consagrado ao Salvador, visto que recebeu o nome de Jesus Christo. (1)

Quanto ao primeiro descobridor da Terceira, affirmam alguns que foi Gonçalo Velho Cabral. Esta hypothese parece muito fraca, porque, n'este caso, teria sido elle o primeiro capitão donatario da ilha e os historiadores Guedes, Goes, Barros, Fructuoso, não deixariam de o mencionar. Outros attribuem a Jacques de Bruges a honra do descobrimento, mas a carta de doação de 1450 não faz menção alguma do facto e o proprio flamengo confessa na sua petição para a sua concessão que a ilha tinha sido descoberta, havia algum tempo.

Na realidade a Terceira não teria sido descoberta por um barco, que voltava do archipelago de Cabo Verde, e encontrada em 1443 (2) na direcção das costas portuguezas? Como a ilha era esteril e deserta e como os recursos para tirar partido della lhes faltavam, os marinheiros abandonaram-na e contentaram-se com participar a sua existencia ao infante.

Este adiou a colonisação da Terceira até que alguem bastante rico lhe pedisse concessão para isso. (3)

O descobrimento de S. Jorge é attribuido umas vezes a Jacome de Bruges, outras, e é d'esta opinião Cordeiro, a Vasco Eannes Corte Real, primeiro governador da Capitania d'Angra. (4)

Este descobrimento foi feito em 1450 pouco depois do da Terceira e provavelmente a 23 d'Abril attendendo ao nome da ilha de S. Jorge, segundo o testemunho de Fructuoso e do actor da historia insulana.

Se bem que seja impossivel determinar a data em que a Graciosa foi avistada pela primeira vez, é, todavia, provavel que o facto se deu em 1450; (5) o reconhecimento d'esta ilha deu-se talvez nas mesmas condições que a Terceira, mas os marinheiros muitissimo pobres para colonisar esta nova terra não forneceram conhecimento algum sobre a sua descoberta.

O Fayal foi descoberto em sexto logar, isto é, pouco depois de S. Jorge e Graciosa e por conseguinte em data posterior a 1450. Não é sabido com certeza o nome do primeiro descobridor: segundo Fructuoso, foi Gonçalo Velho Cabral; esta hypothese é pouco provavel visto que este navegador nunca foi capitão donatario do Fayal. Segundo outros foi o flamengo Josse de Ultra.

Mas é provavel que o Fayal fosse aportado em primeiro logar por marinheiros da Terceira e S. Jorge que para ahi levaram gado, mas não estavam em condições, por causa do seu estado de pobreza, de pedir a sua colonisação. (6)

Segundo o testemunho de Guedes, foi o Pico que foi encontrado em sexto logar depois da Terceira, Graciosa e S. Jorge ou talvez ao mesmo tempo que o Fayal. Fructuoso, ao contrario, suppõe um intervallo de nove annos entre o descobrimento das duas ilhas. (7) Como o primeiro reconhecimento do Fayal teve logar depois de 1450, deduz-se d'aqui que o Pico era já conhecido em 1460, mas ignora-se a data do seu descobrimento. Quem foi o primeiro que a avistou? Alguns dizem que foi Josse de Ultra, pois que era capitão donatario do Pico ao mesmo tempo que do Fayal. Esta deducção é inexacta porque este flamengo obteve a capitania do

(1)—E' o nome primitivo da Terceira.

(2)—Notemos aqui que a descoberta das Ilhas do Cabo Verde só teve lugar 13 annos mais tarde.

(3)—Historia Insulana, livro VI cap. I pag. 241.

(4)—Historia Insulana Livro VII cap. I pag. 425—426.

(5)—Historia Insulana livro VII cap. VII pag. 435.

(6)—Historia Insulana liv. 8 cap. II pag. 455.

(7)—Outros, diz Cordeiro, não admitteu um intervallo tão longo entre a descoberta das duas Ilhas; mas apesar da distancia d'uma legua que as separa elle faz o possivel por proval-o por exemplos que a coisa é possivel.

Fayal sem ter descoberto esta ilha. É necessario, sem duvida alguma, attribuir o descobrimento do Pico aos proprios marinheiros portuguezes, que, viajando entre Terceira, S. Jorge e Graciosa, onde elles já tinham abordado, descobrissem em primeiro logar o Fayal e em seguida o Pico.

Restam-nos as duas ilhas mais septentrionaes-Flores e Corvo. É impossivel formular uma hypothese provavel quanto ao descobrimento e á colonisação das Flores. Esta ilha foi povoada pouco depois de 1460, (1) porque d'ella não havia conhecimento quando abordaram pela primeira vez ao Fayal e ao Pico, e por outra parte, Guilherme Vandaraga apenas a veiu habitar depois de ter viajado successivamente pela Terceira, Fayal, Flandres, Lisboa, e uma segunda vez pela Terceira. (2) Segundo Fructuoso, a ilha do Corvo toma o seu nome do facto d'ahi se ter encontrado um corvo; todavia talvez esta denominação lhe provenha d'ella, á primeira vista, ter a forma d'aquelle passaro. Foi descoberta e colonisada em nono e ultimo logar, sem duvida, por portuguezes das Flores, porque as duas ilhas estão situadas muito perto uma da outra; alguns dizem que os primeiros descobridores foram os ascendentes da familia Fragas e Furtados. (3)

Tal é, a grandes traços, o resumo que Cordeiro faz do descobrimento dos Açores. Nós repetimos que o seu trabalho é apenas uma compilação sem o menor valor historico. A historia do descobrimento de Santa Maria e de S. Miguel, é a unica que está bastante circumstanciada, é totalmente tirada das "Saudades da Terra" de Gaspar Fructuoso. Para as outras ilhas não está da mesma maneira. Reproduzindo as opiniões d'este historiador dos Açores, Cordeiro discute-as, regeita-as por vezes, emittindo elle mesmo hypotheses umas mais inexatas do que as outras. Os traços geraes a que poderemos chamar os fios conductores da sua exposição são os seguintes:

1.° o descobrimento das ilhas que tem o nome d'algum Santo teve logar no dia da festa deste Santo; assim aconteceu para Santa Maria. S. Miguel e S. Jorge. A Terceira que primitivamente foi chamada ilha de Jesus Christo foi descoberta no dia dedicado ao Senhor.

2.° a data do descobrimento é ordinariamente desconhecida, exceptuando a de Santa Maria (1432) e a de S. Miguel (1444). Cordeiro contenta-se com referencia á data das outras ilhas em da-la approximada.

3.° a honra do descobrimento é attribuida ao primeiro capitão donatario das ilhas de Santa Maria, de S. Miguel e de S. Jorge; a da Terceira, Faial, Graciosa e Pico a marinheiros que sendo pobres não poderam solicitar do infante D. Henrique a concessão d'essas novas terras. Não ha detalhe algum á cerca das Flores e do Corvo.

4.° finalmente, assumpto capital, Cordeiro admitte um descobrimento successivo das differentes ilhas com intervallos mais ou menos longos e segundo a ordem da sua situação. (4)

Nós esperamos provar a inexactidão d'estes differentes pontos. Mas antes de expor o descobrimento dos Açores, tal qual elle se deu segundo a nossa opinião, resumiremos em algumas palavras o nosso estudo ácerca das fontes.

Os chronistas contemporaneos e quasi-contemporaneos muito poucos dados fornecem sobre este acontecimento a chronica d'Azurara e a de Pacheco nada dizem. Só Diogo Gomes faz uma narração que por assim dizer teve o valor duma revelação. Os seus ensinamentos, completados por cartas e por um portulano de Gabriel de Valsequa permittiram que façamos uma ideia bastante exacta do descobrimento dos Açores. As noticias de Martin Behaim e de Valentim Fernandes, Alle-

(1)—Historia Insulana Livro XI cap. 1 pag. 481.
(2)—Este Vandaraga era um flamengo de que nós falaremos adeante.
(3)—Historia Insulana liv. 9 cap. 5 pag. 480.
(4)—Alguns historiadores evocaram a auctoridade de José Freire (Candido Lusitano) que na sua Vida do Infante D. Henrique, Lisboa 1758, nos deixou um relato da Historia dos Açores. Nós não a examinaremos em detalhe pois que a fonte é a Historia Insulana de Cordeiro.

mão nos ajudarão unicamente a estabelecer a parte que os flamengos parecem ter tomado na colonisação das ilhas. Quanto aos escriptores portuguezes posteriores pômo-los de parte, uns porque são d'uma completa ignorancia relativamente á historia dos Açores, outros porque por falta de conhecimento das tradições e das hypotheses as substituiram por outras destituidas de fundamento.

CAPITULO IV

Historia do descobrimento e colonisação dos Açores pelos portuguezes

A honra de se haver reencontrado os Açores pertence a Henrique, o navegador. Varios historiadores (1) têm biographado este heroe, fazendo sobresahir os bellos resultados dos seus descobrimentos que deram inicio á grandeza colonial de Portugal

Aqui tão somente nos occuparemos da phase da sua actividade que diz respeito ao descobrimento e colonisação dos Açores.

Estas ilhas eram já conhecidas desde o seculo XIV por marinheiros catalães ou italianos e não ha duvida que a sua existencia era conhecida do infante D. Henrique, graças aos portulanos que a seu respeito elle possuia.

A existencia d'estes portulanos é affirmada por Antonio Galvão; elle narra com effeito, (2) que no anno de 1428, o infante D. Pedro vizitou a Inglaterra, a França, a Allemanha e a Terra Santa e, voltando pela Italia, onde se demorou em Roma e Veneza, trouxe d'esta ultima cidade um mappa-mundi, utilisado por D. Henrique que sobre elle traçou toda a terra conhecida de então, incluindo o estreito de Magalhães e o Cabo da Bôa Esperança.

O mesmo historiador soube de Francisco de Souza Tavares que em 1528 o infante D. Fernando lhe mostrou uma carta, com mais de 120 annos, que fora encontrada nos archivos de Alcobaça e que continha toda a navegação em direcção ao Cabo da Bôa-Esperança e á India.

A relação da viagem de D. Pedro (3) de que fala Galvão, foi conservada por uma narração legendaria de Gomes de Santo Estevão, (4) um dos seus companheiros de viagem e do qual se encontram, em varias cidades, vestigios da sua passagem. Pelos fins de 1425 esteve em Bruges onde fizeram festas esplendidas em sua

(1)—Veja-se Gustav de Veer, Prinz Heinrich der Seefahrer 1863; Major, The life of Prince Henry of Portugal. London, 1868; idem, The discoveries of Prince Henry de Navigator and their results, London, 1878; Beazley, Prince Henry the Navigator. New York and London 1895. Idem Introduction au vol. II de la traduction d'Azurara; Ruge, Prinz Heinrich der Seefahrer (Globus 1894, vol. LXV, pag. 153); Th. Schott, Prinz Heinrich von Portugal genant «der Seefahrer» (Velhagemu, klasings Monatshefte, 1893—4, II p. 401—405); Bond, Prince Henry «the Navigator» (Nautical Magazine, London, 1894, pag. 285—294); Wauwermans, Henri le Navigateur et l'academie portugaise de Sagres, Anvers, 1892; Gaylord Bourne, Prince Henry de Navigator, (Yale Review 1894 pag 187—202); Alf. Alves, Dom Henrique o Infante. Porto, 1894; E. do Canto, Centenario do Infante D. Henrique, Ponta Delgada 1894; Drapeyron, Henri le Navigateur (Revue de Géographie 1894, I, pag. 321); Marquez de Souza Holstein, A Escola de Sagres e as tradições do Infante D. Henrique (Conferencias celebradas na Academia Real das Sciencias de Lisbôa, 1877); J. Mees, Henri le Navigateur et l'academie portugaise de Sagres (Bull. de l'Ac. royale de Belgique. Classe des Lettres. Janvier 1901).

(2)—Antonio Galvão ob. cit. edição de 1563 pag. 18.

(3)—D. Pedro era o filho segundo do rei D. João I, elle distinguiu-se no sitio de Ceuta em 1415 e depois da morte de seu irmão o rei D. Duarte (1438) elle foi o regente do reino durante a menoridade do rei D. Affonso. Elle morreu na batalha de Alfarrobeira (1449) que elle sustentou contra o Rei seu Sobrinho. Eis um pequeno quadro genealogico dos reis de Portugal n'esta epocha:

João I (1385—1433)

Duarte	(1433—38)	D. Pedro—D. Henrique	D. Fernando
Affonso V	(1438—81)		Fernando
			Diogo

(4)—Livro do infante D. Pedro de Portugal que andou as sete partidas do mundo feito por Gomes de Santo Estevão um dos doze que foram na sua companhia. Lisbôa 1690.

honrá. (1) No anno seguinte o senado de Nuremberg concedeu-lhe um salvo-conducto para se dirigir á Bohemia e á Hungria a falar com o rei Segismundo, (2) e a Veneza onde obteve do doge Francesco Foscari uma copia das viagens de Marco Polo. (3)

Voltemos, todavia, ao portulano de D. Pedro, o que não vem mencionado em nenhum escriptor contemporaneo.

Referindo-se a esta carta, Harrisse classifica a sua existencia de impossivel; (4) de facto o traçado do estreito de Magalhães e do Cabo da Boa-Esperença é um absurdo. Ter-se-hia enganado Galvão? e disso resultaria que D. Pedro não trouxesse de Veneza pelo menos um dos numerosos portulanos que n'esta epocha ali se desenharam?

Á falta d'esta carta Henrique o navegador possuia outras. Dotado d'uma tenacidade inacreditavel, nada despresou para chegar ao fim da tarefa que a si proprio se impusera. Em seguida á tomada de Ceuta elle poz-se em relação com os mouros com o fim de recolher d'elles apontamentos ácerca do interior e das costas d'Africa. Quando elle lançou os seus navios no caminho das descobertas os portulanos eram indispensaveis e o infante empregou todos os seus esforços para trazer a Portugal Jacome de Mayorca. (5) Este cartographo ensinou aos portuguezes a arte de construir as cartas marítimas (Azurara faz varias vezes menção d'elle), e não contente com ensinar-lhes a sua arte, forneceu-lhes muito provavelmente modelos das cartas catalãs antigas talvez do typo da celebre carta catalã de 1375 ou da de Mecia Viladestes (1413). Estes portulanos offerecem um traçado completo dos Açores e foi, graças ás suas indicações, que o infante D. Henrique mandou reencontrar e não descobrir estas ilhas.

Nós dizemos reencontrar, porque se ellas tivessem sido descobertas Azurara não falaria n'isso?

A occasião não lhe faltou; quatro vezes fala das ilhas do Atlantico (6) e faz considerações sobre a sua colonisação (reparem que não dizemos descoberta) como uma das maiores glorias do infante. Egualmente fala Duarte Pacheco Pereira, um outro panegirysta do infante D. Henrique. (7) Enumerando completamente os altos feitos do infante, elle menciona a colonisação dos Açôres, mas não diz uma unica palavra que ponha em relevo o seu descobrimento. E' escusado insistir mais, e não attribuiremos aos portuguezes uma gloria que lhes recusam os seus chronistas contemporaneos.

Foi n'uma carta de 2 de julho de 1439 que encontrámos pela primeira vez o nome dos Açôres e a prova irrefutavel do descobrimento antes d'esta data de varias ilhas do archipelago açoreano; o rei Affonso V concede com effeito a seu tio, o infante D. Henrique a permissão de povoar as sete ilhas dos Açôres para onde, como elle diz claramente, já tinha mandado transportar gado. (8)

---

(1)—As contas da Cidade de Bruges aonde se acham annotadas as despezas feitas n'esta occasião, dão-lhe o nome de «Domp Piere sconinx zone van portugale» veja-se em Van Den Busseche, Mémoires sur les relations, qui existerent autretois entre les Flamands de Flandre-particulièrement ceux de Bruges et les Portugais. (La Flandre, t. V, 1873—4 pag. 167).

(2)—Documentos de 9 de Março de 1420 publicados por Luciano Cordeiro, annotações historicas (bol. da Sociedade de Geographia de Lisbôa 1897 pag. 675).

(3)—Uzielli, La vita i tempi di Paolo dal Pozzo Toscanelli. (Raccolta di documenti e studi publicati della R. commissione columbiana del quarto centenario della scoperta dell'America, parte V, vol. I, Roma, 1894 pag. 137)

(4)—Harrisse, The discovery of North America, 1892, pag. 637; Kretschmer (Die Entdeckung Amerika's, pag. 182) suppõe que D. Pedro trouxe de Veneza um portulano do cartographo Giroldis. Veja-se ainda Ribeiro dos Santos Memoria sobre dois antigos mappas geographicos. (Mem. de litt. portug. publ. da Acad. Real das Sciencias de Lisbôa. vol. VIII).

(5)—Veja-se o estudo do auctor sobre Henrique o Navegador e a academia portugueza de Sagres, pp. 58—63.

(6)—Azurara, Chronica etc. ch. II, V, XVIII e LXXXIII.

(7)—Pacheco, ob. cit. livro I cap. 33 pag. 58.

(8)—Veja-se Alguns Documentos pag. 6 e Archivo dos Açores vol. I pag. 5.

A importancia d'esta carta muito pouco conhecida é bem manifesta. Com effeito que restará agora da narração de Fructuoso e de Cordeiro perante esta prova irrefutavel de que em 1439 sete ilhas do grupo açoreano eram já conhecidas? Que dizer da sua narração que colloca em 1444 o descobrimento da segunda ilha, S. Miguel e das suas hypotheses concernentes ás outras partes do archipelago? Tudo isto faz parte do dominio da fabula.

A authenticidade da Carta não pode ser contestada. Encontra-se na chancellaria de Affonso V, precedida e seguida d'outros documentos do mesmo anno. É para notar um ponto interessante com a data de 1449 figura um outro documento do mesmo genero que a carta de 1439 e unicamente differente pela subscrição e data. (1) A carta de 1449 emana do proprio rei emquanto que a outra foi outorgada em seu nome pela rainha Leonor, d'acordo com D. Pedro que então uzava o titulo de Defensor do reino. Como muito bem observa José de Torres (2) a authenticidade de uma, não exclue a da outra. O rei quiz apenas confirmar em 1449 uma concessão que tinha sido feita durante a sua menor edade; o facto explica-se tanto melhor quanto era o atrazo da colonisação dos Açores n'esta data. (3)

Em todo o caso, existe um facto definitivamente comprovado—o descobrimento das sete ilhas do grupo açoreano antes de 1439. Interroguemos no entretanto Diogo Gomes, o unico historiador contemporaneo que descreveu o descobrimento dos Açôres.

"Desejoso de conhecer os limites do oceano occidental e querendo convencer-se de que se encontrava ilhas ou continente alem das do traçado feito por Ptolomeu, o infante D. Henrique, diz elle, enviou em certo tempo caravelas para o seu descobrimento. Estas partiram e encontraram terra a 300 leguas a Oeste do Cabo Finisterra. Verificando que eram ilhas, os marinheiros abordaram, a uma d'ellas, andaram em volta d'ella, e observaram a presença de muitas aves de rapina ou açôres e outros passaros. Depois encaminharam-se para uma segunda ilha, que presentemente tem o nome de S. Miguel; estava tambem deshabitada e cheia de passaros e açores. Aqui encontraram varias fontes naturaes d'agua quente e sulfurosa.

D'esta ilha avistaram uma outra cujo nome actual é Terceira.

Da mesma maneira que S. Miguel, esta era abundante de arvores, passaros e açôres. Mais alem encontraram a ilha a que hoje chamamos Fayal e a duas leguas d'esta uma outra que actualmente denominamos Pico. Esta ilha é uma montanha de sete leguas. As caravelas voltaram a Portugal a dar parte do succedido ao infante que muito se alegrou com o facto». (4)

Qual é a caracteristica d'esta narração, escripta em mau latim?—E' que cinco ilhas açoreanas foram reencontradas no decurso d'uma só expedição, que nenhuma d'ellas era habitada a não ser por passaros, especialmente por açores. Não se poderia ter uma confirmação mais positiva da carta de 1439.

Quanto nos afastamos por ella das lendas de Fructuoso e de Cordeiro que trocando a colonisação por descobrimento, referem que estas ilhas, attendendo á distancia, por vezes grande, que as separa, foram descobertas com intervallos de varios annos. Em bôa logica, seria impossivel aos portuguezes sabedores da existencia dos Açôres pelos portulanos, continuar a serie dos seus descobrimentos de-

(1)—Archivo dos Açores vol. I paginas 7.

(2)—Archivo dos Açores vol. I paginas 8.

(3)—Barros e todos os Historiadores e geographos posteriores não conheceram senão o documento de 1449.

(4)—Veja-se De Inventione Insularum dos Açores, de Diogo Gomes. Behain na sua historia da descoberta dos Açores (veja-se Arch. dos Açores vol. I paginas 5) inspirou-se na chronica de Diogo Gomes, ajuntando alguns detalhes, que não brilham pela exactidão. Assim elles pretendem que esta expedição teve lugar em 1434 «quando governava em Portugal o infante D. Pedro». Ora este só foi regente em 1438. Alem d'isso a data de 1431 é impossivel como nós veremos adeante. Valentim Fernandes Allemão que bebeu egualmente na historia de Diogo Gomes, dá o anno de 1443 egualmente como inadmissivel. O auctor, achando em Azurára que a colonisação de Santa Maria e de São Miguel teve lugar em 1445, quiz sem duvida collocar dois annos antes do acontecimento, a descoberta dos Açores.

pois que aportaram á primeira ilha? N'um dia claro, os habitantes de St.ª Maria avistam no horisonte S. Miguel que tem uma montanha de perto de 2000m de altitude. (1)

Quando e por quem foram os Açôres descobertos?

Fructuoso e todos os historiadores postumos attribuem o descobrimento das duas primeiras ilhas a Gonçalo Velho Cabral. Confundem assim o primeiro capitão donatario com o seu descobridor. No seguimento da narração de Diogo Gomes, sob a rubrica "De insula Sanctae Mariae" (2) Gonçalo apparece como capitão dos navios que, ás ordens do infante, transportaram o gado para os Açôres e lá não é nomeado como descobridor d'estas ilhas. Quanto á data "quodam tempore" o mesmo chronista não fornece indicação alguma. Segundo Fructuoso, foi á data de 1432 anno este, em que pelo menos se avistou St.ª Maria. Este historiador, todavia, escreveu mais de cem annos depois dos acontecimentos e o conjuncto da sua narração do descobrimento dos Açôres está totalmente em contradicção com os testemunhos contemporaneos de cujas affirmações, a nosso vêr, desconfiamos com razão.

Os conhecimentos mais precisos são fornecidos pelo portulano de Gabriel Valsequa de 1439. Da masma maneira que para a maior parte dos cartographos, a historia não registou detalhe algum biographico d'este auctor.

Nós apenas o conhecemos pelas suas trez cartas; a de 1439 é a mais importante (3).

No fim do ultimo seculo foi adquirido pelo cardeal Antonio Despuig que o comprou em Florença e o deixou aos seus herdeiros; actualmente pertence ao Conde de Montenegro residente em Palma na ilha de Maiorca. E' interessante saber-se que outr'ora pertenceu a Americo Vespucio que o comprou por 130 ducados em oiro, como o prova a inscripção seguinte collocada no reverso da carta: "questa ampia pelle di geografia fu pagato di Amerigo Vespucci CXXX ducati di ore di marco".

Georges Sand passou o inverno de 1439 em Maiorca onde teve occasião de vêr em casa do conde de Montenegro o precioso portulano de Valsequa; a fatalidade quiz que um tinteiro que estava collocado n'um canto do documento se derramasse, estragando-o grandemente. (4) Pouco tempo antes de 1837, M. Tastu tirou d'elle uma copia com que presenteou a Academia das Sciencias de Paris. (5)

Segundo o testemunho de M. Gomes Imaz, (6) a parte deteriorada é a do Oceano Atlantico especialmente o logar que occupam os Açôres, a Madeira, as Canarias, a parte da Africa que fica fronteira a estas ilhas e toda a costa occidental da Hespanha.

O resto está intacto e tão bem conservado como quando saiu das mãos do cartographo.

A carta maritima é parecida, sobre todos os pontos de vista, ás que a prece-

---

(1) — Ainda que Diogo Gomes não fala nem de São Jorge nem da Graciosa, é provavel comtudo que os navios portuguezes passando da Terceira para o Fayal descobrissem egualmente estas duas ilhas. E. do Canto é o unico historiador do nosso conhecimento que tivesse regeitado a descoberta successivamente das differentes ilhas com intervallo de varios annos. Comtudo, apoiando-se nas difficuldades da navegação n'essa epocha, elle admitte que os portuguezes voltassem á sua Patria, depois da descoberta de St.ª Maria e de S. Miguel e continuaram no anno seguinte o reconhecimento do resto do archipelago, com excepção de Flores e Corvo. Parece-nos preferivel seguir a historia de Diogo Gomes que não fala senão d'uma só expedição.

(2) — Veja-se Chronica d'Azurara e annexo II.

(3) — Os dois outros portulanos conhecidos de Valsequa são datados ambos de 1447. Um pertence ao Senhor Barozzi de Veneza e o outro ao Senhor Hamy de Paris.

(4) — O celebre romancista contou o accidente no seu livro Un hiver au Midi de l'Europe, que appareceu egualmente na Revue des Deux Mondes, T. 25.º 4.ª serie paginas 509—510.

(5) — Tastu, Note sur une carte marine faite à Major que em 1439 (Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Academie des sciences de Paris. 1837, t. V. paginas 241).

(6) — José Gomez Imaz, Monographia de una carta hydrographica del Mallorquin Gabriel de Valseca (1439) (Revista General de la Marina. Madrid, 1892, p. 405).

deram quer estas sejam italianas ou catalãs, mas dá dos Açôres um traçado que é completamente differente do portulano normal de que nós já falámos.

Este traçado fez nascer a idéa d'um novo descobrimento dos Açôres. Em logar de serem alinhadas como nos portulanos anteriores de norte a sul, estas ilhas occupam a direcção noroeste sudoeste, o que corresponde á sua posição real. O archipelago, é verdade, não está dividido em trez grupos bem distinctos e as formas dadas ás terras são completamente arbitrarias. Mas poder-se-hia exigir d'um simples reconhecimento um esboço perfeito? Não teremos a posse d'uma carta embora pouco completa dos Açores, senão quarenta annos pouco mais ou menos depois da sua colonisação. Estas ilhas figuram com nomes novos: illa de sperta, Guatrila, ylla de l'inferno, ylla de fraydols, ylla de osels, ylla de....(1) Estes nomes desappareceram egualmente como aquelles aos quaes elles substituiram para serem finalmente trocados, como nós o veremos mais adeante pelas denominações modernas. Uma lenda inscripta ao lado do archipelago açoreano duplica o valor do portulano de Valsequa. Esta lenda foi lida differentemente. Dois maiorquinos Pascal e J. Maria Bover de Rosello deram-lhe a interpretação seguinte: "Aquestas illas foran trobades por Diego de Guullen, Pelot del Rey de Portugal en lany MCCCCXXVII. (2)

D'Avezac (3) que viu a copia de Tastu leu Diego de Sevilla com a data de 1427. Santarem, (4) segundo a mesma copia, marca o anno de 1432 com o nome de Diego Senill como descobridor. Em 1892 por occasião do quarto centenario de Christovão Colombo, o governo hespanhol encarregou uma missão de publicar um fac-simile da carta de Valsequa. A'testa d'essa commissão encontrava-se M. José Gomez Imaz que n'um estudo, publicado então, deu a seguinte interpretação: Aquestas illas foran trobadas por Diego Sunis pelot del rey de portogall en lande MCCCCXXII. (5) Quanto á interpretação de Tastu seu filho communicou-a a M. Hamy. Ei-la: Aquestas illas foran trobadas p. Diego Sevilla pelot del rey de portogall au lany de MCCCCXXXII. (6) Qual é a interpretação mais provavel? A nosso vêr é a de Tastu. Com effeito este examinou a carta de Valsequa quando ella estava ainda no estado de conservação perfeita e tudo parece demonstrar que o fez com cuidado (7) e com mais competencia do que o Pasqual. O accidente que deteriorou o portulano onde ficam os Açôres retira todo o valor á interpetração de M. Gomez Imaz. Quanto ás datas de 1427 e 1432 parecem estar um pouco afastadas. Com effeito não seria para estranhar que o infante pedisse a permissão de colonisar os Açôres sómente doze ou mesmo nove annos depois do descobrimento d'essas ilhas? (8) Só a data de 1437 concorda admiravelmente com a carta de 1439.

O hespanhol Diego de Sevilla, que o cartographo catalão apresenta como descobridor d'este archipelago foi sem duvida um dos estrangeiros que prestaram

(1)—D'Avezac, Notice des découvertes faites au moyen-âge dans d'Océan Atlantique. Paris, 1845, p. 31 et Santarem, édition d'Azurara, pag. 389.

(2)—Pasqual, Descubrimiento de la aguja nautica, de la situacion de la America, del arte de navegar, etc. Madrid, 1789, p. 89; J. Maria Bover de Rosello, Memoria biographica de los Mallorquinos, que se han distinguido en la antiga y moderna litteratura. Palma, 1842, p. 453.

(3)—D'Avezac (ob. cit).

(4)—Santarem (ob. cit).

(5)—Gomez Imaz ob. cit. Sobre o fac-simile junto ao estudo do Snr. Gomez Imaz algumas cartas sómente são legiveis; quanto á leitura da data, ella é incerta.

(6)—Pelet e Hamy, Note sur la carte de Valsecha de 1439. (Comptes rendus des Séances de la Societé de Géographie de Paris 1891 pag. 468.

O Snr. Hamy teve a bondade ainda de consultar uma vez as suas notas relativas á Carta de Valsequa e de nos assegurar que tal é verdadeiramente a leitura de Tastu.

(7)—Assim Diogo de Sevilla parece-nos mais provavel que Diego de Guullen ou Diego Sunis.

(8)—A data de 1437 é decididamente falsa, diz o Snr. Ruge ob. cit. estando já os Açores achados em 1437, ao menos em parte. Em apoio d'esta affirmação, o mesmo geographo cita o testemunho de Cordeiro. Ora nós cremos ter sufficientemente demonstrado que se deve desconfiar da Historia Insulana d'este ultimo e que o testemunho de Valsequa é-lhe muito preferivel.

a Henrique o navegador immensos serviços, mas cujos altos feitos não encontraram logar nas chronicas portuguezas d'esta epocha?

Seria elle proprio o chefe da expedição ou simplesmente piloto ás ordens d'um commandante portuguez? Esta ultima hypothese é a mais provavel e pudemos suppor que este capitão não era outro que Gonçalo Velho Cabral.

O testemunho de Valsequa tem para nós todo o valor dum historiador contemporaneo do facto. O seu mister de cartographo pô-lo em relações com os marinheiros do seu tempo e sem duvida foi d'um destes ultimos, talvez do proprio Diogo de Sevilha, que elle obteve conhecimentos relativos aos Açôres.

Resumamos. As sete ilhas do grupo açoreano foram reconhecidas em 1437 por Diogo de Sevilla; atendendo á sua situação respectiva, eram: St.ª Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico e Fayal. Os ensinamentos são menos precisos no que diz respeito ás duas ilhas mais septentrionaes—Flores e Corvo. Estas figuram egualmente nos portulanos do seculo XV e o seu descobrimento pelos portuguezes foi na realidade somente um segundo reconhecimento. E' difficil precisar quando este teve lugar. A carta de 1439 que apenas fala de sete ilhas, e a grande distancia que separa Flores e Corvo do resto do archipelago, parecem demonstrar que o seu descobrimento teve lugar posteriormente ao do das outras ilhas.

Em 1453 el-rei Affonso V outorgou ao duque de Bragança uma carta (1) pela qual lhe conferia a posse do Corvo; é n'este documento que encontrámos pela primeira vez menção d'esta ilha, mas não temos detalhe algum concernente ao seu descobrimento. Este teve lugar então antes de 1453 e como as Flores distam do Corvo apenas trez leguas, as duas ilhas foram encontradas provavelmente pela mesma expedição... Um documento de 1475 attribue a honra do descobrimento das Flores a Diogo de Teive: "as ilhas que chamam das Flôres que ha pouco que achára Diogo de Teive" (a ilha das Flôres que Diogo de Teive havia encontrado pouco tempo antes). (2) E. do Canto observou com razão (3) que esta resenha difficilmente está d'accordo com a mencionada carta de 1453 e que estavamos no direito de suppôr que o descobrimento das Flôres por este navegador foi tão sómente um reconhecimento subsequente. Tambem não seria preciso dar talvez um sentido muito litteral á expressão "que ha pouco que achara Diogo de Teive" e representará ella um espaço de vinte e cinco annos? (4)

Tal é, segundo o nosso parecer, a historia do reconhecimento dos Açores feita pelos portuguezes e pensamos que um estudo profundo das fontes não poderá dar outros resultados.

O descobrimento do archipelago açoreano pelos marinheiros catalães antes que italianos, do seculo XIV, não teve resultado algum com referencia aos progressos da geographia. Os primeiros navegadores que encontraram estas ilhas deshabitadas contentaram-se com mencional-as nos seus portulanos.

Outro tanto não aconteceu com os portuguezes. Desde o momento em que Henrique, o navegador, enviou para estas ilhas colonos, os Açôres adquiriram uma importancia capital. A Islandia, os Açôres e as Canarias, diz H. de Humbold-

(1)—Veja-se Archivo dos Açores Vol. I paginas 9.

(2)—Veja-se Archivo dos Açores Vol. I paginas 24.

(3)—E. do Canto, considerações sobre a descoberta das Ilhas das Flores e Corvo. (Archivo dos Açores, Volume I paginas 249).

(4)—Barth. de las Casas, (Historia de las Indias l. I, ch. 13, éd. de Madrid, 1875, vol. I, pag. 110. attribue egualmente a descoberta das Flores a Diogo Detiene (Diogo de Teive) e ao piloto hespanhol Pedro Velasco e não a este ultimo somente, como diz Humboldt (ob. cit. tomo I pag. 268). Este (ob. cit) tomo 3 pag. 87) dá a esta descoberta a data de 1452 emquanto que Peschel (Geschichte des Zeitalters der Ent deckungen 1858, p. 129) localisa-se no anno de 1442. Quanto ao manuscripto de Las Casas, sobre o qual estes dois historiadores se appoiam, elle é mudo quanto á data da descoberta. O anno de 1442, dado por Peschel fez dizer a Kunstmann, (Die Entdeckung Amerika's, Munchen, 1858, pag. 17) que em egual data todo o Archipelago dos Açores estava descoberto, pois que Flores era com o Corvo, a ilha mais spentrional do grupo. Kretschmer (Die Entdeckung Amwrika's, Berlin, 1892, p. 183, n.º 1) não pode explicar esta asserção de Kunstmann.

(1) são os pontos de parada que teem desempenhado um papel importante na historia dos descobrimentos e da civilisação, isto é, na serie de meios que os povos do occidente teem empregado para estender a esphera da sua actividade e para se pôrem em relação com as outras partes do mundo que ainda são desconhecidas. Pela sua posição intermediaria entre o antigo e novo mundo, os Açores concorreram efficazmente para o descobrimento d'este ultimo. Com effeito, os habitantes d'estas ilhas referiram a Christovão Colombo que, quando o vento soprava do occidente, o mar atirava ás praias, sobretudo nas ilhas Graciosa e Fayal, pinheiros d'uma especie desconhecida e alguns accrescentaram que, na ilha das Flôres, um dia, haviam encontrado nas costas dois cadaveres humanos cujas feições differiam completamente das das nossas costas. (2) O navegador genovêz viu n'estes indicios a prova certissima da existencia das terras desconhecidas na direcção do occidente.

Os primeiros colonos dos Açores foram uma geração completa de ousados marinheiros que affrontaram os perigos do Oceano á procura de novas terras.

Em 1474 foi outorgada por Affonso V a Fernão Telles a posse das ilhas habitadas e deshabitadas que elle descobrisse ou que tivesse intenção de mandar descobrir. (3) Doze annos mais tarde Fernão Dulmo, Capitão na ilha Terceira, e João Affonso do Estreito se propuseram a descobrir a ilha das Sete Cidades e firmaram a este respeito um contracto que foi approvado pelo rei D. João II. (4) Estas viagens cuja autenticidade paréce duvidosa, ficaram sem resultado. O mesmo resultado succedeu a outras expedições que partiram quer dos Açores, quer da Madeira ou Canarias, as quaes tinham por fim encontrar ilhas que sómente existiam na imaginação dos marinheiros d'esta epocha.

A colonisação dos Açôres é um dos titulos de gloria do infante D. Henrique o navegador. Auctorisado desde 1439 a colonisar este archipelago, não tardou, sem duvida, em aproveitar-se do privilegio que lhe tinha sido outorgado. (5) Posto que os officiaes de justiça tivessem ordem de não pôr entraves aos esforços do infante, a colonisação foi feita com grandes difficuldades.

Os portuguezes que emigraram então, para procurarem n'estas novas terras uma existencia melhor, foram amargamente disilludidos nas suas esperanças durante os primeiros annos, como o provam os numerosos privilegios que D. Pedro lhes concedeu por uma carta de 1443. (6) Por ella, durante cinco annos, Gonçalo Velho Cabral e os primeiros habitantes dos Açôres, ficaram isentos de pagar o dizimo e quaesquer outros impostos pelos productos que importassem da mãe-patria. Posto que o documento se refira aos Açôres em geral, talvez elle dizia respeito tão sómente a St.ª Maria que foi a primeira a ser habitada e da qual o primeiro Capitão donatario foi Gonçalo Velho Cabral.

A colonisação da segunda ilha, S. Miguel, foi iniciativa do infante D. Pedro.

---

(1)—Humboldt, op. cit., t. II, pag. 56.

(2)—Estes indicios assim como muitos outros foram expostos por A. de Herrera, Historia General, etc. Liv. I cap. II. Veja-se tambem Humboldt ob. cit. t. II pag 240 e E. do Canto, Os Corte Reaes, Ponta Delgada 1883 pag. 57 e 399 e Archivo dos Açores volume IV, paginas 433.

(3)—Ce document a été publié dans Alguns Documentos, etc., p. 38 et aussi par E. do Canto, Os Corte Reaes, p. 63 do Archivo dos Açores, vol. IV, p. 433.

(4)—Veja-se alguns documentos pag. 58 e E. do Canto, Os Corte Reaes pag. 64 e Archivo vol. IV pag. 440. Martin Behaim devia provavelmente ter tomado parte n'esta expedição, porque nós lemos no documento (pag. 60): «E quanto he ao cavalleiro alleman, que em companhia d'elles ha de hir, que elle allemam escolha d'ir em qualquer carabella que quiser».

(5)—Segundo Fructuoso, a colonisação de Santa Maria começou em 1433, isto é um anno depois da pretendida descoberta. A carta de 1439 demonstra a inexactidão d'este relato.

(6)—Veja-se Archivo dos Açores vol. I pag. 28. Azurara conta que Santa Maria foi colonisada em 1445, esta data é inexacta, pelo documento de 1443. O nome de Santa Maria não provem, como o pretende Fructuoso, do facto da Ilha ser achada em dia da Assumpção, 15 d'agosto. Azurara conta-nos (cap. V paginas 31) que D. Henrique tinha uma devoção especial pela mãe de Christo e construiu um grande numero d'egrejas e de capellas em sua honra; é sem duvida esta devoção que fez dar á primeira Ilha dos Açores o nome de Santa Maria.

Este pediu auctorisação para isso a seu irmão, D. Henrique, e poz á ilha o nome de S. Miguel por causa da sua devoção para com este santo. Afim de facilitar a colonisação d'esta ilha, o rei concedeu-lhe em 1447 os mesmos privilegios que elle proprio havia dado antes aos primeiros habitantes de St.ª Maria. (1)

Possuimos poucas indicações com relação á população primitiva de S. Jorge, Graciosa, Flôres e Corvo. (2) Esta ultima ilha foi cedida em 1453 ao duque de Bragança, mas estava ainda deshabitada, como o proprio texto da carta o diz.

As difficuldades que occasionava o recrutamento de colonos, puzeram entrave á colonisação que muito vagorosa se tornou. Todavia em 1460 cada ilha possuia já a sua egreja como se deprehende do testamento de D. Henrique (3) o que parece provar que, ao menos, um certo numero de familias se achavam espalhadas pelas differentes ilhas do archipelago.

Occupar-nos-hemos mais detalhadamente, na segunda parte d'este estudo, da Terceira, Fayal e Pico, quando examinarmos a parte que os flamengos tomaram na colonisação dos Açôres.

---

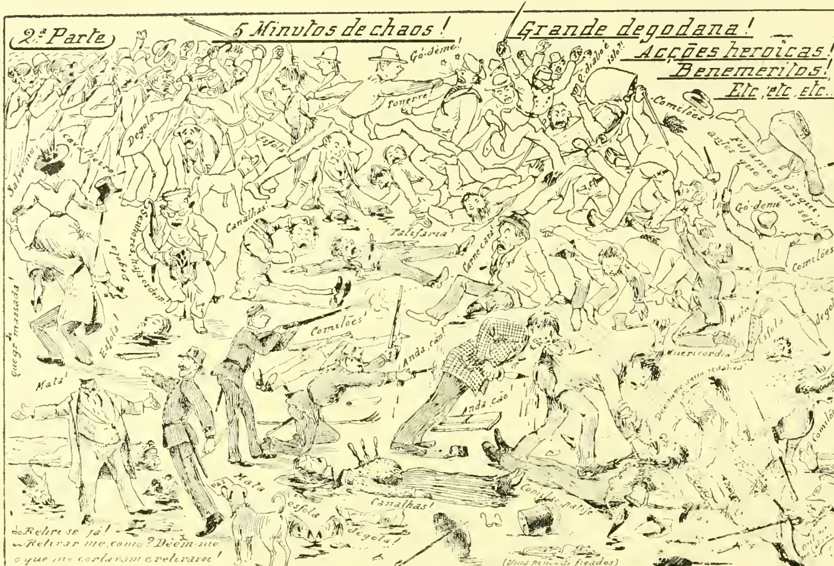
(1) — Veja-se Archivo dos Açores Vol. I pag. 6.

(2) — Segundo Valentim Fernandes, as Ilhas das Flores e do Corvo eram ainda inhabitadas em 1506. Este detalhe não é admissivel pois que em 1514 o Rei D. Manuel dá a João Annes, habitante da Ilha das Flores, a permissão de praticar a arte da cirurgia. A carta é publicada no Archivo dos Açores vol V pag. 144.

(3) — Aqui está como o infante se exprime: «Item ordenei e estabeleci a igreja de São Luis, na ilha de São Luis, e a igreja de Sao Diniz na ilha de São Diniz: e a igreja de São Jorge na Ilha de S. Jorge; e a Igreja de São Thomaz na ilha de São Thomaz; e a igreja de Santa Eiria na ilha de Santa Eiria.

Item ordenei e estabeleci a igreja de Jesu Christo na ilha de Jesu Christo; e outra igreja na ilha Graciosa. Item ordenei e estabeleci a igreja de São Miguel na ilha de São Miguel; e a igreja de Santa Maria na ilha de Santa Maria. (Veja-se Archivo dos Açores, vol. I pag. 334). Nós provaremos mais longe por um exame da carta de Christofalo Soligo que as Ilhas de S. Luis, de S. Diniz, de San Thomaz e de St.ª Eiria fazem parte do grupo dos Açores.

(Continua)


2.ª Parte
5 Minutos de chaos!
Grande degodana!
Acções heroicas!
Benemeritos!
Etc, etc, etc.
Gó-deme!
Tonerre!
Comilões!
Fujamos d'aqui, antes que mais seja!
Gó-deme
Comilões!
Degola
Esfola
Cavalheiro
Salve-me!
Canalhas!
Senhores, haja ordem!
Patifaria!
Carne cara!
Degola!
Esfola!
Quegr massada!
Comilões!
Anda, cão!
Anda, cão!
Mata!
Esfola
degola
Misericordia
Mata!
Mata
esfola
degola!
Canalhas!
Retire-se já!
Retirar-me, como? Dêem-me o que me cortaram e retirarei!
(Uma penca de figados)

Novos Subsidios para a Ethnographia e para a Historia da Arte Portuguezas

I

Sendo nosso intuito continuar a tornar conhecidas as multiplas formas da actividade do povo d'esta ilha reveladoras do fundo tradicional que o caracterisa, resolvemos dar publicidade, na Revista Michaelense, a novos apontamentos sobre o que temos ido discriminando no que respeita á sua cultura material e espiritual na convicção do seu interesse e da sua opportunidade no momento presente.

Os ethnographos e os criticos de arte e seus historiadores necessitam de informações, de esclarecimentos e de subsidios de todos os pontos do Paiz e a todos aquelles que se interessam pelo referido ramo da sciencia e por este genero de investigações impende o dever de lhes levar a maior somma possivel de materiais, a fim de poderem constituir um corpo de sciencia ethnographica nacional e um inventario completo do patrimonio artistico, por forma identica ao que outras nações de adiantado grau de civilização têm feito.

Portugal se, no quadro das nações que cuidam da sciencia ethnographica, occupa um logar honroso apresentando nomes como os de Leite de Vasconcellos, Theophilo Braga, Oliveira Martins, Joaquim de Vasconcellos e outros e mantendo publicações como o Archeologo Portuguez, a Portugalia e a Terra Portugueza, encontra-se no entanto longe ainda de attingir o aperfeiçoamento que se nota em outros Paizes como a Allemanha, onde ella era professada nas Universidades e nos Museus, antes da guerra por intellectualidades como Von Luschan, Sieglin, Winckler, Groot, e Mayer; a Inglaterra e os Estados Unidos da America com uma pleiade de notaveis ethnographos, Crooke, Risley, Guit, Porvell, Holmes, Stevenson, Robins e Henderson, a Austria e Hungria com Schmidt, Elrenreich e outros, surgindo uma enorme actividade de investigações ethnologicas em todos elles.

Urgente é pois que por todo o Paiz se vá revelando o que ainda existe da antiga feição popular prestes a desapparecer, no que respeita á cultura intellectual da nossa nacionalidade; impondo-se a necessidade immediata de minuciosamente serem descriptos os utensilios domesticos, as alfaias agricolas, a vida industrial, a actividade artistica, a musica, os bailes, os usos, os costumes, os jogos, as lendas, as superstições, todo esse complexo conjuncto que constitue documentação concreta e subsidiaria da historia de um povo, da sua psychologia, da sua originalidade, do seu genio e da sua poesia.

Ora esse thesouro tem de ser canalizado para os eruditos, não por via de extranhos, porque esses, como diz o illustre professor hespanhol Hoyos Sainz, poderão descobrir talvez melhor do que os investigadores regionaes, mas nunca como elles interpretarão com verdade o que encontram. Aos proprios habitantes da região completamente identificados com o meio compete pois esse trabalho.

Colhidas assim todas essas formas de cultura popular passarão a ser submettidas aos methodos modernos da sciencia valorizando-se então definitivamente, ao enquadrarem-se no corpo geral da ethnographia nacional.

Por todo o mundo culto lavra um immenso interesse pela sciencia de que vimos falando; ella é tratada nas Universidades, exposta em Museus, demonstrada em conferencias, enriquecida em livros e revistas, popularizada nos jornais, protegida pelos governos, já subsidiando missões de estudo e de investigação, já estimulando competencias, alimentando exposições e animando os eruditos; e se este impulso provem sem duvida de um alto criterio scientifico, elle resulta tambem das beneficas vantagens sociaes que d'essa sciencia derivam e que bem conhecidas são pelas nações que exploram com saber e intelligencia os seus dominios Coloniaes.

Como porém a base sobre que ella se ergue entrou em uma phase de bruscas

oscillações e por vezes de imminente desmoronamento determinados pela rapida renovação da vida moderna e da accelerada evolução do periodo historico vivido pelas ultimas gerações, muito mais accentuado precisamente no momento actual apoz a convulsão social derivada da conflagração europeia, têm aconselhado os sabios mais notaveis, na justa comprehensão do grande perigo que a ameaça, salvar sem delongas todos os valiosissimos elementos de estudo ainda existentes.

E assim vae essa idea dominando por toda a parte, apregoada por Mauss em França que insistindo na colheita immediata, accrescentava; "com os velhos de cada povo caem os costumes, o conhecimento dos mythos, das lendas, das fabulas e da technica antiga de tudo o que constitue o sabor e a originalidade de uma civilização»; por Ridgeway na Inglaterra que na petição dirigida ao governo dizia *Now or Never* e ainda por Northcote Thomas aconselhando á Grã-Bretanha a organização sem perda de tempo do seu Bureau Imperial de Ethnographia, afim de permittir aos ethnographos inglezes competirem com os seus collegas allemães e americanos; por Bastian, na Allemanha, clamando que se recolhesse em massa, a granel, todos os objectos ethnographicos para se salvarem assim de destruição ficando para depois o seu estudo e classificação (1); por Hoyos Sainz em Hespanha, manifestando-se no mesmo sentido e entre nós pelo Snr. Leite de Vasconcellos que ainda ha pouco nos dizia não dever haver preoccupações com origens, mas com a revelação de factos bem averiguados e singellamente expostos terminando com estas palavras: eis o que no momento actual se deseja.

Por esta sucinta advertencia podemos já ver bem o interesse que por toda a parte vão despertando as investigações de caracter ethnographico.

Se attendermos ao caso restricto do archipelago Açoreano, reconhecemos estar ainda muito por fazer.

O periodo de revolucionamento já vae longo entre nós: causas diversas conjugaram-se no sentido de se ir apagando o fundo tradicional d'esta região, substituindo-se o cunho typico e o caracter regional da nossa vida, dos nossos costumes e até das nossas paizagens pelo da moral, da educação, do modo de ser e dos aspectos novos impostos pelo cosmopolitismo e pela industrialização modernos.

D'entre essas causas occupa logar predominante a emigração que n'um movimento constante de dissolvente desaggregação do fundo tradicional vae-nos conduzindo, em carreira vertiginosa, para uma phase de vida incaracteristica, banal e de completa desregionalização.

Salvar pois, pôr em relevo, valorizar o que ainda resta, será robustecer o espirito regionalista, será avigorar o sentimento patrio.

Agora ou nunca podemos tambem nós bradar cá de longe como o citado Ridgeway disse em Inglaterra.

Como proceder a esse trabalho? pelo concurso não só dos poetas, dos litteratos e dos artistas, como tambem dos ethnographos, dos folkloristas e de todos aquelles que sincera e honestamente amam a sua terra. Ao lado da emoção viva e da palpitação sentida que dimanam por exemplo das poesias de Manuel A. d'Amaral, ou das telas de Domingos Rebello, tem de enfileirar as prosas frias por vezes, mas não menos valiosas dos observadores minuciosos, que para o serem, terão de descer até á aridez da technica e até ao detalhe da factura.

E só assim, collaborando n'essa obra commum, n'esse thesouro collectivo, todos os temperamentos e todas as competencias, subordinadas á mesma orientação e inspirados no mesmo ideal, poderemos avigorar o nosso espirito regional e nobilitar a nossa pequena Patria.

Ora sendo o archipelago formado de ilhas afastadas, de caracteres ethnographicos por vezes differentes, determinados provavelmente pelas reminiscencias dos primitivos elementos heterogeneos que concorreram á povoação, cuja feição ethno-

(1)—Ethnographia, suas bases, seus methodos y aplicaciones a Espanã por Hoyos Sainz e Aranzadi.

graphica, evolucionando lentamente sobre si, se foi mantendo no longo isolamento de alguns seculos, subtrahida á acção de conthactos renovadores, parece deverem ser feitas as investigações ethnographicas pelos habitantes das mesmas ilhas em um trabalho paciente e portanto moroso, só realizavel por meio da permanencia continuada na mesma região, organizando assim um nucleo de estudos que depois constituirão, por certo em seu conjunto, um dos mais interessantes capitulos da Ethnographia Nacional.

Aos naturaes de cada Ilha compete pois fazer o registo do que ainda se encontra, salvando-se assim as modalidades ethnographicas do archipelago, com todas as garantias de uma justa interpretação.

«Em toda a parte, dizia Ramalho Ortigão ao tratar das commissões regionaes incumbidas da guarda e da conservação dos monumentos e objectos de arte nas diversas localidades do Paiz, ainda nos mais abandonados recantos da provincia, ha sempre, onde existe um monumento, um homem pelo menos que o ama, que o estuda, que o comprehende. E' a collaboração preciosa d'esses pobres poetas obscuros, d'esses modestos archeologos ignorados da critica e do publico que aos organizadores das comissões locaes compete colher e utilizar».

Estas palavras do eminente critico applicam-se, a nosso vêr, perfeitamente ao campo da ethnographia e da arte açoreanas, porque em todas as ilhas há, como aqui, temperamentos que se sensibilizam com as formas simples, puras e ingenuas do sentimento e da poesia populares, que se impressionam com o pitoresco dos usos, dos costumes e da vida rustica, que se emocionam com a belleza das paizagens açoricas, que apreciam e estimam as imagens, os retabulos e as pinturas dos templos, que sentem a sua intelligencia e o seu espirito observador attrahidos pelas lendas, pelos contos e pelas superstições antigas e que dolorosamente assistem ao desapparecimento das reminiscencias e dos vestigios do passado, n'uma compunção sincera e num tacito protesto.

Esses seriam tambem os melhores collaboradores se se compenetrassem de que as competencias scientificas está marcado um papel e aos simples amadores, um outro, que por todos pode ser desempenhado, o de revelar factos bem averiguados e singellamente expostos, acompanhados, quando possivel fôr, de conscienciosos desenhos ou de bôas photographias.

Restringindo ainda mais o assumpto e reduzindo-o aos limites da nossa Ilha, diremos o que se nos afigura dever-se fazer desde já por ser mais urgente.

Em ethnographia devem distinguir-se dois ramos de estudos: o que diz respeito a cultura espiritual do povo e o que trata da sua cultura material: sendo egualmente importantes, cuidaremos no entanto em especial d'este ultimo, pela razão de ser a bibliographia folklorica açoreana incomparavelmente mais rica do que a etnographica propriamente dita e ainda por serem os objectos ethnographicos muito mais facilmente esquecidos do que os restantes elementos que se manteem no dominio da vida puramente sentimental e intellectual.

As referencias a objectos ethnographicos do povo michaelense são na verdade numerosas desde Gaspar Fructuoso até aos litteratos contemporaneos, mas o criterio descriptivo, comparativo e estetico, a indicação do modo exacto de construir a que alguns auctores chamam *esthetologia*, forma de se achar a verdadeira approximação nos diversos ramos de cultura, raras vezes tem sido seguidos.

Em geral surgem notas de certo valor ethnographico mas isoladas, de caracter romantico e pitoresco, mais como accessorios de divagações litterarias do que como resultado de uma observação directa, minuciosa e positiva. Eis o que está em grande parte por fazer e vamos continuar a tentar.

Assim nos apontamentos que se seguem apparecerão entremeados assumptos ethnographicos com outros de critica e historia de arte, preenchendo algumas lacunas do estudo que publicamos em 1915 sob o titulo de Notas sobre Arte e n'este grupo de investigações entrarão não só as manifestações de arte moldadas no rigorismo

imposto pelos estylos classicos, pelas escolas e pelas correntes eruditas, mas ainda algumas outras que brotaram espontanea e livremente da alma popular n'uma ampla expansão do seu sentimento artistico e na fiel exteriorização da sua psychologia apenas mantidas pela força da tradição e que não figuram no livro publicado em, 1918—Ethnographia Artistica.

Assim julgamos podermos concorrer tambem com o nosso modesto esforço para o desenvolvimento da cruzada regionalista, aguardando com interesse o apparecimento de novos collaboradores que considerem o regionalismo como um nobre ideal collocado muito acima de questões politicas embora ellas se devam com elle intimamente relacionar, acompanhando-o como um seguro orientador e bom conselheiro.

O regionalismo conduz por via do estudo das tradições ao conhecimento exacto do modo de ser, das aspirações, das tendencias ingenitas e da psychologia do povo, indicando consequentemente a melhor forma de governar cada nucleo nacional e a mais criteriosa forma de para elle legislar.

O regionalismo traz consigo o culto d'essas tradições e só n'esse culto se podem, em nossa opinião, manter a ordem, a disciplina e a hierarchia sociaes, bases fundamentaes de todo o progresso e garantia segura de todos os regimens politicos.

A Republica em Portugal ainda não se consolidou, nem nunca se consolidará emquanto insistir em andar divorciada do modo de ser nacional essencialmente liberal, mas dentro d'este campo, e no fundo, conservador.

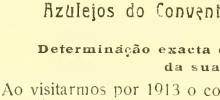
Estas rapidas observações em que pretendemos indicar o interesse dos estudos ethnographicos nos Açores não só em relação á ethnographia nacional, como ainda no que respeita á educação do espirito regionalista, e ás vantagens de uma revelação tão completa quanto possivel do nosso patrimonio artistico, constituem pois um pequeno prefácio ás linhas que se seguem, o resultado de investigações a que procedemos no periodo decorrido de Maio a Outubro do anno findo de 1918.

II

Azulejos do Convento da Esperança de Ponta Delgada

Determinação exacta da sua auctoria e da epocha provavel da sua vinda para esta ilha

Ao visitarmos por 1913 o convento da Esperança no intuito de estudarmos um trabalho em talha que se nos afigurava do entalhador michaelense seiscentista *Miguel Romeiro*—deparámos com um vasto revestimento de azulejo em todo o coro baixo d'aquelle mosteiro que logo nos impressionou vivamente, procurando com o maior interesse uma data, sigla ou assignatura que esclarecesse a origem, a proveniencia e a auctoria d'aquelle precioso achado. Percorremos minuciosamente os paineis, não sendo porém possivel examinar completamente dois d'elles, pela razão de estarem na parte inferior occultados por um movel de difficil remoção e n'esse momento faltar o pessoal para o desviar da parede.



Assignatura dos azulejos do convento da Esperança

Algum tempo depois voltámos ao convento e podemos então vel-os de alto a baixo, encontrando a assignatura que se segue no quadro central da parede do sul.

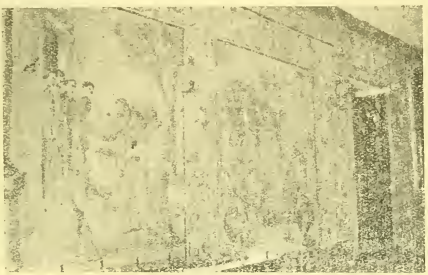
A ella nos referimos no estudo que publicamos em 1915—*Notas sobre Arte*—e então foi attribuida a Antonio d'Oliveira Bernardes, ainda que com algumas reservas, attribuição agora como vamos vêr confirmada. Tendo tido o illustre ethnographo e critico de arte Sr. Dr. Virgilio Correia noticia d'essa nossa descoberta pela leitura do referido livro, pediu-nos o decalque da assignatura, assim como de uma outra do mesmo notavel artista por nós arrecadada no Museu Municipal, afim de melhor se orientar no valioso trabalho a que se tem dedicado de estudar a

familia Bernardes que tantos artistas produziu, pintores, architectos e azulejadores, em um periodo que decorre pela segunda metade do seculo XVII e pelo seculo XVIII.

Remettidos esses decalques, logo deu d'elles noticia o erudito investigador na Terra Portugueza e ultimamente de novo os reproduziu juntamente com outras assignaturas do eximio artista e de seu filho Policarpo de Oliveira Bernardes. (1)

Alem das assignaturas existentes n'esta ilha figuram alli mais duas de Antonio de Oliveira Bernardes uma sem data visivel na egreja de S. Domingos de Bemfica e outra datada de 1711 que se encontra na egreja dos Loyos em Evora.

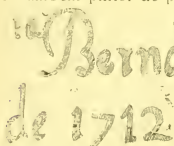
O Sr. Dr. Virgilio Correia reproduz ainda trez assignaturas de Policarpo de Oliveira Bernardes, uma da Misericordia de Vianna de Castello, outra da Capella lateral da Capella mór da Matriz de Villa Viçosa e outra da Capella de S. Phillipe do Forte do mesmo nome, em Setubal, acompanhadas de informações muito interessantes sobre a sua individualidade.



Azulejos do côro do Convento da Esperança

Abrindo um parenthesis n'estas notas que tem por fim principal provar definitivamente o grande valor do azulejamento do Convento da Esperança, passamos a apresentar algumas considerações sobre Policarpo de Oliveira Bernardes que poderão por ventura envolver uma certa importancia na determinação do valor d'este artista e do papel que representou na arte do seu tempo.

Policarpo foi sómente azulejador como sempre o temos visto considerado, ou foi tambem pintor de paineis, como seu avô materno e como seu avô paterno Antonio Rodriguez, seus irmãos Frei José de St.ª Maria e Ignacio de Oliveira e seus sobrinhos, filhos d'este ultimo, João Pedro de Oliveira e D. Michaela Archangela Romaneti?



Assignatura que se encontra no museu municipal de Ponta Delgada

As notas que passamos a registar parecem indicar que á pintura a oleo tambem se dedicou o artista.

Em uma extensa noticia sobre quadros de pintores notaveis existentes nas egrejas de Lisbôa e seus arredores dada pelos começos do seculo XIX, encontramos a informação seguinte, quando se refere á Lapa: "O painel de St.º Antonio é de Policarpo de Oliveira Bernardes" e logo a seguir, ao tratar de São Francisco de Paula: "nas capellas há hum S. José e o da Santissima Trindade e no tecto da igreja o de São Miguel feitos por Ignacio d'O. Bernardes em 1759: o quadro de S. Francisco de Paula da Capella Mór é de Vieira Luzitano". Aqui deixou portanto o auctor anonymo do longo e minucioso inventario, a indicação de uma pintura de Policarpo, devendo esclarecer-se que todas as restantes attribuições parecem ser conscienciosas, não se encontrando erros grosseiros no decorrer das longas listas, a não ser alguns enganos correntes ao tempo e só depois desfeitos pela evolução da critica de arte, como por exemplo o caso da auctoria de Grão Vasco dada a torto e a direito a todas as taboas com cunho antigo e acusando um certo estylo.

(1)—A Familia de Oliveira Bernardes—Uma grande eschola de Pintura de Azulejos (1.ª metade do seculo XVIII) N.os 71 e 72 da Revista a Aguia.

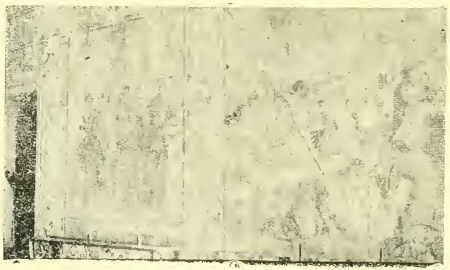
A duvida porém que se levantou no nosso espirito sobre se o referido painel de St.º Antonio seria um quadro de azulejos desvaneceu-se depois continuando a leitura do inventario, pois ao chegarmos á igreja de S. Roque lêmos: «ha a vida de S. Francisco Xavier feita por André Reinoso; o menino entre os doutores é de José d'Avelar Rebelo; o painel de St.º Antonio prégando aos peixes é de Vieira Luzitano; ha na capella de S. José trez paineis do (Mapucce ou Mailucco?) (1) em *mozaico*» isto é, a indicação do material em que foi executada esta notavel obra de arte é excepção unica em todo o relato, deprehendendo-se que todas as demais indicações são referentes a pintura a oleo, o que se confirma pelo intuito que houve ao elaborarem aquelle inventario do qual só depois tivemos conhecimento.

Outro azulejo do côro do Convento da Esperança

Cremos portanto que o painel da Lapa seria ou será, dado o caso de ainda existir, uma pintura a oleo e assim n'elle teremos a prova de não se haver dedicado o artista exclusivamente á arte em azulejos.

Fechando o parenthesis que achamos opportuno abrir por interessar talvez os historiadores de Arte de Lisbôa continuemos a falar dos azulejos da Esperança, cuja auctoria fica inteiramente conhecida pelo confronto das diversas assignaturas citadas e portanto confirmada a nossa attribuição de ha cinco annos.

O alto valor d'esta manifestação de arte deve ser conhecida por todos para que se obste a alguma mutilação, como tantas outras que se tem commettido nos nossos templos e conventos.



Mais outro azulejo do côro do Convento da Esperança

A epocha provavel da importação d'estes azulejos de Lisbôa pode ser agora mais bem marcada esclarecendo a indicação que já demos de terem provavelmente vindo pela segunda metade do seculo XVII.

Esse longo periodo de cincoenta annos vae ser bastante reduzido não por havermos descoberto outra informação precisa, mas pelo conhecimento de alguns factos da vida intima conventual, os quaes nos auxiliam, dando fundamento ás nossas conjecturas. Pondo de parte a genealogia de Antonio de

(1)—Deve ser Agostinho Massucci.

Oliveira Bernardes, já bastante conhecida, vamos restringir as nossas observações apenas á sua vida recordando algumas datas.

A 7 de Agosto de 1684 entrou o artista, como descobriu o Sr. Dr. V. Correia, para a confraria dos pintores de São Lucas e em 1695 nascem-lhe dois filhos. Policarpo e Ignacio, decorrendo a sua vida até ao anno de 1732 em que falleceu segundo ainda aquelle illustre investigador, e conforme se pode verificar nos Livros da Desobrigação da Freguezia de St.ª Catharina do Monte Sinay. Suppondo que tivesse cerca de 25 annos de edade quando entrou para a Confraria de São Lucas, poderemos marcar duas datas portanto, dentro das quaes decorreu approximadamente a sua existencia — 1660 a 1732.

Azulejo do Convento da Esperança

Ora é precisamente n'este periodo que a vida Conventual das freiras da Esperança apresenta um aspecto particularmente interessante e anormal determinado pelos antagonismos, pelos despeitos e invejas nascidas em uma parte da communidade adversaria da conhecida madre Thereza da Annunciada e das restantes freiras que a acompanharam e animaram a proseguir no restabelecimento da então quasi extincta fé na imagem do Ecce - Homo. A esta freira dedicou José Clemente um vasto e minucioso relato de milagres que a veneranda imagem obrou em seu tempo e que por seu intermedio se velaram e ahi, n'este curiosissimo trecho da vida intima do mosteiro, vamos encontrar esclarecimentos muito apreciaveis.

Em 1682, ao tomar ella o veu de noviça, já a referida imagem se encontrava em um nicho do coro baixo do Convento, provavelmente ao fundo, vindo para ahi de uma ermida existente na cerca da invocação da Snr.ª da Paz, onde se conservou desde 1541. Foi então que á Santa Imagem começou madre Thereza a dedicar especial devoção, propondo-se com firme e resoluto intuito elevar o seu culto a cuja realização dedicou inteiramente toda a sua vida.

O 2.º azulejo do Convento da Esperança

Ora por este tempo parece encontrar-se muito despresado o coro alto pois é o proprio José Clemente quem affirma ser elle velho e estar o pavimento mal assoalhado, cahindo o pó pelas gretas das taboas sobre o Altar do St.º Christo quando por sobre elle passavam as freiras. Encontrando-se n'este estado o coro alto, recinto dos conventos sempre cuidado e mais cautelosamente mantido, decerto em mau estado de conservação estaria tambem o de baixo.

Estas razões levaram particularmente a dedicada freira a planear a construcção de um novo altar falando n'este sentido á então indigitada Abbadessa que para

conseguir um bom exito na sua proxima eleição logo lhe prometteu a realização do seu desideratum. Eleita ella faltou á sua promessa, tornando-se uma acerrima adversaria não só da Madre Thereza como de toda a iniciativa de reparos, concertos, obras ou embellezamentos n'aquelle recinto, por vêr que ia assim concorrer directamente para o conceito de santidade que já então se ia creando em volta da humilde freira do St.º Christo.

Um outro azulejo do côro do Convento da Esperança

Antes portanto de 1682 não deviam existir no coro os azulejos por não ser natural que Antonio de Oliveira Bernardes os tivesse pintado com cerca de vinte annos de edade apenas e depois tambem não nos parece por se achar o local provavelmente muito despresado e pobre e ainda pela razão de com certeza, não ser ordenada a dispendiosa obra de ornamentação pela referida Abbadessa que ia nutrindo ódio crescente contra a freira á medida que a devoção pela Imagem augmentava dentro do convento, e fóra d'elle.

Essa animadversão da Abbadessa attingiu porém o auge quando os Condes da Ribeira Grande começaram a proteger os intuitos de Madre Thereza; então chamava-a hypocrita e embusteira, pergantando-lhe que virtudes eram as suas para vender por revelações do céo, as que só eram imaginações da sua errada phantasia!

Apesar porém de enumeras difficuldades, de falta de recursos e de grandes contratempos, lá se foram melhorando successivamente os altares da

Outro azulejo do côro do Convento da Esperança

imagem, já então em 1699 sob a protecção dos referidos Condes ajudando muito a construcção de uma grade para a Capella.

O fervoroso desejo de emmoldurar a imagem em capella faustosa augmentava porém na freira devota, e inicia-se então nova lucta para a edificação de uma capella ao fundo do coro com altar mais rico e luxuoso.

Ella comunica o que lhe havia revelado a imagem: o Senhor desejava uma capella nova com duas janellas rasgadas, uma sacristia e um jardim para as flôres do seu altar, e a pobre freira no intimo e profundo anceio de ver realizado o empenho que a imagem confidencialmente lhe manifestara, sem meios nem recursos, anima-se no entanto e mette hombros á obra.

Isto passava-se já em Abril de 1700.

Eleita então abbadessa affeiçoada a Madre Thereza, Madre Luiza de São Braz, *cordeal devota da St.ª Imagem*, e tomando D. José Rodrigues da Camara todo o interesse pela nova obra, entra-se então em um periodo de importantes embellezamentos em volta da imagem.

Os condes foram nomeados intendentes e thesoureiros ainda por indicação do St. Christo trahsmittida á freira devota e assim conjugando-se boas vontades e ha-

vendo recursos para a nova fabrica rapidamente se concluiu na ultima perfeição, como affirma J. Clemente. São estes os pontos mais interessantes p.ª nós do mencionado livro.

A entrada porem para essa luxuosa capella fazia-se, como ainda hoje se faz, pelo coro baixo e a sua restauração impunha-se portanto naturalmente.

Assim suppomos dever-se a encommenda dos azulejos ou aos proprios Condes, já então grandes devotos do St.º Christo, ou á iniciativa da nova Abbadessa, ou por ventura, a promessa d'algum outro devoto desconhecido, pois importantes começaram a ser então as offerendas dos crentes da Ilha e mesmo de fóra d'ella, surgindo assim uma receita para o Convento, que com o andar do tempo, foi augmentando consideravelmente.

José Clemente descreve com minuciosidade as successivas obras de construcção de altares e capella do St.º Christo no coro baixo do convento e nenhuma referencia apparece, no entanto, em seu relato ao azulejamento que é a mais importante decoração do recinto, o vestibulo, por assim dizer, da capella, o que nos leva a conjecturar haver sido feita a encommenda só depois d'esta ultima obra e já no seculo XVIII.

É esta a conclusão a que nos conduzem os elementos ao nosso alcance e que só poderia ser completamente demonstrada, ou pelos livros de despesa do Convento ou pelos do Conde da Ribeira Grande, ós quais ainda não conseguimos encontrar.

Sendo exacta esta conclusão corrigida fica, consequentemente, a informação que já démos da vinda do azulejo pela segunda metade do seculo XVII.

Confirmada portanto a nossa attribuição e mais approximadamente indicada a epocha da sua fractura, deixamos feita a revelação de um valioso subsidio a juntar á historia do azulejo portuguez de grande composição, precisamente no periodo do seu mais vivo esplendor.

No logar que de direito lhe compete fica pois collocada aquella vasta manifestação de arte, uma das mais valiosas existentes nos Açôres, e uma das mais apreciaveis que se encontram no Paiz já pelo seu interesse artistico, já por se achar firmada pelo grande mestre. E quantas outras obras de primeira ordem poderão existir ainda nos Açôres e por emquanto desconhecidas, occultando talvez preciosas assignaturas sob os madeiramentos dos revestimentos muraes inferiores?

Antonio de Oliveira Bernardes, Policarpo de Oliveira Bernardes, Gabriel d'el Barco y Mimaca, Francisco Ferreira de Araujo e tantos outros nacionaes e neelandezes, que se vão tornando conhecidos, devem, a nosso vêr, ter tocado alguns dos nossos azulejos importados em grande quantidade na primeira metade do seculo XVIII.

III

O CARRO DE BOIS

Quando nos referimos a diversos utensilios agricolas do povo michaelense no mencionado livro sobre Ethnographia Artistica, dissemos approximar-se o typo de carro de bois aqui usado do identico meio de transporte da Armenia, limitando-nos a reproduzir então a informação dada pelo Snr. Arruda Furtado no seu valioso Estudo Anthropologico (1) por não termos ainda os necessarios elementos para, por forma mais completa, apreciarmos este objecto ethnographico.

Hoje, porém, podemos tratar um pouco mais detalhadamente d'esse authentico representante das mais remotas formas de locomoção considerado como objecto ethnographico prehistorico, usado na Peninsula já na edade neolitica, já depois no começo do periodo, que vae até ao vigesimo seculo antes de Christo, da edade de bronze (2), o qual caminhando atravez os seculos foi mantendo persistentemente a sua forma, e demais caracteristicas proprias e inconfundiveis.

(1) - Materiaes para o estudo anthropologico dos Povos Açoreanos – Observações sobre o povo michaelense.

(2) – Breuil. – Le char et le traineau dans l'art rupestre d'Extremadure (Espanha).

O carro de bois é constituido pela canga, pelo carro e pela sebe; do carro propriamente dito nos occuparemos agora tendo-o estudado nos seus detalhes, o verão passado nas Furnas, onde se nos afigurou apparecerem ainda alguns typos de rodas de cunho mais antigo. O aspecto archaico que caracterisa o carro de bois por todas as regiões do globo onde é utilizado, é aqui particularmente notorio, porque se mantem em todas as aldeias da ilha sem modificação sensivel. Devemo-nos encontrar portanto em face do typo authentico d'esses carros que os colonos do seculo XV aqui foram introduzindo, á medida que os caminhos se iam rompendo. As referencias mais antigas que temos encontrado nos carros michaelenses são as de Gaspar Fructuoso que ao descrever a robustez physica e a força muscular d'alguns michaelenses primitivos, subsidiariamente d'elles falla.

Assim João Lopes dos Mosteiros, diz o chronista quando via que algum dos *bois do carro* cansava na subida, o desappunha e no seu logar com o outro puxava o *carro*.

Bartholomeu Teixeira, accrescenta, foi tão forçoso, que levando uma vez um carro de lenha e vendo um dos bois fraco, o tirou dos *Canzis* e tomando a canga nos braços com o outro boi que ficou, tirou o carro por um arrebentão e ladeira acima.

Carro da Ilha de St.ª Maria

E saindo-lhe uma vez o eixo de um carro carregado de lenha dos *Coções*, elle só levantou o carro pelo *recavem* por detraz, e outro lhe tornou a metter o *rodeiro* nos *coções*.

Ainda ao falar de um tal Francisco Gonçalves nos indica a carga de um carro de bois dizendo que trazia um carro pelo espigão do porto do Nordeste carregado com um moio de trigo.

O carro do seculo XVI a que se refere Fructuoso deve ter sido identico ao actual já pela revelação d'algumas peças com as mesmas denominações já pela sua capacidade, pois na verdade por um espigão ingreme não se pode carregar, ainda hoje, mais do que um moio de trigo.

Em testamentos do seculo XVII e XVIII e em outros documentos fomos encontrando referencias a carros de bois, assim como a concertos nos caminhos para a sua passagem tendo conhecimento apenas de uma noticia mais detalhada dos das Furnas, em um estudo do Sr. Senna Freitas publicado em 1840. O carro de bois é portanto um dos objectos da alfaia agricola que desde a mais longa data tem sido usado pelos michaelenses, continuando ainda a dar a nota pittoresca ás nossas paisagens, já pelo seu aspecto rustico, já pela toada plangente do seu chio rythmado.

O typo actual consta das peças seguintes:

Roda, eixo e leito do carro que passamos a descrever minuciosamente.

A roda era construi'a, assim como todo o carro, de castanho e compõe-se de trez partes: a do meio, *o meão*, que quando em uma das rodas se encontra na po-

sição perpendicular, na outra toma o horizontal, para maior solidez do conjuncto; as *cambas*, que são as duas tabuas latterais quasi em semicircumferencia fixadas no meão por meio de tóros interiores.

Os gatos, da roda a que acabamos de nos referir, o *cubo*, ponta do eixo saliente do meão: *as chavetas*, as duas pequenas peças de madeira que aguentam a roda no cubo; e os *olhais*, as duas aberturas em forma de torpedo, cavadas entre o meão e as cambas.

Em alguns exemplares, raros, as cambas apresentam duas grandes aberturas em arco de circulo, como tambem succede nos carros da Ilha de St.ª Maria, na Galliza e em diversos pontos do continente.

O eixo que com a roda forma o rodeiro consta do cubo; da rodilha, a base conica do cubo; e do corrume, a cavidade do rolamento. O cubo e a rodilha formam uma pyramide quadrangular truncada. O leito comprehende as peças complementares do rolamento e propriamente o leito do carro: aquellas são as *meias*, as bonecas e os dois coções que firmam o rolamento do eixo; este compõe-se do *cabeçalho* que se prolonga em todo o comprimento e occupa o centro do carro; das *chédas*, duas taboas latterais e de mais duas taboas intermedias. Estas pranchas do leito são reforçadas por sete travessas, cinco das quais são embutidas nas pranchas não apanhando as chêdas totalmente e duas que percorrem todo o leito, acompanhando as chêdas até á sua face lateral exterior. As rodas são revestidas de um arco de ferro de chapa larga antigamente firmada á madeira por grandes pregos cónicos para maior economia da chapa, hoje porém desapparecidos, por determinação das posturas camararias. Devemos notar ainda que sendo grande a difficuldade de obter ferro, em tempos antigos, eram as rodas usadas por vezes sem revestimento metallico, segundo informações que colhemos, e por consequencia de pouca duração.

Carro da Ilha de São Miguel

Dos estragos causados nos caminhos por esse typo de roda pregada que nas Furnas era ainda pelos meados do seculo passado feita de uma só peça circular de dois pés de diametro, encontramos vestigios nos sulcos fundamente cavados no leito pedregoso de velhos e abandonados caminhos, como por exemplo, em um que ladeia um dos picos da Carreira da Fajã de Cima.

Nas citadas rodas sem revestimento metallico e feitas de uma só peça ainda hoje usadas pelos furnenses em pequenos carros destinados ao serviço das terras e dos inhamaes, está o typo do carro primitivo, d'essa epocha longiqua em que a tosca rodella cavada no proprio tronco de arvore era o sufficiente para um rolamento imperfeito e em que apoz a phase rudimentar dos meios de transporte de arrasto, a descoberta dos rodados deveria ter determinado uma revolução formidavel na vida agricola e guerreira, facilitando e desenvolvendo as relações entre os povos.

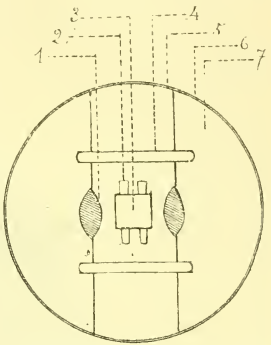
O carro deve ter sido pois um poderoso elemento de civilização nas affastadas edades em que surgiu e é tão grande o seu interesse que numerosos estudos tem apparecido sobre as multiplas modalidades da sua contextura e sobre a sua area geographica.

A nosso vêr a mais curiosa particularidade do carro michaelense está nos re-

feridos pregos da antiga roda que não reconhecemos, nem nos exmplares indicados pelo Professor Aranzadi, colhidos em Cardenã Galliza, Encartationes de Viscaya e outras regiões mais, nem nos apresentados pelo Sr. Dr. Virgilio Correia d'entre os typos de roda portugueza continental, a não ser nos de pregos de rasto do carro alemtejano ainda assim differentes dos nossos, isto é, pregos de cabeça larga, mas segundo deprehendemos, pouco elevados e não conicos.

A notavel simplicidade na technica da roda michaelense é tambem muito apreciavel, pois apresenta apenas como reforço do *meão* dois pequenos gatos de ferro algumas vezes, e outras, nem isso se encontra.

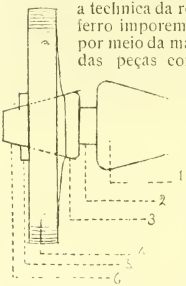
Entre os typos apresentados pelo Sr. Dr. Virgilio Correia, figura como o mais ligado ao carro romano o carro saloio cuja approximação como michaelense é flagrante e assim podemos indicar o nosso typo regional como um dos que mais de perto representam ainda hoje, uma reminiscencia da epocha da conquista romana da Peninsula.



1 Olhal—2 Chaveta—3 Cubo—4 Gato—5 Meão—6 Aro—7 Camba

Finalmente é, a nosso vêr, digno de nota um detalhe que suppomos approximal-o ainda d'essa remota origem e que se encontra nos dois reduzidos *olhais* usados egualmente no carro saloio, indicando uma acentuada tendencia para a roda cheia.

A explicação d'esta particularidade não se deve procurar, em nossa opinião, n'uma gradual atrophia das amplas aberturas visiveis por exemplo nas rodas da região de Alcobaça e da Galliza, nem tão pouco na razão de, a technica da roda e a economia do ferro imporem a maxima robustez por meio da mais completa junção das peças constituitivas da roda, mas somente na manutenção de uma forma tradicional que prende este typo de roda, mais do que qualquer outro, ao da roda cheia e sem abertura alguma do carro romano *a tympana* (1).



1 Eixo—2 Corrume—3 Rodilha—4 Roda—5 Chaveta—6 Cubo

Nas Furnas encontramos ainda, em pequenos carros, rodas feitas de uma só taboa apresentando cavadas de uma e outra banda da peça central, aberturas semi-circulares; estas são portanto muito semelhantes ás piemontezas do seculo XV antes de Christo, registadas tambem pelo professor Aranzadi.

Para finalizarmos estes apontamentos e como justificação da affirmação feita no sentido de existir na Armenia um meio de transporte identico ao nosso, indicaremos, de uma maneira geral a area geographica do carro de bois.

Elle apparece por todas as regiões da zona septentrional media europeia-asiatica desde Portugal até Pekin; sendo levado para a America e generalizado nas Phillipinas e em outros pontos do globo, já pela civilização europeia do tempo da expansão hespanhola e portugueza, já pela influencia sobre os paizes do hemispherio austral: eis o que mostram os ethnographos.

O carro michaelense apparece muitas vezes pintado de verde ou vermelho,

(1—Terra Portugueza—Dr. Virgilio Corrêa.

cores vivas como que a contrastarem com a monotonia do seu cantar em duas notas, musica que anima os bois segundo dizem os carreiros, tal como affirmam os *boyeros* do norte de Espanha e como pensam os do continente portugues.

Os nossos tem a convicção de que quando se amacia as *bonecos* e os *coções* com o sabão, imposto pelas posturas camararias ao entrarem na cidade, os bois perdem sensivelmente o animo para levar a cabo a sua ardua tarefa.

1 Chêda — 2 Meia — 3 Bouceo 4 Coução — 5 Cheda 6 Taboa intermedia — 7 Cabeçalho

Aqui não é hoje conhecida a verdadeira utilidade do *chiar* do carro indicada pelo Snr. Aranzadi, a de avisar outros carros, que em sentido contrario caminham, para que párem nos cruzamentos, afim de se evitarem os encontros em atalhos estreitos.

Ainda para a terminologia das suas peças constituitivas chamaremos a attenção. O facto de no seculo XVI se empregarem os termos *Canzis* e *Coções*, referentes a peças que hoje se conservam assim denominadas, desempenhando a mesma funcção, vem reforçar a opinião de se ter mantido entre nós o typo tradicional importado pelos primeiros povoadores e no de *chêdas*, como vimos, peças lateraes, reconhecemos mais, outras approximações com o Minho, onde é empregado ainda, segundo nota o Snr. Theophilo de Braga, relacionando-se com *assedum*, o carro gaulez de duas rodas.

IV

Azulejos da Capella Mór da Matriz de Villa França do Campo

As paredes do norte e sul d'esta capella aparecem revestidas de azulejos desenhados em azul sobre fundo branco onde são tratados assumptos referentes ao Archanjo S. Miguel, envolvidos por uma moldura de architectura manuelina n'elles tambem delineada.

Ao Snr. Prior Jorge Furtado da Ponte se deve a acquisição d'estes quadros de auctoria de Bemvindo Ceia. Feitos em 1911 só foram collocados na referida capella em agosto de 1912; subindo o seu custo que foi de oitocentos e sessenta e cinco mil reis fracos a novecentos e noventa mil quatrocentos e noventa reis com as despezas de fretes, embalagem e collocação.

A escolha que o illustre parocho fez d'esta forma decorativa para a sua egreja, preferindo-se á pintura mural ou ás decorações escaioladas, é digna de todo o elogio sendo para desejar que o bom exemplo fructifique, não só no que respeita a

novas ornamentações dos templos, como ainda, e muito especialmente, á conservação dos velhos modelos de ceramica d'esta especialidade, nem sempre apreciados e protegidos devidamente.

V

O nicho do jardim da Ordem Terceira de São Francisco de Ponta Delgada

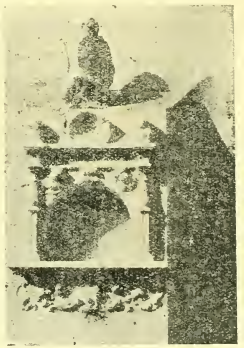
*

O nicho do jardim da Ordem Terceira de São Francisco é uma das raras producções architectonicas do seculo XVI aqui existentes e datada, e d'ahi o interesse particular que nos desperta e a razão do seu apparecimento n'esta serie de notas.

No muro do lado do norte do pequeno jardim que circumda a ermida da referida Ordem, junto á Igreja de São Francisco, deparamos com uma composição architectonica edicular muito apreciavel, não pela riqueza artistica sob o ponto de vista ornamental e menos ainda pela grandeza do porte, mas como genuino especimen da Renascença, d'essa arte nova de outr'ora que teve por iniciadores a memoravel pleiade de architectos e esculptores italianos, dos Brunelleschi, Ghibertis, Donatelos, Verrochios e outros e que se estendeu aos outros povos latinos, attingindo como se sabe o seu apogeu no seculo XVI, epocha da factura do nosso modesto nicho.

Esse exemplar de linhas equilibradas e harmonicas proporções apresenta um pequeno arco de volta perfeita ligado ao friso por uma misula dupla apparecendo os dois angulos lateraes mixtilinos preenchidos com dois medalhões semi-circulares: n'estes sobresahem com graciosidade vultos inclinados para o interior, o de um homem barbado á direita e de outro á esquerda, de endumentaria coeva.

O friso conserva gravada no meio a data da construcção, rematada lateralmente por arabescos muito apagados e é sustido por columnellos caracteristicos. Terminando o friso, uma concha cannelada e duas figuras a ladeal-a talvez antigamente aladas, o que não se pode affirmar pelas deformações impressas pela cal e pela destruição causada pelo tempo.



Nicho do Jardim da Ordem Terceira de S. Francisco de Ponta Delgada

O trecho porém mais attrahente d'este velho nicho está, a nosso vêr, na parte inferior formada por um escudete central em fita, sustido por dois gryphos ameaçadores que derivam n'uma composição floral em grotesco de bôa esculptura outrora, segundo parece.

No meio d'este escudete apparecem, como se pode vêr na reproducção que deixamos registada, trez caracteres para nós indecifraveis e no alto por sobre a concha uma imagem grosseira de São Francisco, com os signais da manufactura indigena, que um requintado mau gosto alli collocou, prejudicando a harmonia das linhas, a sobriedade, o equilibrio e a modestia d'esse pequeno trecho de architectura de discreta ornamentação, digno de ser subtrahido á acção nefasta das intemperies e defendido de algum inconsciente attentado, recolhendo-se no museu, depois de restabelecida integralmente a sua primitiva forma, avivados os seus ornatos, esclarecidos os seus caracteres, vincados os seus perfis e restauradas as suas figuras.

A concha com acanneladuras que tanto nos fazem lembrar as suas irmãs coe-

vas dos quadros do grande mestre de Vizeu, o friso, os bustos laterais, os columnellos, as figurinhas do alto, a misula, o grotesco inferior e o seu delineamento geral, seriam, só por si, indicações mais do que sufficientes para se marcar o meado do seculo XVI, como epocha approximada da sua factura, se a data de *1552* não estivesse alli gravada.

O material pela ligeira raspagem que apenas n'ele pudemos fazer, parece ser pedra de Lisbôa.

N'esse nicho teremos provavelmente uma manifesfação da auctoria do lavrante continental da epocha da construcção e da lavra das portadas da Matriz que para aqui tivesse vindo com os *Fernandes*, Affonso, Nicolau e André,—em nossa opinião não michaelense trazendo os ensinamentos da eschola de João de Castilho e communicando-os aos mestres de cá, reproduzindo as novas impressões colhidas nos notaveis lavores de João de Rudn, nas traças de David Hacket, Matheus Fernandes, André d'Arenas; Jaques Bruchean e de tantos outros architectos e lavrantes nacionaes e extrangeiros, normandos e biscainhos que no continente exerceram a sua actividade artistica.

Do proprio punho de mestre indigena poderá tambem ter saido aquella composição, trabalhando sob as indicações de algum dos biscainhos que por cá passaram n'esses já longiquos tempos, João de Lá Penha, Pero Maeda ou do italiano Thomaz Benedicto. (1)

Pondo de parte a determinação exacta da sua auctoria por falta de documentos d'ella comprovativos, chamaremos no emtanto mais uma vez a attenção para o estylo do renascimento em que foi concebida e modelada e para o valor que encerra, como legitimo e authentico especimen d'essa phase da historia das nossas artes que bem deixou revelada a pujança e o genio da raça portugueza, reflectindo toda a sua força e todo o seu poder quando foi quasi senhora do mundo.

O desprezado nicho merece pois toda a protecção e repetimos, no museu tenia o logar que de direito lhe compete.

— —

VI

A Banqueta e as duas Custodias do Muzeu da Matriz de Ponta Delgada

— —

Encontrando-se estes objectos no pequeno museu de alfaias e paramentos da Matriz de Ponta Delgada, indicada fica uma previa, embora breve, referencia a esta collecção.

Os estudos de critica e historia de arte nacional revelad bres de um brilhante passado e de uma nobilissima tradição mostram haver a arte acompanhado a vida do povo portuguez, refulgindo em todo o seu esplendor nos momentos de maior gloria, e decahindo n'aquelles em que ella se sentiu acossada pelos revezes da sorte ou pelos caprichos do infortunio, para depois, voltar a reviver em novas gerações, brotando pujantes manifestações de sentimento esthetico immorredoiro e eterno na alma portugueza. A tendencia artistica e o temperamento emotivo da raça nunca mudaram, surgindo em admiraveis manifestações sempre que uma vibração intensa agitou o amor patrio, sempre que a tranquillidade se restabeleceu nos espiritos, pela razão de no sangue dos obreiros, dos architectos e dos ourives da phase inicial da nossa historia, correrem as mesmas predisposicões que se foram perpetuando nos pintores e nos architectos dos seculos XIV, XV e XVI compondo em suas paletas e lavrando com seus buris as mais gloriosas paginas da arte portugueza.

Depois, apoz a dolorosa crise do seculo XVII em que elles apparentemente se haviam perdido, resuscitam de novo n'essa trilogia illustre de Vieira Luzitano,

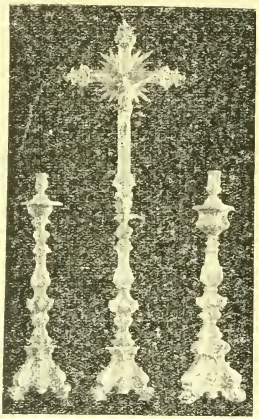
(1) Vid. Notas sobre Arte

Domingos Antonio de Sequeira e Vieira Portuense, continuando a animar a alma dos nossos contemporaneos cuja elite constitue um motivo de orgulho nacional.

N'esse preciosissimo thesouro accumulado por gerações de oito seculos e ennobrecido por familias de egregios artistas, n'esse padrão de colossal labor e de supremo genio, palpita a alma portugueza e vibra o sentimento da raça, na plena consciencia da sua força, no firme intuito da sua expansão e nas mais elevadas aspirações de gloria.

E encarando o nosso patrimonio artistico com um livro immenso onde eloquentemente perpassa pelos nossos olhos a sequencia do nosso destino historico, consequentemente se define todo o seu valor.

No emtanto só modernamente, pode bem dizer-se, começou elle a ser apreciado em toda a sua complexidade pela critica de arte, apoz longo periodo de incomprehensão, de mutilações e de abandono, sujeito aos mais vilipendiosos tratos, á mais abjecta destruição e á mais ignominiosa pilhagem, á mercê de toda a cohorte de traficantes e de colleccionadores sem escrupulos que impunemente se locupletaram com o que constituia uma riqueza collectiva inamovivel e inalienavel.



Banqueta do museu da Matriz de Ponta Delgada

Se perscrutarmos no passado, surge o quadro lamentavel de uma serie immensa de crimes de lesa Arte, só excepcionalmente interrompido por isolados protestos que em geral resultavam inuteis, clamando sem écho no chãos de uma turbulenta delapidação e de uma irreverente ignorancia.

Depois começaram então os criticos e historiadores d'arte a erigir o dique de defesa contra o selvagismo antigo e assim iniciando-se o levantamento bem alto do culto das tradições artisticas nacionaes, foi surgindo no espirito publico o respeito e o interesse por esse labor vivo ainda d'aquelles d'onde provimos, distanciando-se assim gradualmente o periodo de ignominia pelo apparecimento de praticas e de exemplos de abnegação.

A um d'esses nobres intuitos nos vamos referir em especial, por se achar relacionado com as obras de restauro da matriz de Ponta Delgada.

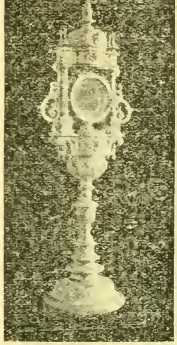
O veneravel Bispo Conde de Coimbra D. Manuel, ha alguns annos fallecido, foi um dos mais notaveis collaboradores da nova cruzada e por isso o seu nome ficou para sempre gravado na historia das artes nacionais.

Na sua orientação e no seu sentimento de apreço pela Arte Christã, na execução pratica dos dictames da sua consciencia, no seu fino temperamento de esthéta, no carinho e no amor dictados pelo seu espirito elevado e pelo seu coração de patriota, elle encontrou a força, o enthusiasmo e a energia necessarios, para dedicar uma protecção decidida ás desconhecidas e desprezadas reliquias artisticas espalhadas pelo seu bispado, desempenhando-se de uma missão nobilissima e patenteando um exemplo dos mais notaveis.

Sua Ex.ª n'um impulso de revolta contra o pouco apreço com que viu alguns parochos olharem para as manifestacões de arte antiga do mais subido valor, propoz-se atingir o duplo fim, de esclarecer e illustrar os seminaristas por forma a poderem cuidar devidamente das alfaias, dos paramentos dos retabulos, e das suas egrejas e ainda de salvar toda a riqueza artistica do bispado á mercê de abelhu-

dos traficantes, que illudindo os parochos ingenuos com fancarias brunidas e envernizadas, com cristofles vistosos e com modernas pratas polidas, iam trocando o mau e o banal pelo optimo e pelo valioso, colhendo assim em criminosa mystificação pingues remunerações.

Atravez inumeras difficuldades, arreliadores atritos e arduas luctas, animado porêm sempre por uma crença inflexivel na realisação do seu grande programma, conseguiu o illustre Bispo, attingir o seu fim nu'm trabalho assiduo que viu plenamente coroado ao ultimar a organização do tezouro e muzeu de Coimbra junto á Sé Nova, collecção que pela enorme riqueza que encerre e pela sua sabia apresentação, é a mais notavel do Paiz e ainda uma das mais ricas do mundo constando que só a de Colonia poderá talvez com ella rivalizar.



Custodia que consta ter pertencido ao Convento de Santo André de Ponta Delgada

No momento porém em que este museu se formava e em que o restauro do retabulo da Sé Velha d'aquella cidade se fazia, emprehendeu uma viagem ao Continente o fallecido prior da Matriz de Ponta Delgada, o Rv. Manuel Jacintho da Ponte, assistindo assim á grande obra do Bispo Conde com a qual se enthusiasmou a ponto de, segundo nos informou, logo resolver seguir na sua egreja identica orientação, continuando a impulsionar os restauros da talha antiga. Desta forma, reparando passados erros commettidos n'aquelle templo, não só adquiriu algumas telas antigas em Lisboa como se interessou pela continuação do restauro das suas talhas e depois ainda pela arrecadação e guarda em vitrines de velhos paramentos e pratas layradas, as quaes formam o pequeno museu da sacristia do lado sul, diligencia a que procedeu por indicação e conselho do Ex.mo Sr. Coronel Francisco Affonso de Chaves conhecedor do valor das casulas e das dalmaticas do seculo XIV alli existentes.

Eis as informações que conseguimos colher, sobre as determinantes dos restauros da Matriz e da organização do museu, no qual se encontram entre outras, as peças de que vamos tratar e onde deveriam reunir-se outras mais, dispersas e espalhadas pelos templos.

D'esta collecção fazem portanto parte uma banqueta de prata (cruz e castiçaes de dois typos) e duas custodias das quaes nos vamos occupar.

A banqueta não é, como já ouvimos dizer, trabalho de ourivesaria michaelense, mas sim obra de artista lisbonense do segundo quartel do seculo XIX.

Em 1826, como complemento dos importantes restauros e embellezamentos da egreja de St.º André de Ponta Delgada, foi ella encommendada para Lisboa custando a quantia de novecentos e cincoenta mil reis (1).

O artista que a fez chamava-se *José Lopes Teixeira.*

N'este momento revelaremos um outro nome, Mauricio José da Silveira, que por duzentos e quarenta mil reis fez as lampadas da referida egreja, levando tudo a crêr serem as mesmas que ainda hoje lá se encontram: este trabalho foi executado entre 1807 e 1809 (2).

---

(1)—Diversas facturas existentes no archivo da Repartição de Fazenda de Ponta Delgada pertencente ao antigo archivo do Convento.

2—Livro das contas geraes do syndicado do mosteiro de St.º André d'esta cidade sendo a primeira do syndico actual Rd.º Bd.º João José d'Andrade de 8 annos que tiveram principio em 1792 até junho de 1800 (Livro existente no Archivo da Repartição de Fazenda de Ponta Delgada).

Passando ás Custodias, diremos que a primeira pertencia tambem segundo a tradição ao mesmo convento.

E' uma peça composta de duas partes; o pedestal que forma um calix de grandes dimensões e o hostiario que n'elle se enrosca, tambem avantajado. A base grosseira nas suas linhas não corresponde, a nosso vêr, á concepção architectonica da parte superior, um portico sustido por quatro columnas compostas com seus remates lateraes em forma de botareos, reforçando a cupula que termina em Cruz. O pedestal é lavrado em cobre e depois dourado e o hostiario e sua ornamentação envolvente de prata dourada.

Os lavores da base do pedestal assim como os quatorze seraphins alados que se distribuem pela composição são no estylo barôco, e assim na falta absoluta de documentos que esclareçam a data da sua factura e auctoria, limitamo-nos a indicar como epocha approximada da sua construcção os fins do seculo XVII.

Sobre a custodia grande de throno podemos dar informações mais circumstanciadas. De uma encommenda feita pela St.ª Casa da Misericordia para Lisbôa em 1818 tinhamos desde ha muito noticia sem comtudo nos ter sido possivel até ha pouco edentificar essa importante peça, pela razão de haver ella sido assim como demais alfaias alienada, passando a outras igrejas, segundo nos consta por deliberação da mesa da St.ª Casa logo apoz a implantação do regimen constitucional.

Antiga Custodia da St.ª Casa de Ponta Delgada

A hypothese de ter ella desapparecido por a haverem mandado fundir transformando-a em outros objectos, processo muito usado em tempos antigos, não nos parecia na verdade muito admissivel, attendendo-se ao seu grande valor e a ser um trabalho relativamente moderno e por consequencia ainda no gosto das ultimas gerações.

A noticia que tinhamos da custodia era a seguinte (1)

.....uma custodia de (tantos) palmos de altura de prata dourada de azougue bem feita e de bom gosto com a sua cercadura na circumferencia do vidro a qual deve ser de bôas pedras taes como crhisolitos, topazios, amethystas, aguas marinhas ou esmeraldas, conforme o gosto do ourives que a fizer e será a mesma custodia de um talho somente apropriado para o throno, não portatil e proprio para procissões porque na St.ª Casa as não ha do Senhor Sacramento; não seja muito pezada porque ainda que n'isto tenha o ourives interesse não duvide V.ª Mcê. em lhe dar mais alguma couza pelo feitio para que elle lhe não metta grossura demasiada.

Só dois annos depois em 24 de Maio de 1820 apparece a declaração da entrega da Custodia que satisfez plenamente á mesa da St.ª Casa, o que se reconhece pela nota que a seguir transcrevemos.

—"Recebi igualmente a custodia a qual tem merecido unanime applauso, não só da meza d'esta St.ª Casa como de todos os cidadãos d'esta cidade que á porfia a tem vindo vêr, sendo até perseguido pelas senhoras de casas particulares e religiosas dos Conventos para a verem e todos gostaram muito da delicadeza do seu feitio, o que certamente se deve á bôa escolha do official que V.ª Mercê fez».

O interesse despertado por estas informações no sentido de descobrirmos a custodia augmentou mais ainda ao vermos ter ella custado um conto novecentos e cincoenta e cinco mil duzentos e quarenta reis.

(1)—Livro do Pegisto das Correspondencias da St.ª Casa de Ponta Delgada com os procuradores de Lisbôa que vae de 1797 a 1839 a pagg. 41 verso. Existente no archivo da St.ª Casa de P. Delgada.

Percorremos diversas egrejas da ilha e nunca encontramos peça alguma que se approximasse das indicações colhidas até que examinando attentamente as alfaias da Matriz deparámos com a Custodia de grandes dimensões e accusando todos os signaes de ser a da St.ª Casa, identificando-a depois completamente ao descobrirmos no interior da porta do sacrario gravada a seguinte inscripção.

Misericordia da Cidade de Ponta Delgada 1820

Esta peça mede cinco palmos de alto, é trabalhada em prata dourada e revela não só harmonia geral no traçado e bôas proporções entre os diversos corpos que a constituem, como ainda a bôa aptidão do cinzelador cujo nome desconhecemos, nos lavores ligeiros, mas bem executados que a cobrem e muito especialmente nas seis cabeças de cherubins n'ella esculpidas.

A base formada por trez planos, sob forma triangular apresenta ao meio de cada um d'elles emblemas—Agnus Dei, Triangulo e o Cirio paschal—rematados todos por cabeças aladas de cherubins, atarrachadas ao pedestal. O nó com o formato de uma urna tem outros trez medalhões compostos de folhagens servindo de supporte a rosetas de onze folhas. A haste é simples e traçada com elegancia, pousando por fim o hostiario em outras seis cabeças, não já adaptadas como as da base, mas esculpidas na propria moldura, onde se vêm espigas de trigo symbolizando o Pão Sagrado entremeadas com as parras e com os cachos representativos do Vinho da Communhão.

As referidas cabeças são a nosso ver o ponto mais interessante de toda a composição. Esta cercadura termina em uma cruz cujos braços se unem em uma esmeralda d'um centimetro quadrado: em volta d'ella pelo lado de fóra segue-se o resplendor e pelo de dentro a faixa de pedras que circumda o relicario.

Primeiramente apparece uma linha de sessenta e oito pedras brancas envolvendo outras de doze pedras identicas, mais gradas; entremeadas com chryzolitos e junta á urna outra linha de esmeraldas de egual tamanho ao das pedras da linha exterior.

Segundo consta todas as pedras são falsas.

N'esta Custodia fica pois revelado um bom exemplar da ourivesaria portugueza do primeiro quartel do seculo XIX.

(*Continua*)

Luis Bernardo L. d'Athaide

3.ª Parte

Os "Tanks" municipaes varrendo os detritos

Chronica da Locomoção Transatlantica

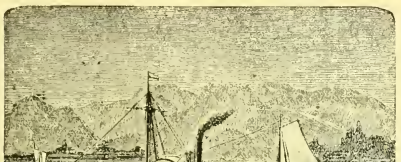
OS VAPORES—A AVIAÇÃO

Os Vapores

Há precisamente um seculo, em 1819, partiu do porto de Savonnah dos Estados Unidos da America do Norte o primeiro navio com machina auxiliar a vapor para a travessia do Atlantico, e esse navio que tambem se chamava Savonnah entrava no porto do Canal de S. Jorge profusamente já adaptado á navegação de vela nas margens do rio Mersey, no porto de Liverpool, vinte e cinco dias depois.

Eram apenas decorridos 4 annos que morrera Fulton, o auctor do processo de locomoção; e o memoravel facto echoava por todas as civilisações cultas pois que elle resolvera dois problemas capitaes d'actividade e de economia offerecendo segurança e certeza nas viagens e reduzia-lhes a duração do percurso.

D'essa propria cidade ingleza aonde acabava de chegar o Savonnah gastava-se a Londres 60 horas (340 kilometros) e a perspectiva de attingir as costas do Novo Mundo em 25 dias infundia uma sensação estranha de novidade e de esperança.



O primeiro barco a vapor

Hoje não é em 25 dias que se vae das costas da Inglaterra á America mas em cinco, as locomotivas possantes dos expressos inglezes levam comboios de passageiros de Liverpool a Londres em menos de 5 horas e o percurso em aeroplano é inferior a 2 horas e meia.

A mesma viagem que no meiado do seculo passado se fazia tão irregularmente em 30 a 50 e mais dias entre S. Miguel e Nova York e entre Lisbôa e Ponta Delgada entre 7 e 12 dias, hoje, faz-se em uma semana, e setenta horas regularmente. Os navios que então navegavam não deslocavam mais do que 200 tonneladas cada um e os que habitualmente carregavam laranja na bahia de Ponta Delgada e os que davam entrada para o porto de S. Francisco não excediam a centena e teriam em media 83 tonneladas.

Um dos administradores publicos d'então que não só geria os varios negocios de Administração publica desde os das Regedorias das Freguezias, aos do Conselho de Districto o Senhor José Caetano Dias do Canto nos debates em prol da construcção d'um quebra-mar d'abrigo,dizia que se o porto offerecesse a garantia necessaria contra a tempestade e os serviços d'abastecimentos condignos aos transatlanticos que cruzavam agóra pelo alto mar de 1800 toneladas d'arqueação entre a Inglaterra e a America tocariam aqui em Ponta Delgada, a tonnelagem annual estacionada no porto durante o anno de 1845 não seria só de 15.093 tonneladas como fôra mas sim de 50.000 tonneladas.

E o que seria dentro em breve a navegação transatlantica?

Se desde 1819 a 1837, durante 20 annos não tivera havido mais navegação a vapor entre o Novo Mundo e a Europa, a não ser o Royal William do Canadá em 1833, agora estavam regularmente estabelecidas as communicações depois das tentativas das trez grandes companhias de Navegação ingleza British and American

Steam Navigation Company (de Londres), The Atlantic Steamship Company of Liverpool, e a Great Western Steamship Company of Bristol que durante annos disputaram-se a primazia exgotando-se em frente da nova organisação estabelecida com o subsidio do Governo em troca de serviços, á testa da qual se achava o Snr. Samuel Cunard; a outra Companhia cujos vapores atravessavam o Atlantico entre a Inglaterra e as suas possessões das Antilhas, desde 43, era a da Mala Real— Royal Mail Steam Packet Company.

Uma Commissão d'Inquerito Parlamentar ás Repartições da Marinha no seu relatorio propusera n'um programma de construcção naval que fosse dotada a Marinha Real Portugueza com dez corvetas e dez fragatas a vapor sendo seis de baterias cobertas; e este programma que tinha por fim collocar a marinha de guerra no pé de superioridade em que ella devia de estar sobre as marinhas mercantes para garantia do Estado foi um verdadeiro facho que illuminou todo o problema de transportes em Portugal.

Desde que com as construcções das caldeiras se estava a obter vapor e desde que elle fôra applicado á locomoção, o problema da velocidade integrou-se immediatamente com o problema economico. Ir depressa era transportar mais carga e auferir mais lucros e pela sequencia dos factos e natural consequencia d'elles abrir ao industrial e ao commerciante amplas fontes em harmonia com o raio d'acção de venda da mercadoria augmentada com a facilidade da sua expansão e compra; e por isso a humanidade poz-se a trabalhar activamente n'uma fonte de vida nova imposta pelo maravilhoso invento do vapor e pelos serviços que elle prestava na locomoção.

Robert Fulton

Em 1846 o irmão de Costa Cabral, José Bernardo da Silva, no ministerio do Reino recebeu do Deputado Luiz Vicente d'Affonseca uma proposta para levar a effeito um contracto para conceder a uma Empreza o exclusivo da navegação a vapor, mas o ministerio dissolvia se sem que tivesse sido fixada a abertura da praça nem estatuido deposito aos contractadores, e o Ministerio Palmella que se succedeu abandonou todas as negociações entaboladas anteriormente.

Em 1848 logo no principio do anno o deputado Affonseca apresentou um projecto de lei nos seguintes termos:

E' o governo auctorisado a conceder á Companhia representada por Luiz Vicente d'Affonseca e José Maria da Silva o exclusivo da navegação por barcos movido pelo vapor entre os portos de Lisbôa, Algarve, Madeira, Canarias, S. Miguel, Fayal e Terceira: este exclusivo será concedido por um numero d'annos que não exceda a 20 e bem assim a isempção de direitos na importação dos barcos para o serviço da Companhia.

§ unico—O sobredito exclusivo não comprehenderá as embarcações nacionaes de guerra movidas por vapor.

O Affonseca que dizia precisar de 600 contos de reis para pôr o projecto em execução ia buscar os capitaes á Inglaterra, segundo constava no Parlamento. Este discutindo largamente a questão da navegação nunca se pronunciou definitivamente e ella morreu por algum tempo até que o Ministro do Reino de 1855 assig

nou o decreto de 17 de julho pelo qual o Governo, abrindo um credito de 300 contos para subsidiar uma companhia de navegação, estabelecia as bases em que deveria rodar uma Empreza de vapores com carreira para as ilhas dos Açores.

Um folheto circulou em Lisbôa e nas Ilhas impresso na typographia do Jornal do Commercio trazendo as condições do Contracto estabelecido pelo governo e os Estatutos d'uma companhia do Capital de 300 contos reunidos em acções de 100 mil reis cada uma com o nome de Companhia Açoreana de Navegação a vapor.

Um commercio de seguramente de cerca de mil contos de valor estava a chamar navios de transportes rapidos e maiores de que os de vela existentes.

Em 1852 estava a funccionar a Companhia Lusitania formada no Porto e dirigida pelos Snrs. Eduardo Moser, Isidoro Marques Rodrigues, Visconde de Castro Silva, Gonsalo de Barros, R. G. Wood-house e Antonio Julio d'Abreu Guimarães, com o programma de estabelecer em toda a costa de Portugal, do Guadiana ao Minho, a navegação a vapor para todos os portos.

O Porto de Nova York na 1.ª metade do seculo XIX

O primeiro vapor estava a construir-se e teria por nome o Duque do Porto, quando os Snrs. Moser e Marques Rodrigues apresentaram em Setembro de 1852 um projecto á Assemblea Geral que se tornou publico pela Imprensa periodica em que era proposta a emissão de 3 mil acções ficando mil á disposição da Assembléa. No Brazil, tendo sido lançada a noticia d'esse projecto em reclame, os agentes collocaram 500 acções n'um curto espaço de tempo e apenas 300 tinham formado o numero destinado para lá. N'esse relatorio era preconisada a compra de 3 novos vapores de 600 a 1000 toneladas e o numero de viagens annuaes em 10, porém as quarentenas demoradas e outros contra-tempos obrigaram a reduzir as viagens ao numero de 8, para principiar, com dois barcos apenas, fazendo escala pela Madeira e Cabo Verde.

Os calculos economicos estavam calculados pela navegação de vela da seguinte maneira:

Viagens d'ida e volta

RECEITA:—

Tonneladas de carga.....	10 contos de reis	
Malas do Correio.....	4 » »	(a)

DINHEIROS E ENCOMMENDAS

Passageiros em viagens d'ida e volta	1.ª 50	4.000$000 reis
	2.ª 80	4.800$000 »
	3.ª 150	3.600$000 »

PASSAGEIROS DOS PORTOS

INTERMEDIOS.....	5.000$000 reis

(a)—As malas ás vezes dos navios de vela subiam a 1.500$000 reis.

DESPESAS:—

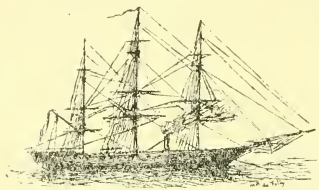
Usura dos barcos	(8 % de valor)	12.000$000 reis (no anno)
Seguros	(6 % de valor)	10,800$000 reis (no anno)

Viveres e alimentação

Passageiros (60 dias d'ida e volta) 144.000 reis (Viagens de ida 1000 reis de 1.ª, 800 reis de 2.ª e 200 de 3.ª. (a) e volta)

O lucro que a direcção calculava era o de 40 por cento annual do capital desembolsado.

O capital desembolsado seria agora d400 contos em 4 mil acções e as despesas estavam calculadas em cerca de 300 contos (65.000 libras) pelos 3 vapores de mil tonneladas com velocidade de 10 milhas á hora ficando 100 contos ainda que poderiam ser empregados para a compra de dois outros vapores mais pequenos que fizessem a carreira entre Lisbôa e Porto.



Typo do vapor de 1860 da obra «Le Navire» do Marquis de Felin

Só a praça de Lisbôa áquella data tinha um navio para o serviço entre o Porto e a Capital que era o Vesuvio.

Em 1855 na praça de Ponta Delgada estavam registados 20 navios pertencentes a armadores michaelenses:

Brigues	Hiates	Escunas	Patachos
Esperança	Bôa fé	Clio	Liberdade
Oliveira	Prospero	Silveira	Lima
	St. Christo	Aguia	Alfredo
	Trez amigos	Alegria	
		Michaelense	
		Triumpho de Inveja	
		Porfia	
		Pilar	
		Rainha dos Açôres	
		Promptidão	

A grande exportação eram fructas para a Inglaterra, milho para a Irlanda e cereaes para os portos de Portugal.

Havia quem pensasse maduramente no problema da navegação rapida ligada sobretudo, havia uma duzia d'annos, com as construcções de grande arqueação, á questão do porto d'abrigo.

Em 25 de Janeiro de 1856 o Governo Portuguez celebra com a firma Law Brothers em Londres um contracto para a exploração da carreira de vapores entre as costas d'Africa e as Ilhas Adjacentes que não tem seguimento e logo em 18 de Abril do mesmo anno outro com Theophilo Bornex Phillipon, cujas concessões são annuladas e cedidas a uma Companhia que se formára com a designação de Companhia Real Portugueza com estatutos approvados em 26 de junho de 1856 mas que não chegava a constituir-se em Empreza exploradora, até que no Cartorio de Antonio d'Abranches Coelho é no anno seguinte celebrado o contracto entre o governo e a Direcção da Companhia União Mercantil sendo signatário da escriptura por parte do Governo o Director Geral do Commercio e Industria, Par do Reino e Conselheiro d'Estado Joaquim Larcher e pela Companhia o Senhor

(a)—A tripulação era alimentada com este orçamento.

Duarte Medlicot, Fortunato Chamiço Jnr., Francisco Antonio Flores, Joaquim Henriques, Fradesso da Silveira, Candido de Freitas Abreu, W. S. Lindsay e Pinto Peres.

O Decreto que deu a concessão foi assignado pelo Visconde de Sá da Bandeira, Antonio José d'Avila e Carlos Bento da Silva em 16 de julho de 1857 e era redigido nos termos seguintes:

O exclusivo da carreira regular a vapor para Ponta Delgada, Angra e Horta e Portos d'Africa era dado por 12 annos;

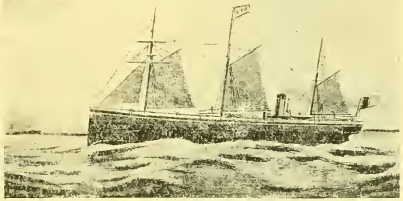
A Companhia recebia pelo cofre do Thesouro em Ponta Delgada a prestação mensal de 950 mil reis fortes como subsidio:

Uma viagem mensal de ida e volta pelo menos era obrigatoria; a primeira viagem teria lugar em junho de 1858 e os navios teriam a arqueação de 500 toneladas para cima.

A Companhia nos trez mezes de verão de 1857 inaugurou as viagens d'experiencia sendo o seu primeiro vapor o "Duque do Porto" que chegou no dia 23 a Ponta Delgada pelas 12 horas do dia sob o commando do Capitão Damião Antonio Pereira Pinto: tinha a consignação dos vapores Christiano Hintze cujo escriptorio e agencia estava situada na rua do Garcia (Hintze Ribeiro n.º 19).

Tratava-se d'uma era nova.

A Companhia de Pescarias Lisbonense que possuia uma frota de barcos pequenos entre 100 e 200 toneladas annunciava já no mez de junho a venda no Correio Michaelense do dia 6 dos seguintes navios:



O primeiro vapor da Empreza Insulana de Navegação comprado á Empreza Luzitana

Brigues—Vestal		127	tonneladas
	Peseador	148	»
	Experiencia	220	»
Patachos—Albacora		136	»
	Perola	118	»
	Tartaruga	118	»
	Lontra	130	»
	Garoupa	117	»
	Moreia	131	»
	Abrotea	134	»
	Salema	118	»

A propria exploração de pesca parecia vacillar em frente da mais rapida e segura forma de locomoção. As sociedades corretoras de fructas estudavam um estabelecimento d'uma carreira de vapores para Inglaterra: eram 250 mil caixas de laranjas a exportar o que dava 30 mil tonneladas de carga fóra o commercio de importação e as exportações de varias naturezas que productores agricolas e commerciantes continuamente ensaiavam.

O outomno de 1857 e o inverno e primavera de 1858 passou-se novamente sem a navegação regular e segura de vapor, estando a Imprensa a tocar a rebate quando no orçamento d'Estado appareceu uma verba de 120 contos para subsidiar

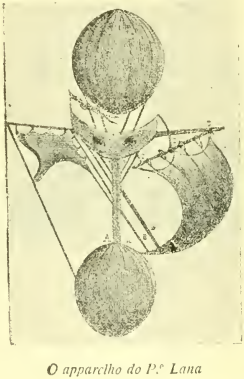
a navegação a vapor e os deputados annunciaram o restabelecimento da Carreira para julho e de facto a 4 do mez chega o vapor D. Estephania.

O Director da Companhia Manoel José Ribeiro entrou em negociações com o Governador Civil Felix Borges de Medeiros para saber se o governo estaria disposto a construir uma casa para alojamento de passageiros, a collocar um pharol no Cintrão com o poder forte illuminante e a estabelecer o telegrapho no porto de St.ª Iria, porque a carreira da União Mercantil tocaria lá.

O porto já fora aberto com esses planos e a Commissão d'Obras Publicas creada na Junta Geral de 1854 dizia no seu relatorio que se deviam ultimar as obras do Porto de St.ª Iria para n'elle se abrigarem os vapores da projectada carreira de que se falava entre as Ilhas e Lisbôa.

O porto estava accessivel com a estrada da Ribeirinha aberta para lá e os caes d'embarque construidos e estes melhoramentos pedidos vinham completar as obras.

Foi o Senhor Thomaz Aquino encarregado d'estes trabalhos no anno seguinte de 1860 pelo Governador Civil em harmonia com as instrucções recebidas do Ministro do Reino Serpa Pimentel, mas mal tinham começado, foram suspensos.



O apparelho do P.e Lana

As obras da doca de Ponta Delgada iam começar no anno seguinte sob os planos do Engenheiro inglez Renhie e essas é que absorveriam a navegação de grande tonnelagem e de passageiros. No porto de St.ª Iria carregava a Companhia da fructa da Ribeira Grande a laranja de todo o nordeste da Ilha e os Ribeira-Grandenses consolaram-se vendo progredir o commercio d'essa fructa já que não acolhiam na sua bahia do Cintrão os vapores da Companhia União Mercantil.

As eleições de deputados tinham-se realisado no mez anterior ao da chegada do Estephania; e o deputado reeleito Visconde de Porto Carreiro que tinha nos eleitores de Ponta Delgada uma verdadeira estima depondo n'elle a grande esperança de fazer valer o vasto programma administrativo caracterisado pela construcção de Portos que estava patente nas Camaras desde a legislatura passada, aproveita o ensejo da viagem para manifestar o seu reconhecimento aos ponta-delgadenses dirigindo uma carta que foi publicada no «Correio Michaelense» de 6 de Julho a qual continha estes dizeres:

Snrs. Eleitores do Circulo de Ponta Delgada

Aproveito a occasião da sahida do primeiro barco de vapor, que vae começar a carreira regular de navegação entre essas Ilhas e o Continente para vos significar o meu reconhecimento pela prova de confiança, que em mim depositastes, tornando a eleger-me para vosso representante no Parlamento. Por arduo que seja o encargo, que me impõe a vossa escolha, farei quanto em mim couber por corresponder á vossa esperança, que se fôr illudida, não devereis atribuir jámais a falta de desejos sinceros de advogar os vossos interesses, mas aos limitados recursos da pessôa que escolhestes, quando tinheis tantos patricios vossos, que melhor mereciam os vossos suffragios.

Acceitai, Senhores, os protestos de consideração, e estima, que vos consagra

O vosso representante

Lisbôa 29 de Junho de 1858 *Visconde de Porto Carrero*

De facto as maravilhas do vapor prendiam-se diariamente cada vez mais ás preoccupações dos commerciantes exportadores de fructa e o Senhor José do Canto, que viajava em 1859 pela Inglaterra estudava o assumpto no meio dos Constructores navaes, dirigindo-se ás grandes agencias de navios.

Reproduzo um documento demonstrativo d'essas preoccupações:

"A respeito dos Vapôres vou procurar os papeis que possuo a tal respeito, e extrahirei d'elles o mais importante; mas antes de entrar n'essas meudezas, quero repetir-te a minha opinião sobre semelhante assumpto. Para mim nunca foi duvidóso um só momento, que um vapor subsidiado, bem longe de dar perda daria grossos lucros; e a experiencia o tem mostrado, não obstante a adversidade das estações, e a escassez dos cereaes para exportação, que era uma das bases do meu calculo. Se um vapor não subsidiado dará interesses na mesma linha, é menos evidente, mas eu ainda me inclino á affirmativa.

Se porém um vapor não subsidiado poderá lucrosamente competir com um vapor subsidiado e já estabelecido, é o que me parece uma empreza muito arriscada; porque a actual Companhia abaterá os preços dos fretes, e offerecerá todas as vantagens, mesmo com prejuizo seu, somente para derrotar e pôr fóra do combate a linha de vapores rivaes.

Parece-me pois que a ideia de uma nova empreza somente se poderá realisar com utilidade, no caso em que seja cassado o subsidio á actual Companhia.

N'este caso, quer a empreza seja novamente posta a concurso com subsidio, quer a linha seja deixada livremente aos interessados sem ajuda alguma, em qualquer d'estes casos é do nosso maximo interesse não permittir que haja interrupção nas vantagens de uma communicação regular com a Europa, e tenho a firme convicção de que amplos lucros hão de reverter aos emprezarios. N'esta espectativa parece-me conveniente que haja uma mutua intelligencia entre todos os que tomam a peito os interesses açoreanos e que estejam accordadas as bases da empreza afim de não sermos tomados de surpreza, como já nos tem succedido.

O balão dos Irmãos Montgolfiers a ar quente

Se o Governo não se decidir a suspender o subsidio á actual companhia, ainda que me pareça não podermos combatel-a utilmente pela competencia, devemos empregar toda a nossa influencia junto do Governo afim de que sejam removidos, e inteiramente removidos todos os abusos da actual Companhia.

Dando como certo, que de um modo ou de outro, se cria uma nova linha, dividem-se as opiniões sobre a conveniencia de fretar, ou comprar os barcos para o serviço da linha. Sendo uma companhia definitiva e que tenha as condições necessarias de duração, cuido que não pode admittir duvida a vantagem de comprar. O Commercio dentro dos portos de Portugal, não se pode fazer senão sob bandeira portugueza, e o embandeiramento é uma operação assaz dispendiosa: é difficil encontrar um barco com todas as condições e commodidades que se requerem para a particular navegação das Ilhas; a companhia, fretando, deixa de

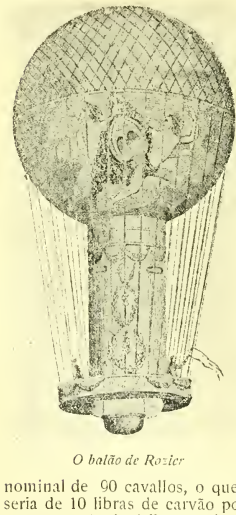
ganhar, o que o proprietario do vapor lucra no afretamento. Não havendo facilidade de levantar todos os fundos, ainda se poderia effectuar a compra por meio de uma operação de credito, em que o desembolso seja insignificante; mas todas estas operações acabam por ser onerosas, e cerceiam os interesses da empreza.

Por uma carta da Scholtz que te remetto, verás que ha alguem que não teria duvida de fazer embandeirar portuguez para essa carreira um vapor de 500 toneladas. Resta saber as condições, e que casta de barco seria.

Se porém se entender que conviria combater por meio da competencia a velha companhia, durante alguns mezes, ou anno, então de certo que o fretamento seria preferivel.

Sabes que desejo sempre concorrer para as emprezas que considero uteis na medida das minhas forças, e se se erigir uma companhia seria prestarei o meu pequeno contingente, mas não te posso dizer nada positivo a semelhante respeito, emquanto não forem definidas as bases da empreza.

Em outubro de 1857 preguntei a varios constructores de vapores o preço e condições de um vapor com a seguinte capacidade e accommodações. Um vapor de ferro de helice de 400 toneladas de registro e meio tombadilho, construido de tal modo que pudesse ser classificado no Lloyd "A." por 12 annos, com capacidade para 900 quarters (1) de cereaes ensacados, alem do combustivel para 12 dias, e do espaço necessario para 60 passageiros de 1.ª e 2.ª camara e suas respectivas bagagens, e com a marcha regular de 9 milhas por hora com tempo regular, recommendando-se a maior economia de combustivel, ainda que para esse fim o primeiro custo da machina seja maior.



O balão de Rozier

Mrs.—Scott Sinclair e C.ª de Glasgow responderam que o custo seria approximadamente de L.ˢ 11.500. O consumo de carvão 8 tonneladas por dia, em plena velocidade:

Mrs.—Napier e Sons de Glasgow, que um tal barco prompto de todo o necessario para seguir viagem, menos camas, serviço de prata, serviço de cosinha, vidros e instrumentos nauticos, custaria 7860 L, e a machina á razão de 40 pela força de cada cavallo, mas accrescentava que se podia ter a velocidade requerida com muito menos do que a força de 90 cavallos e que sendo o consumo diario para uma machina d'esta força de 10 tonneladas por dia, o vapor devia gastar menos das ditas 10 tonneladas.

Mrs.—Thomas Wingate e C.ª de Glasgow offerecia-se a construil-o pela somma redonda de 9760 L.ˢ prompto de tudo, mas se se insistisse, na força nominal de 90 cavallos, o que era desnecessario, então 10.960 Ls. O consumo seria de 10 libras de carvão por cada hora e pela força nominal de cada cavallo, mas somente de 4 lb.ˢ por hora pela força effectiva de cada cavallo:

Scott Russell ainda deu uma mais favoravel resposta, mas não a encontro agora.

O progresso porém das artes em Inglaterra é tal que n'este espaço de 2 annos se deve ter alcançado uma maior velocidade com menos consumo de carvão, e o preço da construcção talvez tenha tambem diminuido.

(1)—O quarter é egual a 290 litros e 8 decilitros.

Se porém quizessem comprar um vapor em segunda mão, o que eu nunca aconselharei, ainda o seu custo seria inferior.

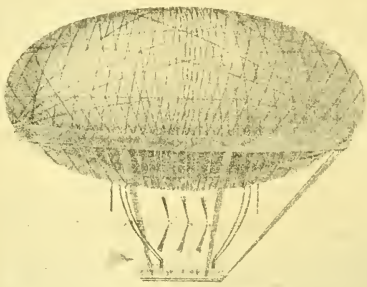
Quanto ao preço dos fretes perguntei-o para a Inglaterra mas não m'o especificaram dizendo-me apenas que havia um extraordinario numero disponivel.

Em 1857 o frete variava de 25 shillings a 27/6 por tonnelada, por mez, com as seguintes condições. O fretamento de não menos de 3 mezes, podendo o fretador estender o prazo segundo sua conveniencia. O fretador fornecer o carvão e pagar todas as despezas dos Portos.

Se o enthusiasmo a este respeito não ficar esfriado, e se se tornarem necessarios alguns esclarecimentos com prazer t'os fornecerei.....»

.....

Ainda assim a exportação das fructas augmentou no decorrer dos annos apezar dos variados insectos que lhes atrophiavam o crescimento e desenvolvimento: os duzentos e cincuenta mil malotes d'exportação de 1850 e tantos passaram para 260 mil e vapores carregaram laranja ás Companhias de fructas para o mercado de Londres.



O balão dirigivel Meusnier

A Companhia União Mercantil estava então muito desleixada na carreira entre as Ilhas e Lisbôa sendo combatida pela Imprensa, pelos passageiros a bordo, e pelos commerciantes que importavam mercadorias ou exportavam cargas para o grande numero d'estes a fazer os carregamentos por vapores de vela.

A propria carreira estava sendo irregular chegando o Açoreano de junho de 1859 com 7 dias d'atrazo e logo a seguir o D. Estephania que devia chegar no dia 15 chegava a 22 e a Flôr d'Angra levava 4 dias e 18 horas na viagem de Lisbôa a S. Miguel. Como as mesmas irregularidades se davam na carreira da mesma Companhia para o Algarve o Governo tinha-lhe supprimido o subsidio por portaria de 27 de junho de 1859 a partir do 1.º de julho seguinte. C. Jacob Hintze annunciava acções á venda no Escriptorio da Empreza mas em breve a Companhia deixava a acção á Companhia Luzitania cuja Empreza estabeleceu mais tarde as carreiras para a Africa, Açores e Algarve mantendo a navegação entre o Continente e as Ilhas com os vapores Oceano, Neptuno, Atlantico, Açor e Insulano até fins de Dezembro de 1874 cedendo então a partir do 1.º de Janeiro de 1875 essa exploração sob a designação de Empreza Insulana de Navegação á Companhia Beirsaude e associados a qual pelo contracto de Agosto de 1874 com o Governo, receberia o subsidio de 40 contos e 500 mil reis annuaes mantendo a carreira com vapores da Empreza anterior e ligando a Madeira aos Açores; prospera iniciativa que com crescentes resultados até hoje conservou os serviços do commercio e de transporte de passageiros entre Lisbôa e Açôres.

Houve então revoluções na vida economica da Ilha com a navegação e uso do Porto de St.ª Iria para o Cintrão á Ribeira Grande aonde pequenos palhabotes carregavam a fructa do norte, e com a edificação do molhe d'abrigo em frente á bahia de Ponta Delgada que ia sob o plano de Sir. John Renhie, podendo resguar-

dar dos rigores do tempo os navios e os vapores da exportação á maneira que surgia da linha d'agua com a collocação da pedra.

Em 1862 quando se começou a construir a doca o numero de navios era de 451, o de vapores de 30, o que representava cerca de 64 mil tonneladas d'arqueação: em 1914 com a doca em plena actividade o numero de navios era de 79 e o de vapores de 289 sendo a tonnelagem de cerca de 1.470.000 tonneladas.

Vejamos o desenvolvimento commercial n'essa epocha e presentemente:

	Importações	Exportações	Valor
(x) Em 1863	400 contos	7.600 moios de milho 5.500 » de favas	164 contos 110 contos
			274 contos

	Importações	Exportações	Valor
Em 1914	De Portugal 922 contos Extrangeiro 673 contos Total 1595 contos	3.500 moios de milho 7.700 moios de favas 80 ton. de chá 1.500 » de polpa de beterraba 430.000 litros d'alcool 1.500.000 ananazes 3.110 ton. de assucar	120 contos 385 » 267 » 37 » 300 » 1.500 » 1.191.000 » 3.800.600

E' flagrante o progresso! e ainda que a exportação do milho fosse sensivelmente mais importante temos a multiplicidade d'industrias, a accusar a riqueza publica mais distribuida; o que se constata tambem com algumas importações que foram substituidas, com o consumo da materia produzida na Ilha, por outras novas, como aconteceu com a madeira que n'essa epocha era na maioria importada da Figueira da Foz, sobretudo o pinho de Leiria, e que depois com o corte das mattas da terra foi muito diminuida e quasi abandonada de todo.

A cidade em 1857 antes da carreira da navegação a vapor era uma cidade bem mais modesta do que a Cidade actual com a sua vasta doca abrigando esquadras inteiras de cruzadores, couraçados, e dreadnaughts, vendo-se o Aterro espaçoso e commodo ao lado do vasto mercado de peixe imponente edificado sobre o mar. Em 57 St.ª Clara terminava á egreja e era um pobre bairro desclassificado, Sant'Anna e S. Joaquim eram terras de cultura e matto com algumas arvores aqui e alem perdidas pelos serrados divididos por muros; as fajãs muito reduzidas em extensão estavam como as freguezias d'hoje, os numerosos

O apparelho de Giffard com machina a vapor

(x)—Valor das mercadorias importadas pela estatistica da Alfandega.

chalets e quintas com estufas d'ananazes e outras regalias que se estendem até St.ª Roza de Viterbo, St.ª Rita, Loreto e Prestes não tendo ainda sahido das sombras do nada.

A Aviação

Agora passado um seculo sobre o grande acontecimento da travessia do Atlantico eis que a Imprensa de todo o mundo concentra a sua attenção para alguns heroes que nas costas do Novo Mundo e na Europa pensam em fazer a travessia do ceu Atlantico em aviões concorrendo a um premio de 100 mil libras offerecido pelo jornal Londrino de grande circulação «Daily Mail» e em marcar nos fastos do mundo e na historia da locomoção uma data memoravel. O que espera esta terra d'estes acontecimentos estupendos? Certo um progresso correspondente ao que se succedeu ao periodo do vapor desde que uma carreira foi estabelecida entre o Continente e as Ilhas.

O Dirigivel Santos Dumond

Situados entre a Europa e a America e no caminho da Asia e tendo sido já no periodo da colonisação da Africa e da America, depois da epocha da descoberta, um centro d'abastecimentos das frotas, os Açores, com o estabelecimento das carreiras aerias do Atlantico vão affirmar novamente as velhas tradições da sua privilegiada situação geographica. Uma carreira d'aviação Lisbôa Nova York não será uma empreza de tardia instituição com as relações que a guerra veiu proporcionar entre portuguezes e americanos e que um progresso d'interesses economicos tornarão mais estreitos para o futuro. Essa carreira seria mesmo uma maneira de os tornar mais depressa realisaveis, e não deverão ser os americanos que a devam estabelecer mas sim nós cujas disposições commerciaes se conjugam melhor com a expansão industrial dos nossos amigos do Novo Mundo. Mas ha uma ra-

AS BACIAS DO ATLANTICO E AS CARREIRAS DE AVIAÇÃO

(*) Lourenço Marques via Rhodezia.

zão que acima de qualquer outra razão impõe a carreira Lisbóa Açôres America, é que das costas de Portugal aos Açores o vôo atravez o Atlantico central e sul é o mais curto como tambem é mais curto o vôo Açores Nova York.

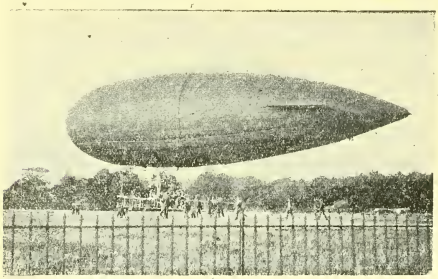
O mappa annexo mostra a situação das Ilhas em relação á posição dos trez continentes Europa America Africa; e as distancias que vou citar confirmarão a observação que o leitor fizer depois do golpe de vista :

Lisbóa	1.300 kilm.		Açores		2.000	Terra Nova	
Irlanda			3.000			Terra Nova	
Escossia	700 kilm.		Islandia	750	Groelandia 850	Lavrador	
Plymouth	2450	Açores	2600			Barbados	

Guiné 800 Cabo Verde (S. Thiago) 1820 S. Paulo 650 F.^{do} Noronha 390 Touros Rio Grande do Norte Lisboa 850 Madeira 400 Canarias 1900 S. Thiago (C.º Verde) 1820 S. Paulo 650 F.º de N.ª 390 Touros

Tanto para a America do Norte como para a America do Sul os vôos são directos atravez o mar por terra portugueza, o que prova que a vantagem é bem nossa e que devemo-nos aproveitar d'estas circumstancias em que nos achamos para concorrer na medida das nossas forças com os meios de que dispõem os grandes paizes aviadores que dentro em breve farão machinas com condições de affrontar os ares—não horas mas dias—recorrendo ao tamanho, á velocidade, ás accommodações. Ainda que presentemente esteja inventado o pequeno apparelho de telegraphia sem fios que não só recebe as ondas hertzianas mas que as emitte segundo uma declaração do ministro inglez da aviação que é dum grande alcance para o aviso do perigo que possam correr em pleno oceano os aviadores; ha ainda difficuldades a vencer para o estabelecimento d'uma carreira regular como são a das construcções de aeroplanos grandes com disposições para alojamento de viajantes, transportes de cargas e passageiros, sem o que não é economico o serviço, tendo em vista que o aeroplano offerece mais garantias do que o dirigivel pelas razões que adeante veremos quando nos referirmos á differença nos aviões mais pesados do que o ar e mais leves que o ar; mas antes entraremos no dominio da historia da aerostação.

Pondo de parte todas as tentativas que occupam os homens para manterem-se no ar, taes como as tentativas d'Oliverio de Malmesbury (seculo XI) e do sarraceno de Constantinopla (entre 1143 e 1180) que prenderam umas azas aos corpos e desprenderam-se de alturas com mais ou menos successo, os vôos de João Baptista Dante sobre o lago de Trasimeno, as invenções de Regiomontanos, em forma d'aguia e em forma de mosca e a do Padre Francisco Bresciano Lana (1670) que expoz a maneira de se obter espheras mais leves do que o ar (1) com as quaes se podia subir na atmosphera e dar direcção por meio de velas; parece-me que dois homens com as suas experiencias foram os verdadei-



Dirigivel militar inglez Beta

(1) - O livro em que o P.e Jesuita expoz as suas theorias e no qual expoz o processo de obter espheras sem ar, tem por titulo «Prodomo o vero sagio di alcune invenzioni nuova promesso all-arte maestra». O processo era o seguinte: mergulhando n'uma tina, invertido, um vaso de cobre ou lata ligado por um tubo comprido enchendo-se d'agua com uma torneira; abrindo a torneira e deitando a extremidade do tubo na agua, ficava a esphera vazia d'ar.

ros precursores dos aviadores do seculo XX—o pintor Leonardo de Vinci e o P.e Bartholomeu de Gusmão : o primeiro que viveu entre 1452 e 1519 deixou uma theoria racional baseada no vôo das aves em que constata que sendo o animal mais pesado de que o ar n'elle se sustenta e avança tornando este fluido mais denso no logar aonde passa do que na região circumvizinha aonde não passa e para obter o mesmo resultado construiu um helicóptero formado como se pode ver n'um manuscripto da epocha na bibliotheca Ambrosiana de Milão, por um grande helice girando em torno d'um eixo vertical; o Padre Bartholomeu de Gusmão, brazileiro d'origem, clerigo d'ordens menores, demonstrou praticamente em frente da Côrte no pateo da Casa da India em 8 d'agosto de 1709, que um globo cheio d'ar quente ou mais leve que o ar da atmosphera podia subir n'ella; e D. João V concedeu-lhe por alvará o exclusivo do uso do apparelho inventado por elle e aos herdeiros; e egualmente provou (incompletamente) que o mais pesado que o ar podia egualmente sustentar-se e mesmo voar como a casca d'um ovo ou uma pluma se movem aos caprichos do vento construindo a sua Passarola com a qual se lançou da praça dos Macacos do Castello sobre a casa da India (Terreiro do Paço).

Dirigivel Lebaudy typo semi-rigido

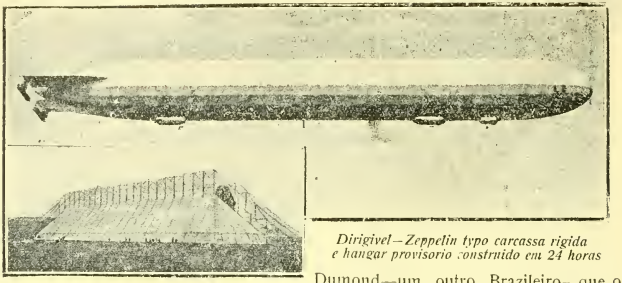
Deu-se pouca attenção á passarola depois que os irmãos Montgolfiers fizeram as suas experiencias com exito (anno de 1783) em Pariz lançando balões cheios d'ar quente e fazendo elles proprios ascensões; experiencias que foram muito seguidas e imitadas. Em 1784, havia só em França 52 viajantes aereos; Blanchard com o americano Jeffries (physico) fazem a travessia da Mancha em janeiro (7) de 1785; Rozier tentando a mesma empreza succumbiu; e depois a ascensão em balões tornou-se um sport muito seguido em todos os paizes no decorrer do seculo XIX vendo-se em todas as exposições, em todas as exhibições parques publicos das grandes cidades balões captivos aonde se subia pagando um tanto por pessoa; os balões foram lançados pelos federaes na guerra civil americana, serviram no cerco de Pariz de 1870 para a evasão de varias pessôas e para obter informações tanto pelos allemães como pelos francezes e na actual guerra, as salchichas eram postos d'observação e photographicos para se obterem as topographias dos terrenos inimigos, balões captivos, cheios não de ar quente como os antigos mongolfiers mas d'oxigenio (1) e de gaz helium (1895) depois adaptados e descobertos como sendo mais leves do que ar.

Mas o balão tal como o inventou Montgolfier e tal como se conservou no decorrer do tempo só para observações physicas é que servia sendo, como meio locomotor, peior do que a jangada no meio do oceano, á mercê do vento como estava a jangada á mercê das vagas; peior ainda porque na jangada poder-se-hia dar a direcção com auxilio d'um remo, emquanto que no balão não havia direcção possivel quando este entrava n'uma corrente de vento.

Os crentes da locomoção aerea lançaram-se pois na procura da forma po-

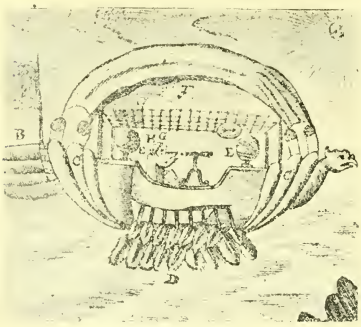
(1)—O oxigenio foi empregado no mesmo anno das experiencias Montgolfiers pelos irmãos Robert e J. A. C. Charles.

sitiva do vôo, isto era estabilidade e velocidade. Mas o balão dirigivel teve sempre os seus adeptos, e foi verdadeiramente o balão dirigivel de Santos



Dirigivel—Zeppelin typo carcassa rigida e hangar provisorio construido em 24 horas

Dumond—um outro Brazileiro—que o primeiro em 1900 pratica uma marcha determinada evolucionando regularmente e procedendo a voltas de antemão fixadas ao redor da Torre Eiffel. Pode-se entregar a descoberta do typo moderno do locomotor da navegação mais leve do que o ar, ao general Meusnier da academia de sciencias de França que morreu em 1793 no cerco da Moguncia e que creou a forma de renovar o ar ao balão suspenso, o leme da direcção e helices propulsores processo que Giffard (1852) poz em pratica applicando ao apparelho uma pequena machina a vapor de 45 kilos de peso com a qual fazia mover um helice de trez remos cujo diametro era de 3,40 metros chegando a imprimir uma velocidade de 3 metros por segundo (insufficiente para luctar contra o vento) fazendo com successo a sua primeira ascensão em dezembro de 1852. Ainda repetiu 3 annos mais tarde a ascensão n'outro balão maior, levando um motor mais forte; mas foi infeliz deixando comtudo o problema da aviação definido no peso e força do motor, que as experiencias, meio seculo depois, inventados os motores a explosão, feitas por Santos Dumond, Barão Zeppelin e por



Passarola (x)

(x)—Explicação da photogravura.

A. Velame para cortar os ares.—B. Leme de direcção.

C. C. Corpo da barca aonde estava dissimulados canos por onde passava o ar d'um folle.

D. Azas para a estabilisação.

E. E. Espheras de metal dentro das quaes estava o iman ou pedra de cevar afim d'attrahir o corpo da barca forrado com chapa de ferro.

F. coberta d'arame em forma de rêde com bolas de ambar em suspensão para attrahir tambem a folha com que era envolvida pela parte de fóra, a barca.

G. A agulha de marear.—H. O navegador com os apparelhos nauticos.

I. I. Roldanas por onde passavam as cordas das escotas das velas.

Lebaudy tornando realisavel a verdade de Giffard, puzeram a navegação no systema d'hoje.

Santos Dumont construiu todos os seus dirigiveis pequenos (como depois creou o pequeno monoplano — a demoiselle) e os seus vôos foram por isso muito arriscados: Zeppelin muito infeliz nas suas tentativas realisou comtudo a forma da construcção da carcassa rigida d'aluminio que lhe permittiu ajuntar helices de propulsão e deu o typo a uma qualidade de dirigiveis na Allemanha que tiveram o auxilio do Governo e que durante a guerra fizeram com exito varios ataques ás cidades de França e da Inglaterra: os Lebaudys que foram os modêlos dos dirigiveis que depois se fabricaram em França tiveram 70 ascensções felizes desde a construcção do 1.º até ao accidente que o destruiu; e os modêlos militares da Patrie e da Ville de Paris, Ville de Bordeaux e Ville de Nancy foram conservados no modelo de Lebaudy caracteristico pela carcassa semi-rigida pelos planos de que existem 6 typos: horizontaes para evitar a arfagem do balão, os verticaes o balanço natural, os moveis que produzem a direcção e os fixos que impedem os movimentos bruscos e dão a estabilidade; e os planos chamados (borboletas de cauda) presos á ré, um grande e horizontal em forma de cauda d'ave ou peixe e o outro vertical mais estreito sahindo acima e abaixo do precedente; todo o tecido d'estes planos é impermeavel estendendo-se por entre umas molduras de tubos d'aço, reforçadas por travessas constituidas por outros tubos e fios d'aço como raios de bicycleta que lhe dão a rigidez e a leveza.

O avião de Henson

Mas todos esses modelos de dirigiveis que teem a vantagem de levarem mais peso, de poderem dispôr de mais espaço, tendo mesmo um Zeppelin durante os mezes de verão de 1913 sido explorado no lago dos Quatro Cantões na Suissa em viagens recreativas construido com salas de restaurante, pequenos camarotes e galleria para commodidades de passageiros, esses apparelhos mais leves do que o ar estão a ser batidos pelo aeroplano, pela sua grandeza, pela sua menor velocidade, pela sua mobilidade lenta, e pela difficuldade d'aterramento, e pelo seu preço excessivo e sujeição aos ventos, não offerecendo as vantagens que a pratica parece conceder a este, mais rapido, mais susceptivel de subir e descer procurando o ambiente favoravel e fugindo mesmo a uma tempestade por uma manobra subita.

O processo do aeroplano da primeira decada do seculo XX foi inventado por Leonardo de Vinci na contextura do helicoptero com um helice propulsor nos principios do seculo XVI ao que parece demonstrar o manuscripto de Milão que é comtudo desconhecido nos meios d'aviação da actualidade; mas a historia do mais pesado do que ar, é mais anglo saxonica: Henson em 1843 construiu um apparelho com umas rodas propulsoras em forma de rodas de navio tendo um recinto para passageiros e carga montado em bambu e teve um amigo «Stringfellow» que, modificando a contextura do aeroplano, creou o multiplano e applicou-lhe um motor a vapor; somente o motor era 1/3 de cavallo para pesar cerca de 5 kilos, o que tornava o motor defeituoso e muito fraco.

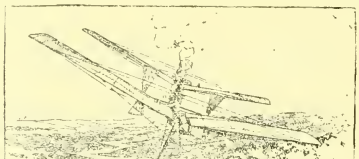
O multiplano Stringfeltow

Langley na America em 1893 fez o percurso de 1/2 milha com o seu avião

creado no typo do plano de Henson inspirado no papagaio ao qual uma machina a vapor mexendo os propulsores em forma de rodas dava o movimento; mas antes que elle obtivesse outros resultados mais satisfatorios, em 1900 os irmãos Wright começavam nas planicies de Ohio as suas experiencias com os mesmos apparelhos de planos aos quaes addicionavam um motor de petroleo em 1903 realizando com elle um vôo de 59 segundos e em 1905, 45 vôos n'um dos quaes se mantiveram 1/2 hora no ar percorrendo uma distancia de cerca de 40 kilometros.

Joga-se então em meia duzia d'annos as grandes cartadas para a supremacia do vôo com o mais pesado do que o ar, sendo Dumond outra vez em França o Homem que melhor resultado obteve no principio, com o seu apparelho biplaneado em forma da lettra T com caixas com o qual vôou em 12 de novembro de 1906 n'uma distancia de 220 metros em 21 segundos. Henry Farman é o primeiro que se evidencia na planicie de Issy les Molineaux com um biplano e motor a petroleo Antoinette de 49 cavallos de força, oito cylindros e 1.100 rotações por minuto ganhando o premio Deutsch-Archdeacon de 100 mil francos a 13 de janeiro de 1908 com o vôo circular de 1 kilometro. Deon Delagrange com o mesmo motor e o mesmo apparelho da fabrica Saisin prosegue com experiencias na lida dando em resultado que no fim do anno de 1908 se estava meia hora no ar com facilidade, mas os resultados dos irmãos Wrights na America Orville e na Europa Wilburn eram superiores havendo vôos de hora e de hora e meia.

Bleriot em junho do anno seguinte atravessa a Mancha n'um vôo de 31 minutos, batendo o record do tempo Rorger Sommerr a 7 d'agosto planando durante 2 1/2 horas e havendo reuniões esportivas periodicas d'aviação em Reims, Juvisy, Dancaster e Blackpoel realisando Farman um vôo de perto de 200 kilometros em 4 horas, e Lathan contra um vento da velocidade 40 metros por hora, um outro durante uma hora.

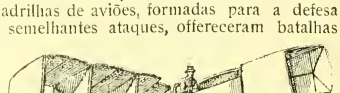


O apparelho de Langley

Em 1910 estava-se a viajar de cidade para cidade e o aviador Panlham ganhou o premio de 10 mil libras do jornal Daily Mail indo de Londres a Manchester (27-28 d'abril).

N'esse anno corriam escriptos com varios projectos de Codificação de leis aereas e a Inglaterra estabelecia as suas pelas quaes, sobre a Inglaterra, só se podia descer, do extrangeiro, fazendo uma participação previa.

A guerra em 1914 veiu dar occasião a que o impulso dado á aviação que até então era quasi simplesmente uma arte esportiva, se tornasse uma necessidade de guerra e praticamente um elemento de combate e as cidades da Allemanha soffreram bombardeios terriveis e Londres e Paris foram pelos allemães muitas vezes suprehendidas, apezar das fortes esquadrilhas de aviões, formadas para a defesa que estavam montados para impedir semelhantes ataques, offereceram batalhas aereas das mais renhidas; e logo que cessou a guerra o problema pratico das ligações aereas entre os grandes centros tornou-se o assumpto do dia. De Inglaterra para a França estabeleceu-se uma linha, o Governo inglez levou ás Camaras um projecto sobre uma carreira de Londres para uma das grandes cidades da India; e tanto inglezes como americanos estudam a atravessia do Atlantico.

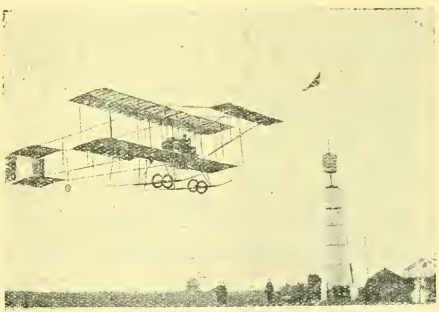


O apparelho mais pesado do que ar. Santos Dumond

A travessia do Atlantico não representa sómente uma demonstração d'arro-

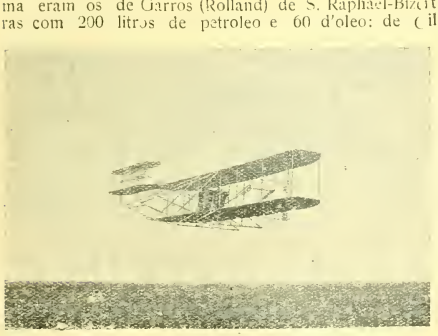
jo e uma experiencia historica, nem uma prova d'um concurso estabelecido com o premio do jornal Daily Mail; a travessia do Atlantico é o inicio de carreiras que se estabelecerão de futuro e que ligarão os centros d'actividade dos continentes separados pelo Atlantico com mais este elemento de locomoção e transporte rapidos. Já se não trata d'uma travessia do Atlantico em cinco dias mas sim d'uma travessia de 24 horas. Com esta rapidez de vida os Açores approximam-se da Europa em melhores circumstancias. Se algum dia para soccorro da aviação transatlantica se estabelecerem ilhas fluctuantes com depositos de abastecimentos a fornecerem aos aviões no mar, com barcos de salvamento rapidos, com estações de telegraphias sem fios; os Açores são outras tantas bases naturaes a offerecerem muito mais vantagens estabelecidas no meio do Oceano.

A actividade que se empregou nos serviços d'aviação, na guerra, é possivel que se tivesse em paz egualmente empregado no desenvolvimento das carreiras de transportes de passageiros e cargas. Os allemães tinham em 1910 um apparelho aeroplano de varios motores, e possantes, em que transportavam 15 pessôas, um russo creou egualmente uma outra machina de grandes dimensões em que fazia experiencias; e os italianos, os inglezes e os americanos pensavam em romper a virgindade dos ares Atlanticos.



Biplano Tarman

Os vôos de longitude cujos recordos estavam bem patentes aos espiritos de todos que se interessavam pelo problema eram os de Garros (Rolland) de S. Raphael-Bizert 780 kilometros em 8 horas com 200 litros de petroleo e 60 d'oleo: de Gilbert de 24 d'Abril 1913 Villa Comblay a Victoria 825 kilos em 8 1/2 horas com 210 litros de petroleo; de Wright de 23 d'Abril de 1913 de Paris a Berlim 920 kilometros 7 3/4 com 220 litros de petroleo; de Augustin Seguin de outubro do mesmo anno de Buc a Ie Bon de 1040 kilometros em 13 horas com 370 litros de petroleo; o de Ingald a 7 de fevereiro de 1914 n'um percurso na Allemanha de 1700 kilometros em 16 1/2 horas com 600 litros de petroleo e 60 d'oleo.

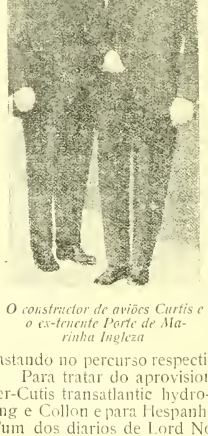


Biplano Wright

Era preciso pois em media 1 litro por cada 4 kilometros de marcha ou 25 li

tros á hora, o que a travessia do Atlantico pelos Açores exigia 500 litros de gazolina ou fossem 1500 kilos de peso.

O Daily Mail instituira em 1 d'dbril de 1913 um premio de 10 mil libras e pensava-se concorrer a elle. E quem queria concorrer era um tenente de marinha ingleza John Cyril Porte, antigo official durante 6 annos em submarinos elle deixava a marinha para entrar n'uma companhia ingleza de construcções d'aeroplanos em 1911, fazendo alli tirocinio; devia acompanhal-o na travessia o Snr. George Hallett. O americano Rodman Wanamaker dava o grande auxilio á empreza. Glew H. Curtis fabricou o hydro-aero-plano America que foi experimentado a 27 de junho no lago Keuka fazendo vôos a 50 milhas á hora no ár e 40 milhas á hora por sobre a agua. Era um bello apparelho de quasi 1.400 kilos de peso, o 2.º hydro aero avião mais pesado que se tinha construido até então munido de 7 tanques para gazolina contendo 200 litros cada um, medindo 24 metros de ponta a ponta das velas com o seu corpo em mogno de 10 metros de comprido por 3 e meio de largo sobre o qual se achava mantido um camarote de 16 metros de comprido com vidraças de celluloide não inflammaveis aonde 8 jornalistas já tinham procedido juntos a uma ascensão em companhia do auxiliar do tenente aviador, e que estava provido para a viagem dos mais aperfeiçoados instrumentos de observação astronomica, meteorologica e de telegraphia; o peso que o avião iria transportar atravez o Atlantico estava calculado em cerca de 910 kilos e os motores que o fariam andar eram 2 motores de cem cavallos que por se reconhecer de muito superior vantagem linham sido collocados em substituição do motor de 200 cavallos da primeira experiencia executada.



O constructor de aviões Curtis e o ex-tenente Porte de Marinha Ingleza

Esperava-se pelo dia 4 de julho para se fazer o embarque do apparelho para São João da Terra Nova e partir de lá nos primeiros d'agosto pela lua cheia, quando perturbações varias na atmosphera obrigaram o aviador a adiar a viagem. Era então um instructor da eschola d'aviação Curtis que ia substituir o Snr. Hallett na grande aventura como chamavam o empreliendimento na America. O itinerario projectado por Porte era S. João, Açores, Vigo, Plymouth n'um total de 2.655 milhas assim distribuidas:

Açores 1.200 milhas, Vigo 933, Plimouth 523, gastando no percurso respectivamente 20 horas, 16 horas 9 horas, ou fossem 45 horas.

Para tratar do aprovisionamento da gazolina ao avião da travessia "Wanamaker-Cutis transatlantic hydro-aeroplano" foram enviados aos Açores os Snrs. Lansing e Collon e para Hespanha os Snrs. Lummer e R. Hollender e a 22 de junho n'um dos diarios de Lord Northcliff appareciam sob a epigraphe de vôo do Atlantico indicações aos capitães de navios com a noticia circumstanciada, para facilitar ao aviador a travessia. As indicações para os signaes assim vinham expressas:

SIGNAES DOS NAVIOS:

Pede-se aos capitães para arvorar os signaes seguintes mostrando a sua posição em relação á derrota (1) directa seguida pelo Snr. Porte:

Ao lado norte da derrota arvorar no mastro da prôa entre 60 e 90 graus de distancia bandeira quadrada, bola, bandeira quadrada.

(1)—A' sahida de aviões da America eram expedidos telegrammas para todos os navios no mar, da costa da America e dos Açores, os quaes os repetiriam.

Entre 60 e 30 graus de distancia arvorar duas bandeiras:
Entre a linha e 30 graus de distancia arvorar uma só bandeira:
Ao lado sul da derrota arvorar os mesmos signaes no mastro grande.

O tenente Porte iria vôar com uma velocidade de cem kilometros á hora e manteria uma altitude abaixo de 60 metros. Quando os signaes não fossem claros a bordo dos navios elle desceria o avião até os entender: pedindo que lhe fosse fornecida pelos navios a direcção da Ilha das Flôres pela bussula e á distancia a que elle se achava collocando, para a primeira informação, signaes do codigo commercial no mastro da prôa e para a segunda n'outro mastro. A quatro d'agosto estava declarada a guerra e a tentativa deixou de ter execução mas não foi abandonada a vontade e quando a paz se restabeleceu novamente varias pessôas se lançaram nos preparativos e estudo da aventura e nos principios d'abril d'este anno, mez em que foi instituido por Lord Northcliff o chamado premio Daily Mail de 10 mil libras pela America já se estavam fazendo preparativos.

O Snr. Harry Hawker, australiano d'origem e que ha 6 ou 7 annos veiu do seu paiz entregar-se á aviação, era um dos concorrentes annunciando-se a sua partida no sabbado doze d'abril. O Senhor Hawker levava uma carta autographa do Governador da Terra Nova para o Rei Jorge da Inglaterra e propostas tinham sido feitas para trazer correspondencia ao preço de 100 libras a carta o que não foi acceito havendo comtudo estampilhas impressas com a designação de um vôo atravez do Atlantico. O seu apparelho Sopwith tinha sido inspeccionado na sexta feira por um delegado da Real Força aerea d'Inglaterra a pedido do Aereo Club da Gran-Bretanha, o Major Partridge.

O Capitão Morgan era concorrente com um apparelho Martinsyde de pequenas dimensões porque segundo a opinião d'este aviador o apparelho quanto mais pequeno é, mais supporta o vento; e o Major Wood com o Capitão Wyllie eram outros viajantes que se apresentavam na Irlanda a disputar o premio atravessando o Atlantico á inversa n'uma machina Rolls Roice de 350 cavallos.

Em Rockaway Beach Station as auctoridades navaes tinham feito experiencias com exito nas machinas N. C. 2 e N. C. 3 no typo da experimentada no anno anterior e que fizera varios vôos com 51 pessôa; dentro d'um mez contavam officiaes da marinha lançar-se ha experiencia com estas, uma das quaes vôou com 13.500 kilos de peso.

Os preparativos estavam todos feitos: o ministro d'aviação chegou a fornecer os signaes ao trafego maritimo transatlantico para a travessia para se entenderem com os differentes aviões pelas chamadas *DKA* a D. K. Z. mas os nevoeiros das costas, as chuvas torrenciaes e os ventos violentos impediram duas vezes a seguir os vôos marcados para dias determinados a meiadas e a fim d'Abril. Outros aviões figuravam na lista dos concorrentes que no parecer da gente bem informada antes dos meiados do verão teriam vencido as difficuldades d'uma exploração virgem jámais tentada até nossos dias e ainda ao espirito dos homens do ultimo seculo passado ignorada em absoluto.

O aeroplano Russo com Camara para passageiros

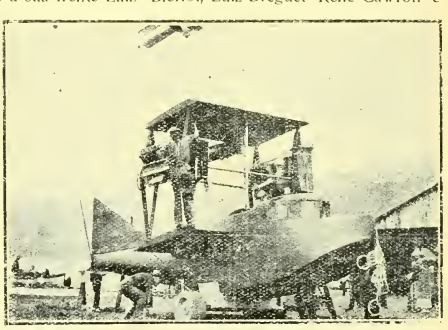
O Tenente commandante da marinha americana Bellinger era um dos que se experimentava n'um apparelho Curtis movido por trez machinas, o capitão Hugo Lundstedt, sueco, n'outro hydro-avião Curtis, biplano, com machinas Liberty; o Capitão Payse n'um hydro-aero-plano Whitehead com gente da fabrica, biplano de 1.600 cavallos de força; o tenente coronel Callishaw n'um apparelho Handy

Page com 8 machinas Rolls Roice de 350 cavallos de força, um biplano da casa Boulton and Paul Ld. com machinas Napier de 2.450 cavallos; um apparelho biplano com gente da Companhia constructora Martinsyde Ltd. de machinas Rolls Roice Falcon de 285 cavallos de força: o Senhor Lidney Pickles n'um biplano da Casa Fairey Aviation C.ª e machinas Roice de 360 cavallos de força.

Alem d'estes concorrentes havia os Snrs. Capravi, Capitão B. B. Lirpsner e M. L. P. O'Bryan que em meiados de Março já tinha abandonado.

A' ultima hora a Casa Boulton and Paul Ltd. que durante a guerra forneceu ao ministerio da guerra do seu paiz nada menos do que 2.500 apparelhos, apresentava alem do enorme hydro-avião citado um pequeno biplano de 59 pés de largo, por 40 de comprimento pesando carregado com 3.690 litros de gazolina cerca de 5.000 kilos podendo manter um vôo de 6.400 kilometros a 193 kilometros por hora. Um confortavel camarote com lotação para 4 pessôas estava ladeado por duas possantes machinas Napier de 45 cavallos de força e formando o corpo do apparelho achavam-se 6 tanques para gazolina e esses 3.000 litros n'elles contidos n'um minuto e um quarto podiam ser vasados abrindo-se as valvulas d'alojamento ficando os depositos vasios a servirem de fluctuadores. Este apparelho que era construido sob moldes novos éra apresentado como o ultimo typo d'hydro-avião do commercio, o que demonstra bem o espirito da industria da aviação e a sua situação após a guerra.

Na Europa emquanto se davam estes acontecimentos formava-se em Paris uma Companhia (annuncios de 14 d'abril) com o nome de Compagnie des Messageries Aeriennes, tendo á sua frente Luiz Bleriot, Luiz Breguet René Cawron e Morane Soulnier com o capital de 1 milhão de francos, estando designadas as primeiras carreiras para as Cidades do Norte da França e fixados os transportes de pequenas encommendas e malas de correio: e na Inglaterra, tendo a aviação de recreio durante a semana da Paschoa transportado atravez os ares 972 passageiros sem o menor accidente a registar, o momento tornava-se opportuno para o Governo de S. Magestade Britannica tornar publico o estado da aviação e um banquete teve lugar n'um dos grandes restaurantes de Londres em que nos discursos foram relatadas as investigações feitas para ligar as principaes cidades do Reino por carreiras regulares comprehendendo as duas grandes cidades da Escossia Glasgow e Edimburgo e as duas da Irlanda Belfast e Dublin.



O hydro-avião «America» da Empreza Wanamaker Curtis.

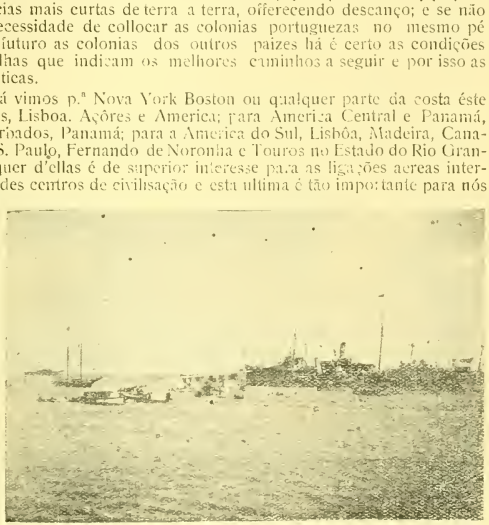
Os aviões da Marinha da Estação de Rockaway Beach a 9 de maio largaram para Halifax e Terra Nova á espera de tempo opportuno e o enthusiasmo pelos apparelhos da marinha nacional invadiu a população apesar de a prova que acabava de ter logar, em que o percurso de 500 milhas tinha sido feito em 10 horas, não infundir grande confiança ao pé das experiencias dos apparelhos Martinsyde e Sopwith, que faziam 100 milhas regularmente. A partida dos inglezes estava annun-

ciada para o domingo seguinte 11, e os da marinha acabados de chegar esperariam pela lua cheia da semana seguinte. Mas durante a semana o tempo conservou-se mau e irregular pondo em risco qualquer tentativa e a partida dos aviões da Marinha só tiveram lugar na sexta-feira seguinte 16 da bahia de Trepassey, perto do Cabo Race em S. João de Terra Nova. A sua direcção eram os Açôres, Lisbôa, Plymouth.

A fim de adaptar o porto de Ponta Delgada a uma base de aviação transatlantica o Govêrno portuguez já creára uma verba de mil oitocentos contos, parte da qual foi destinada a obtenção d'apparelhos e accessorios; e a Portugal, pelas condições especiaes em que se acha, cabe a creação d'outras linhas importantes atravez o Atlantico ligando pelo norte e pelo sul com o continente Americano, a velha Europa.

Pelo mappa das Bacias do Atlantico reproduzido nós temos a demonstração clara de como possuimos (1) entre os dois Continentes, quer para o sul quer para o centro, as distancias mais curtas de terra a terra, offerecendo descanço; e se não fôra a imperiosa necessidade de collocar as colonias portuguezas no mesmo pé em que ficarão de futuro as colonias dos outros paizes há é certo as condições geographicas das Ilhas que indicam os melhores caminhos a seguir e por isso as carreiras transatlanticas.

Temos como já vimos p.ª Nova York Boston ou qualquer parte da costa éste dos Estados Unidos, Lisboa. Açôres e America; para America Central e Panamá, Lisbôa, Açores, Barbados, Panamá; para a America do Sul, Lisbôa, Madeira, Canarias, Cabo Verde, S. Paulo, Fernando de Noronha e Touros no Estado do Rio Grande do Norte. Qualquer d'ellas é de superior interesse para as ligações aereas internacionaes dos grandes centros de civilisação e esta ultima é tão importante para nós que a variante de S. Thiago para a costa da Guiné, seguindo pela Costa d'Oiro, Camarões e Congo ia levar a São Paulo de Loanda o intercambio com Lisbôa e as ilhas Adjacentes e mesmo Lourenço Marques atravez a Rhodezia, ligando, n'uma rede, as colonias.



Chegada do hydro-avião Naval Curtis n.º 3

Se a futura aviação estivesse dependente do tempo, claro que só com grandes reservas e cuidadosas precauções tomariam os navegadores aereos a carreira dos Açores, sugeitas a tempestades. Mas a aviação tem por base scientifica conhecer os phenomenos metereologicos; e dominal-os é a arte de voar.

Qualquer d'essas correntes impetuosas a mil metros d'altitude já não exis-

(1) – Baseio-me para esta affirmação na legislação ingleza, a primeira codificada, estabelecendo a nacionalisação do ar.

te e o aviador com o conhecimento do tempo e com os apparelhos registradores das depressões atmosphericas foge a essas contrariedades do ambiente descendo ou subindo como o automobilista a 150 kilometros á hora foge aos desarranjos d'estrada e marcha com a mesma segurança que um caminho de ferro sobre as rilheiras a 60 kilometros.

Nas trez Illas dos Açôres sédes, de Districtos de Ponta Delgada, Angra e Horta o aviador nó decorrer do anno pode contar com:

(1) Vento até 25 kilometros á hora—25 até 49 (2)—e 49 até 100 kilometros.
(media d'um quatrenio) 3.015 vezes 2.956 vezes 1.980 vezes

Esses mesmos ventos em cada districto ou ao redor de cada ilha registados nos observatorios de differentes Capitaes foram nas seguintes correntes.
(entre quatrenio)

media annual.	até 25 kilometros	25 —até 40	e 40 a 100 kilometros
Ponta Delgada	1.111 vezes	623 vezes	316
Angra	855 »	758 »	678
Horta	1.155 »	845 »	501

As correntes d'esses ventos observados nas trez Ilhas durante um quatrenio dá-nos o seguinte:

N. a Sul pelo Oeste	Sul a Norte pelo Éste
2.108	1.985

E em media annual
Na direcção d'America:

De lado ou Norte—Sul	374,5 vezes
A favor ou quadrante este	339 »
Contra ou quadrante oeste	654 »

Os ventos no decorrer dos quatro annos na Terceira e S. Miguel passam n'uma media annual para cada Ilha (na mesma direcção para a america).

Ventos	*Lado*	*A favôr*	*Contra*
S. Miguel	1.606	1.620	2.308
Terceira	2.096	3.195	5.230

Percentagens d'estes mesmos ventos.
percentagens registadas no anemometro de Pt.ª Delgada durante o quatrenio (media)

Correspondente	35, 5 %	65, 9 %	51, 8 %
	1486 vezes	2253	1936

Comprehende-se como n'um clima temperado como este dos Açores as correntes não estejam definidas como succede ao norte do Atlantico ou para noroeste aonde a vizinhança das regiões geladas estão abertas ao vacuo das camadas aquecidas pelas correntes e pela temperatura solar na qual as Ilhas se acham; para a 1.ª carreira entre a Escossia e a Terra Nova a percentagem de ventos contra é entre 66 e 70 por cento e para o noroeste ou na linha de Halifax e S. João da Terra Nova (dos Açores) a percentagem é de cerca de 50, sendo comtudo nas proximidades da terra Americana sen ivelmente mais contra, sendo o vento predominante o noroeste. Estudando na zona central (Açôres) no decorrer do anno as velocidades do vento na media d'outro quatrenio durante os differentes mezes do anno constata-se que em media os ventos são:

	1 a 25 kilm.	*25 a 40 kilm.*	*40 a 100 kilometros*
Entre Janeiro e Abril	1.337 vezes	452 vezes	184 vezes
Entre Maio e Agosto	1.497 »	339 »	56 »
Entre Setemb.º e Dez.º	1.478 »	374 »	177 »

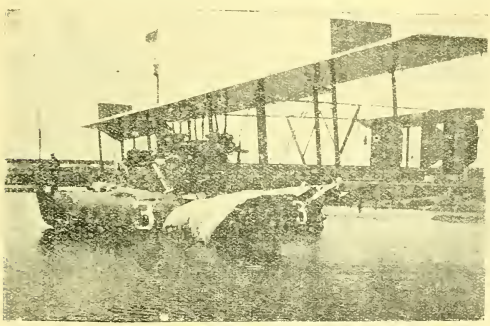
(1) — Estes registos accusam golpes de vento que ás vezes não teem seguimento.
(2) — O segundo vento é brisa fresca, o terceiro é já vento tempestuoso.

Ou media por cada trinta dias (de 4 annos)

	1 a 25 kilm.	*25 a 40 kilm.*	*40 a 100 kilometros*
Janeiro a Abril	334,25 vezes	113 vezes	46 vezes
Maio a Agosto	374,25 »	84,7 »	14 »
Setembro a Dezembro	369,5 »	93,5 »	44,2 »

Mostra bem a irregularidade d'esta região maritima dos Açôres o facto que em 1914 emquanto os anemometros de Ponta Delgada e da Horta registavam respectivamente 24 e 23 golpes de vento tempestuoso (entre 40 a 100 kilometros á hora de velocidade) o anemometro d'Angra não registava um unico impulso superior a 40.

Quanto mais se desce para o sul, mais para o calor, o vento este predomina a ponto de se registar muito raramente qualquer brisa do sudoeste, e as calmas são mais frequentes: se o tempo tivesse essa influencia absoluta de que falamos atraz, as carreiras Europa-America seriam feitas pela Africa, da Guiné pelas Ilhas de São Paulo e Fernando de Noronha e costas do Rio Grande do Norte do Brazil, ou pelos Archipelagos da Madeira, Cabo Verde e depois S. Paulo etc., mas ha a necessidade de encurtar distancias—a vida moderna exige-o—e o engenho do homem vence as difficuldades que se apresentam, e a prova temol-a n'esta soberba travessia do Atlantico realisada por trez hydro-aviões entre a Terra Nova e os Açores. Eram quatro os concorrentes que sob o patrocinio do governo Americano tentavam a grande empreza demonstrativa do poder do tempo e da velocidade atravez o espaço jámais explorado, sahindo da America pelas 9 horas (6 horas americanas) danoite do dia 16, trez, chegando todos trez a terras portuguezas.

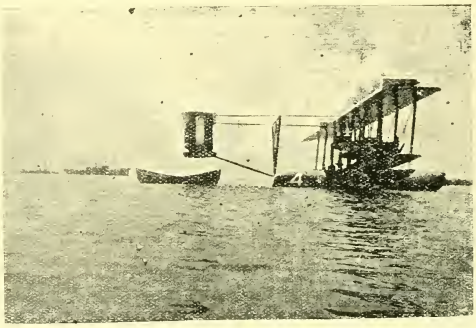


O hydro-avião n.º 3

O avião que tinha o numero 1 N. C. teve avaria a 95 milhas a oeste das Flores, tendo a tripulação a felicidade de ser salva pela de um vapor grego «Ionia» que passava por aquellas paragens e a levou para o Fayal. Já lá estavam, a ajustar o motor os aviadores do avião numero 4 N. C. que, encontrando uma serração profunda, ao avistarem o cabeço da Ilha do Pico n'uma aberta de nuvens desceram sobre a Horta. Os michaelenses tinham em vão esperado os viajantes aereos e não tendo noticias senão da chegada de um dos aviões á Horta imaginaram os outros na melhor hypothese acolhidos n'alguma das Ilhas aonde não ha apparelho de telegraphia á espera de vento favoravel para levantar novamente o vôo pois que o vento assoprava com certa violencia estando o mar picado, quando na tarde do dia 19 pelas 16 horas correu que pelas costas das Feteiras alem passava um hydro-avião. De facto um dos destroyers americanos que se acham ancorados na bacia da Doca desamarrou e sahiu a todo o vapor afim de lhe prestar soccorro

e uma hora não tinha decorrido que elle voltava ao lado da machina que vagarosamente deslisava sobre o mar.

E' então que os sinos repicam nas egrejas, os foguetes estralejam no ar, os apitos dos vapores silvam, o castello de S. Braz salva como nos dias de gala, os mastros dos navios embandeiram-se, e uma onda de gente serpenteia á maneira que se desloca n'um borborinho crescente; essa gente está pela doca, pelo aterro, ás janellas das casas que deitam para o mar, nas torres das egrejas, sobre o adro de S. Pedro e presenceia essa memoravel scena do deslisar d'uma pequena barca com a armação aerea d'um biplano, movida por trez helices que rodam vagarosamente tambem, entrando o porto de Ponta Delgada. O Plano inferior vinha roto, os fluctuadores que eram a garantia da estabilisação n'agua foram quebrados pelo mar de maneira que para que o equilibrio se mantenha e a prisão d'umas das azas n'agua não faça voltar o apparelho elle vem devagar. A satisfação de toda a gente é grande e ha a curiosidade de se saber o que aconteceu. O que aconteceu é simples: o intenso novoeiro do dia 17 obrigou os aviadores a conservarem o apparelho alto; n'uma das descidas de investigpação, como o tempo lhe parecesse melhor, desceram no domingo pelas uma hora da tarde; imaginando-se nas proximidades das ilhas encontraram-se no mar alto; foi então que, não se podendo levantar por terem perdido os fluctuadores, foram navegando sobre a agua, até avistarem S. Miguel na manhã do dia 19.



O hydro-avião Naval Curtis n.º 4

As auctoridades de terra festejam na Residencia do Almirantado americano os cinco heroes que, negros de crestados nas mãos e na cara do rocio do mar, agradecem os cumprimentos; emquanto que na praça de S. Pedro a multidão grita enthusiasticamente e musicas tocam os hymnos portuguez e americano. Ellas estão em presença de quatro officiaes e d'um machinista, da Marinha Americana, os Senhores.

Commandante	*Towers*
»	*Richardson*
Tenente	*Lavender*
»	*Mac. Cullock*
Mechanico	*Moore*

todos homens decididos e robustos.

Emquanto se passa esta scena na Residencia do Almirante em S. Pedro, varios curiosos approximam-se em barcos do avião já amarrado na bacia da doca á boia que lhe estava destinada de antemão e procuram observar a sua constituição. O apparelho eleva-se sobre uma barca de 60 tonneladas de arqueação com um

metro, ao maximo, de calado, approximadamente, dentro da qual se acham as accommodações para a tripulação; os dois planos de cerca de 20 metros de comprido de ponta a ponta elevam-se magestosos a meio dos quaes estão os dois motores simples de 400 cavallos de força e ao centro o corpo do motor conjugado de 800 cavallos entre o qual se acha, n'um patim guarnecido, a cadeira do conductor. Esse pequeno batel, que evoca a memoria das caravelas antigas do seculo XV, construido de esprucio e forrado com uma fina chapa de cobre, não pesa mais de 3 tonneladas e o aproveitamento de espaço está tão bem posto em pratica que 10 mil litros de gazolina são contidos no interior. Como todos os aviões da marinha americana o apparelho tinha os seus lemes pintados ás cores regulamentares e a armação do velame amarella.

Grupo tirado no Terraço do Govêrno Civil por occasião da passagem dos aviadores por Ponta Delgada e os aviadores

Os barcos surgem de todos os lados cheios de gente: são americanos que veem de bordo dos navios de guerra e gente de terra: um policia prohibe a approximação ao avião de toda a essa gente curiosa, mas os barcos augmentam sempre de numero. A gente dispersa das ruas e praças vizinhas do mar e todos commentam o prodigioso acontecimento. No programma das homenagens a prestar aos heroes da travessia está incluido um chá no governo civil offerecido pelo governador para o dia seguinte, para o qual se achavam convidadas as auctoridades e varias entidades burocraticas e pessôas do mundo representativo da Cidade, quando apparece á hora em que se dispunham os convivas a festejarem os hospedes americanos, o outro avião que estava no Fayal, trazendo a seu bordo outros seis officiaes distinctos da Marinha dos Estados Unidos, o tenente Commandante A. C. Read, o tenente Walter Hinton, alferes porta bandeira Herbert C. Rodd (telegraphista de bordo), o mechanico Roads, engenheiro J. L. Bruse Jnr e o primeiro tenente e piloto do avião C. P. Stone e todos elles vão receber ao Palacio do Governo as calorosas saudações dos michaelenses enthusiasmados. São estes seis bravos officiaes que no dia 27 pelas nove horas da manhã largaram da boia d'amarração junto do aterro o vôo ao avião na direcção de Lisbôa e pelas 6 horas (horas michaelenses) entravam triumphantes no Tejo, e no sabbado 31 chegaram a Plymouth, realizando a maior prova demonstrativa do poder da civilisação no seculo XX.

ARMAZENS COGUMBREIRO

Esquinas das Ruas Manuel Ignacio Corrêa e Machado dos Santos

MODAS

Confecções para senhoras e creanças

Lãs e sedas nacionaes e estrangeiros

Chapeus, guarda-sces e bengalas

Louças e vidros

ARTIGOS DE RETROZEIRO

Calçado do melhor que se fabrica no paiz pelos ultimos modêlos

Variedade em artigos de aluminio e ferro esmaltado

MEIAS, PEUGAS, CAMISOLAS E OUTROS ARTIGOS DE MALHA

ARTIGOS PARA BRINDES

Tecidos para reposteiros, passadeiras, etc,

COGUMBREIRO & C.ª

PONTA DELGADA, SAM MIGUEL-AÇORES

Fabrica Atlantida

Andrade & Mello

MARCA REGIST.

Manipulação de Licores, Cognacs e Xaropes pelo sistema mais moderno e aperfeiçoado

Alguns typos de licores : Triplice Atlantida—Abaditine—Abade—Curação d'Hollanda—Anizete d'Hollanda—Menthe Glacial (verde)—Creme de Cacau e Baunilha Aniz Christalisado (escarchado) etc. etc.

Não temem confrontos nos preços nem em qualidades

Fabricantes do excelente xarope **TUTTI FRUTTI.**
O melhor entre os melhores.

Deposito e escriptorio : Rua Almirante Reis

Ponta Delgada—S. Miguel—AÇORES

RAPOSO D'AMARAL, SEVERIM & C.ta

(Casa Bancaria)

Depositos á ordem e a praso

Emprestimos sobre letras, hypotheras. titulos, acções, etc.

C/CORRENTES

saques sobre o Paiz e Extrangeiro

Seguros na Companhia de Seguros «SAGRES»

ADMINISTRAÇÕES e todos os demais negocios bancarios

MARCA REGISTADA

E' o chá nacional que melhor aceitação tem nos Açores, Madeira e Portugal

Jayme Hintze

GORREANA—S. Miguel, Açores

Á venda em todos os bons estabelecimentos

Pedidos ao depositario

Henrique Pereira da Costa

PONTA DELGADA

Cortes de fato!

Em boas casimiras e lindos padrões

desde 12.500 reis

Colossal Sortimento!

Receberam

Sousa & Carbaso

LOJA DO POVO

Frente da Matriz

INDICE

PAG.

João Gonçalves Zarco por J. d'A. A. de Bettencourt 113

Bernarda Ferreira de Lacerda e Fernão Corrêa de Souza—por Ayres Jacome Corrêa 118

Historia do Descobrimento das Ilhas dos Açores e sua denominação de Ilhas Flamengas—pelo Dr. Jules Mées, traducção de Ayres Jacome Corrêa 137

Novos Subsidios para a Ethnographia e para a Historia da Arte Portuguezas– por Luiz Bernardo L. d'Athaide 165

Chronica da Locomoção Transatlantica 185